

Às vezes, não ter
o controle é
libertador.



Sonhos em flor



Estelle Laure





Sonhos
em
flor

The text "Sonhos em flor" is written in a black, cursive-style font. The word "Sonhos" is on the top line, "em" is on the middle line, and "flor" is on the bottom line. The text is decorated with small, stylized grey flowers and leaves. One flower is positioned above the "S" in "Sonhos", and another is to the right of the "r" in "flor".



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Sonhos em flor



Estelle Laure



Título original: *But Then I Came Back*

Copyright © 2017 por Estelle Laure
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Literária Riff.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Janaína Senna

preparo de originais: Fernanda Lizardo

revisão: Cristhiane Ruiz e Rebeca Bolite

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Marion Deuchar

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L41s

Laure, Estelle

Sonhos em flor [recurso eletrônico] / Estelle Laure; tradução de Janaína Senna. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital

Tradução de: *But then I came back*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-739-1987 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Senna, Janaína. II. Título.

17-46144

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Chris – Com você, estou desperta

Uma solidão com dez braças de profundidade
Escora o leito onde nos deitamos, meu bem-querer:
Embora eu te ame, preciso que salte;
Nosso sonho de segurança terá que desaparecer.

— W. H. Auden

ANTES

(novembro)

A CULPA É TODA DA INTERNET

Sua mãe fez uma torta de tequila com limão para a sobremesa. Você nem provou porque sobremesas sempre têm sabor de excesso, mas passou a mão na garrafa de Patrón Silver que ela usou na receita e fugiu para o rio. E você ia precisar da bebida porque teria que descer o morro no meio da noite e seu casaco de couro não era quente o bastante para aquele início de novembro. Você foi burra e teimosa e não queria usar um casaco mais grosso porque isso a engordava. Tampouco tinha qualquer proteção para a neve. Nem mesmo coturnos, sua idiota. Estava de sapatilhas. Sapatilhas com esse tempo, Eden! Mas levou a tequila também porque, à exceção daquela conversa bem estranha que tiveram no Fred's, restaurante onde Lucille trabalha, fazia seis semanas que vocês não se falavam, e você pensou que talvez fosse bom contar com uma ajudinha para ambas. Apesar disso, porém, você não culpa a tequila pelo que está acontecendo agora.

Culpa a internet. Pois foi na internet que achou um site e ficou sabendo que ia haver uma superlua épica, dessas que só acontecem a cada cinco anos, e que o Universo lhe pedia para mudar de atitude.

Mexa-se ou será arrastado, dizia o tal site. Era como um alerta de tempestade para a alma. Quase dava para ouvir a voz, quase dava para ver o

sujeito na tela usando um terno vagabundo e acenando para enfatizar o que dizia.

Um verdadeiro apocalipse está vindo do Sudoeste a cerca de 120 quilômetros por hora, é o que você o imagina dizendo com aquela voz agressiva. Os cidadãos devem ficar de sobreaviso. Ele se destina a todos nós, mas estou me dirigindo particularmente a Eden Jones. Caramba! Este tem endereço certo, garota. O Departamento de Segurança Pública recomenda que você pare de agir como um ser humano normal e fique trancada em casa. De preferência para sempre.

Se você fosse ingênua o bastante para acreditar num universo que se comunica com os seres humanos (coisa que você não é); um universo com o qual pudesse efetivamente manter uma conversa (coisa que não pode), ia se perguntar por que ele usa aquele blá-blá-blá incompreensível e cheio de estática, formado por planetas e símbolos, achando que as pessoas vão entender alguma coisa.

De início, você desconsiderou o alerta da internet porque astrologia é uma bobagem ridícula, mas depois, como a semana se revelou um verdadeiro desastre, acabou se perguntando se aquilo tudo seria mesmo besteira. As coisas ficaram tão feias que você terminou paranoica em relação à tal lua e ainda mais irritada com a internet, afinal o cérebro é tão poderoso que bastou ler o alerta para ele se tornar verdade. Mas quando Lucille mandou uma mensagem dizendo que precisava vê-la, você achou que, se fosse até lá, as coisas voltariam ao seu entediante ritmo normal, em vez de seguirem para aquele extremo ao qual vinham se encaminhando. Secretamente (até para si), acreditou que poderia acalmar a entidade confusa e inexistente que estava se divertindo à sua custa se fosse ao encontro de Lucille depois de ter sido tão babaca no momento em que ela mais precisou de você.

Claro que nunca foi sua intenção ser mesquinha com ela. Você sempre afirmou que detestava as meninas nojentas da escola e que jamais seria uma delas. Mas desde que Lucille concluiu que seu irmão gêmeo quase-noivo e recém-pegador do pedaço é, na verdade, a alma gêmea dela, você tem tido muita dificuldade em conviver com a sua amiga sem experimentar impulsos

violentos. Sempre que Digby vem com aquela história de estar apaixonado por Lucille e por Elaine, expressando sua angústia e dizendo como está dividido entre o certo e o errado, *e aí, o que devo fazer?*, você fica com vontade de agarrar Lucille pelos ombros e sacudi-la até que a cabeça da garota se solte do pescoço.

Porque, antes de mais nada, se uma garota quer algo da vida, ela nunca deve se colocar no drama de outra pessoa, muito menos ser o pivô desse drama. Em segundo lugar, traição é algo sórdido e vulgar. E terceiro: esse é um conflito de interesses nem um pouco interessante, mas sobre o qual todos querem falar. No início, esse desastre horroroso (porque é um desastre) merecia alguma atenção; só que, depois de certo tempo, você começou a achar a coisa toda simplesmente patética.

Assim, com a tal lua surgindo no céu aquela noite, lá estava você na sua pedra, aquela pedra bem lisa na beira do rio, a mesma que, quando criança, você fingia ser seu trono. E continua fingindo, já que se imagina uma rainha, e o rio é seu reino. Aquela margem, tomada por pedras, árvores antigas e com um velho vagão de trem, é seu lugarzinho particular. Nessa época do ano, os salgueiros estão desfolhados e só exibem o brilho da geada. São suas árvores favoritas porque sabem se curvar diante de uma dama, mas também porque, se fizermos um corte profundo no tronco, elas choram.

Lucille estava chorando, sentada ao pé dos salgueiros. Parecia uma bola de neve gigante com o casaco e o gorro, e todo o gelo que havia em você começou a derreter assim que ela se virou, mordendo o lábio, roendo as unhas até o sabugo, cruzando e descruzando as pernas, sem parar um minuto sequer e pedindo desculpas a cada movimento que fazia.

Uma garota com o coração nas mãos.

Você ficou feliz por ter ido até lá para poder se lembrar do amor enlouquecido, apaixonado que sentia por ela, e do qual foi tão sofrido tentar se esquecer, mas também tinha outras ideias. Sua mente, num verdadeiro turbilhão, não parava de remoer pensamentos sobre a mediocridade provinciana dessa cidadezinha em Nova Jersey, sobre seu futuro que nada mais era do que um caminho lamacento e interminável. Fumar três cigarros,

um atrás do outro, também não estava ajudando em nada. Aquilo tudo estava tomando seus pulmões. Eles estavam doendo, assim como sua cabeça e seu estômago. E você sabia que precisava – mas não conseguia – parar de fumar daquele jeito.

– Sinto muito, de verdade, pela coisa do balé. – A voz de Lucille fez você grudar na pedra exatamente no instante em que estava a ponto de se levantar e lhe dizer que ia embora para casa. – Você devia continuar.

– Ah, mas com certeza eu vou continuar. – Você teve que se esforçar para não pensar naquela mulher lá em Nova York, com o corpo ossudo debruçado na sua direção e sussurrando ao seu ouvido horrores sobre o seu futuro. – Só que agora eu sei que não vai me fazer bem nenhum. Negação é para fracassados. – E você falou em alto e bom som porque Lucille precisava ouvir aquilo tanto quanto você mesma. – Encare suas merdas e siga em frente. Se não, você vai ficar velha e deprimida, além de se transformar em uma pessoa assustadora com dilemas inúteis. É verdade. – Você deu uma última tragada no cigarro. – Olhe ao redor.

Lucille deu um risinho nervoso, mas aquela previsão muito cômoda não tinha graça nenhuma. E era absolutamente possível. Talvez até provável. As pessoas se instalam diante da televisão e nunca mais se levantam dali porque exige um esforço muito grande. Às vezes, ainda que nunca tenha expressado isso, você acha que seria infinitamente mais fácil desejar uma vidinha besta. Adoraria ter uma daquelas cadeiras reclináveis e uma mente boba e submissa, não essa que parece mais um polvo se debatendo do que um peixe-boi nadando tranquilamente.

Você apagou o cigarro e ficou na ponta dos pés. Esticou bem o corpo, ergueu os braços e perguntou à lua se ela estava satisfeita, agora que você tinha ido até ali e feito o possível para mudar o rumo das coisas e evitar a tempestade, demonstrando respeito e tratando de reconstruir sua amizade com Lucille.

Foi então que... aconteceu.

Seus pés se desestabilizaram como se fosse uma resposta.

Você escorregou no gelo, tentou não perder o equilíbrio. Tudo aconteceu

rápido demais.

Você quis pedir ajuda a Lucille, mas, antes mesmo de conseguir fazer isso, veio a pancada na cabeça. Um barulho bem alto. Dor. Você tentou reagir. Em vão. Já estava dentro da água.

Esperou perder a consciência, mas não perdeu. Pelo menos, acha que não. Suas pernas batiam nas pedras e a água ia entrando nos seus pulmões com mais força do que a fumaça, mas de um jeito igualmente doloroso.

Era um momento de crise. Você sabia disso no seu cérebro de polvo agitado, mas não registrou a informação. Porque você não era mais você. Não estava nem perto de ser você. Não mesmo. Não era sequer humana. Não, garota. Você era o vento folheando as páginas de um livro; era um mar de grama oscilando. Era o salgueiro, chorando, chorando e ao mesmo tempo cantarolando uma cantiga de ninar, e a sensação era gostosa, linda, infinita.

Ei! Preste atenção!

O que lhe digo é um lembrete.

Porque agora você não pesa nada e precisa se lembrar disso para não se esquecer de quem é.

Eden Jones. Eden Austen Jones. Dezessete anos. Filha de John e de Jane Jones. Irmã gêmea de Digby Riley Jones. Melhor amiga de Lucille Bennett. Mora em Cherryville, Nova Jersey, naquele loteamento novinho no alto do morro. A casa dos sonhos dos seus pais. Você mesma escolheu o carpete do seu quarto e a cor das paredes. Você é bailarina. Coleciona trechos de livros escritos por pessoas mais sabidas do que você, quase todas já falecidas. Anota todos esses trechos e fica repetindo em voz alta até decorá-los. Sonha com a fama. O que há, pois, num nome? Aquilo a que chamamos rosa, mesmo com outro nome, teria o mesmo doce perfume. Para você, isso não quer dizer nada e quer dizer tudo e você não está nem aí.

Foi por isso que se deixou levar.

É tão gostoso não ser nada além de uma cantiga num rio...

Nome da paciente: Eden Jones

Escala de Coma de Glasgow

Abertura ocular: Nenhuma (1)

Melhor resposta verbal: (Nenhuma) (1)

Melhor resposta motora: (Nenhuma) (1)

Resultado: 3

Prognóstico: Precário

LUCILLE E EU FICAMOS DE CALCINHA E SUTIÃ

Estamos no verão e a água está gelada. Fico praticamente o tempo todo mergulhada até o pescoço, embora não tenha mais ninguém além de nós duas ali. Minha mãe ainda compra minhas calcinhas na seção infantil e, por isso, tanto a calcinha quanto o sutiã que uso têm umas borboletinhas.

Já tenho 13 anos, mãe, é o que vivo dizendo.

A. Mulher. Não. Ouve.

Lucille está usando um sutiã de verdade, daqueles que são abotoados nas costas em vez de enfiados pela cabeça. E é rosa. Tem até renda, porque a mãe dela a trata como uma pessoa. Ela também tem carne suficiente para encher o bojo do sutiã, ao passo que eu pareço mais um cabide humano. A calcinha que ela está usando é preta e bem cavada. Ela fica até com um ar perigoso, como se, por acidente, pudesse nocautear alguém com um rebolado. *Bum. Caiu.* Quando tiramos a roupa para entrar no rio hoje, nós duas tentamos nos cobrir com as mãos. Senti o estômago ferver nesse momento.

Não dá para ver Lucille, mas sinto que está por perto, se remexendo sem parar. Não, *remexer* não é a palavra exata. Na verdade, ela está deslizando, cortando a água com o corpo, como se fosse uma faca. Ela se mudou para Nova Jersey vindo de Los Angeles, onde morou quando era mais nova, e

sempre diz que, antes da morte da tia e de os pais herdarem a casa ao lado da minha, ela vivia na praia, surfando com o pai. Mas seja lá o que ela tenha feito em L.A., nós duas não lidamos com a água do mesmo jeito. A água e eu, nós dançamos.

Temos que ficar praticamente o tempo todo nos lugares onde o rio é mais tranquilo porque a minha mãe é tão... argh... *controladora*, como diz meu pai. Cisma que vamos nos afogar se nos afastarmos muito, se deixarmos a correnteza nos levar. *E pode ser que venha até uma tromba d'água*. Sempre pensamos que ela estivesse blefando quando dizia que viria nos vigiar, mas, depois de ter nos seguido algumas vezes, toda sorrateira, paramos de ir muito longe e ela acabou nos deixando em paz. Até que enfim.

Mesmo assim, eu gosto de ir para um trecho do rio que não dá pé, assim posso praticar meus exercícios de balé sem ficar com hematomas ou bolhas. Não me queixo disso com os outros porque faz parte da vida de bailarina, mas nem por isso os machucados doem menos.

Primeira posição, segunda, terceira.

A pessoa tem que ser eficiente no próprio tempo, como se diz, e um dia vou ser a mais célebre bailarina de todos os tempos. Por todo lado, só vai se ouvir *Anna Pavlova? Mikhail Baryshnikov? Nada disso! Agora é Eden Jones. Prestem atenção nesse nome*.

Mamãe e papai nos dizem, a Digby e a mim, que a eficácia e a persistência são o segredo do sucesso. No esporte, nos negócios e no cuidado com os dentes. Passo a língua pelo aparelho e viro o rosto para o sol, para que queime minhas bochechas. Gosto do jeito como ardem. Bastam cinco segundos para eu ficar queimada, por causa do meu tipo de pele, portanto, não adianta lutar contra isso, a menos que eu vá passar as férias de verão com roupa dos pés à cabeça.

Lucille joga água em mim e os respingos parecem até um pó mágico.

Faz pouco tempo que comecei a dizer palavrões. Adoro, então aproveito para praticar com Lucille, experimentando o som duro das consoantes, os sibilados, a sonoridade do *p*. E saio nadando atrás dela.

Ela agarra uma das minhas pernas e me puxa. Ergo os braços, não para

tentar não afundar, mas porque devemos ser tão graciosas na vida quanto somos no palco, nos exercícios, a todo instante. É o que diz Madame Renée.

Afundo.

Submergir. Adoro essa palavra.

Nas aulas de biologia do sétimo ano, estudamos os olhos. Isso meio que os estragou para mim, pois passei a avaliá-los aos pedaços. Não consigo evitar. Não sei se eles são as janelas da alma, como costumam dizer por aí, mas revelam algo muito importante. Aqui na água, com Lucille, nós duas de mãos dadas, dissecos os olhos dela, aqueles olhos que conheço tão bem.

Íris: azuis.

Pupilas: dilatadas.

Cílios: longos e escuros.

Esclerótica: branca.

Mais...

Pele: bronzeada.

Cabelo: louro.

Lábios: de modelo (que saco isso!).

Pernas: compridas.

Seios: presentes e bem visíveis.

Curvas: maravilhosas.

Lucille: melhor amiga.

Ela balança a cabeça para a frente e para trás e seus cabelos se abrem num halo de algas marinhas.

Mas tem alguma coisa errada.

Ficamos debaixo da água por um bom tempo e Lucille está se modificando.

Seu rosto está ficando simultaneamente mais comprido e menor. O cabelo vai caindo e se espalhando. Não são mais os olhos de Lucille.

Íris: verdes e castanhas com as bordas azuis.

Pupilas: loucamente dilatadas.

Cílios: curtos e pretos.

Esclerótica: quase imperceptíveis.

Pele: morena.

Cabelo: uns poucos tufos.

Lábios: o superior é mais fino.

Pernas: musculosas.

Seios: não tem quase nada nessa área.

Curvas: nenhuma.

Nome: desconhecido.

A garota que não é Lucille, que tem tatuagens de anjos nos braços, abre a boca como se estivesse tentando me dizer alguma coisa. Umas bolhas sobem à superfície. É onde quero estar. Bato as pernas, mas ela me detém e agarra meus pulsos.

Ela não me larga.

Uma flor brota de seus lábios. É preta. Uma criatura aquática que sai nadando.

Quero subir. Emergir. Sair.

Começo a me debater para me soltar. Volto a olhar para ela. Quanto mais subo, mais ela afunda. Chego à superfície, ergo os braços para o céu noturno, para o meu corpo mais alongado e aterrisso no meu quarto.

Agora.

Sei que é agora, e não outro momento qualquer, por causa dos pôsteres na parede e dos pares de sapatilhas alinhados, desde o primeiro, quando eu tinha 8 anos, até o que comprei no ano passado. Também sei porque o meu livro continua ali em cima da mesinha de cabeceira. Meu diário ainda está num canto da escrivaninha. Minhas fotos com Lucille presas no painel. Dentro da escrivaninha há uma caixa cheia de citações, diários que compro jurando que vou usá-los e fotos de apresentações de balé que nunca olho e que estão enfurnadas lá no fundo. Pedacos de mim.

Quero me deitar na cama, debaixo das cobertas aconchegantes, e dormir para esquecer tudo.

Mas não dá para fazer isso porque Digby e Lucille estão ali, suas cabeças num emaranhado de ruivo e de louro. Salto entre eles para separá-los e acordá-los, mas atravesso o ar e caio no chão. Repito o movimento mil vezes.

Quando tento passar pelos dois, há uma espécie de ondulação gelatinosa, mas eles continuam dormindo.

Será que sou um fantasma?

Isso seria tão legal. Acho que triste também, mas eu daria uma excelente assombração. Ia enlouquecer as pessoas.

É importante encarar a realidade, mas, para fazer isso, a pessoa tem que saber o que é realidade. Tem que saber, por exemplo, se ela ao menos é uma pessoa de verdade; por isso resolvo tentar de novo, embora já esteja ficando de saco cheio dessa história toda. Grito bem na cara deles, pulo na cama. Dou uma olhada à minha volta, procurando algum sinal de vida após a morte, algum sinal de outras entidades fantasmagóricas. Meio que espero ver minha avó sentada perto da janela, fumando um cigarro e me dizendo, entre baforadas, que está na hora de eu ir com ela para a luz.

Não tem luz nenhuma. Também não tem nenhuma avó. Só essa versão parcial de mim, de Digby e de Lucille.

Subo na cama e apoio a cabeça nas mãos. Não estou cansada, nem com fome. Nem mesmo estou com raiva. Não estou nada. Adoraria estar com meu celular.

A boca do meu irmão está escancarada e ele ronca a cada três respirações. Depois de ficar observando os dois por tempo suficiente para surgirem e desaparecerem várias civilizações e para eu começar a tentar descobrir como seguir adiante estando morta, Lucille acorda como se estivesse nadando até a consciência, partindo de um ponto bem distante, com o cabelo claro preso num coque, o rosto amassado e marcado pelas dobras da franha, os olhos pesadamente semicerrados. Sorri para mim de um jeito preguiçoso, ainda cheia de sono.

Vou me aproximando bem devagar, não quero assustá-la e nem sei se ela consegue me ver. Quero lhe perguntar se estou morta. Chego perto e tento abraçá-la, mas passo por ela e pela parede e, de repente, antes mesmo de perceber o que está acontecendo, estou ao lado de minha mãe como se Lucille tivesse se distanciado.

Minha mãe está vestida da cabeça aos pés, deitada de bruços em seu

colchão de espuma, em lençóis de algodão cor de café com leite. Acho que está dormindo, mas de repente ela geme, o rosto enfiado no travesseiro. Está chamando meu nome. Em sua mão direita ela segura uma foto minha numa moldura que eu mesma fiz, um troço de madeira muito mal pintado de verde. Na foto, estou de maria-chiquinha, sardenta, com um sorriso meio torto e os dentes encavalados e com janelinhas. Acho que as mães devem lamentar por cada versão dos filhos que deixa de existir, por cada dia que passou com eles e por cada dia que nunca virá.

Devo estar morta.

Não sei como me sinto a respeito, mas sei que não gosto de ver minha mãe tão arrasada pela minha ausência. Eu me debruço sobre o seu corpo esguio e rijo. Mas quando me pergunto se é ruim estar morta, mesmo tendo minha mãe perto de mim, a resposta é uma só.

Não.

Mamãe estremece violentamente, como se tivesse ouvido meus pensamentos, como se estivesse sob a ação contínua de um desfibrilador. Ela faz uns ruídos animais, agarrando o travesseiro com os punhos cerrados. Seus sinais vitais estão parando.

Pisco.

Quiétude.

Estou em lugar nenhum, num espaço vazio, cercada de branco por todos os lados.

Um botão de flor escuríssimo e aveludado brota das linhas da palma da minha mão pálida. À medida que vai se abrindo, as pétalas de ônix vão ondulando, e de seu miolo surgem umas gotas de orvalho amarelas e pegajosas que flutuam à minha frente, como se nada as prendesse e não houvesse gravidade.

Umaz vozes circulam ao redor e reconheço algumas. Identifico a de Reggie, um dos melhores amigos que já tive na vida. Ele está falando de biquínis, dizendo como escolher o modelo perfeito. De acordo com ele, eu não devo nem tentar usar fio-dental, por causa da minha bunda vergonhosamente achatada. Aí me lembro de uma vez, quando tínhamos 5

anos e eu chorei loucamente porque não íamos para a mesma turma do jardim de infância. Reggie chorou também. E criamos tanto caso com essa história que nossos pais pediram à escola que nos pusessem juntos.

Uma pétala cai da flor e sai flutuando, bem como um rastro de pânico.

A voz da minha mãe, baixa e trêmula.

Mas se amo os teus pés é só porque andaram sobre a terra e sobre o vento e sobre a água até me encontrarem.

Pablo Neruda.

Perco mais três pétalas.

Estou loucamente preocupada. Uma vida inteira de recordações com minha mãe bem diante de mim e não posso ignorá-las.

A Eden Jones dentro de mim se fecha como uma camisa de força enquanto o resto da flor cai da minha palma e desaparece.

Finalmente, minha Lucille fala. Sua voz não está trêmula.

– Acorde, Eden – diz ela. – Você vai acordar.

E ACORDO

Bipes...

Tubos por todos os lados. Saindo da minha garganta, da minha barriga. Eles bombeiam e gemem. Tem alguma coisa de plástico ou de borracha no meu nariz, e esta coisa também está grudada na pele da minha garganta como uma lesma parasítica.

Estou toda ligada a um conjunto de aparelhos. Umas pessoas de roupa azul-clara chegam atabalhoadas ao meu redor enquanto eu me debato. Não consigo parar. Tem tanto barulho, tanto chacoalhar e tantos apitos por todos os lados...

– Ai, meu Deus! – Ouço uma voz de mulher. – Meu Deus do céu! Ela acordou! Eu sabia. Sabia que ela ia voltar! Olhem! Ela está rindo. E talvez chorando também. Saíam da frente – diz. – Abram caminho.

– Eden? – É Digby. – Eden! Eden, Eden, Eden! – Ele deve estar chorando também. – Você... – diz ele. – Você está mesmo...

Quero arrancar aquelas coisas de mim, aquilo tudo, tirar. Sou um par de meias do avesso, revirada, com todas as entranhas à mostra. Quero lhes dizer para não tocarem em mim, para irem embora, mas quando abro a boca, não sai som.

– Pare – diz uma das Azuis. É a mesma voz que gritava e dava graças a Deus ainda agora. – Pare com isso, Eden Jones. – Ela disse o meu nome. Sabe quem eu sou. Seu tom está firme, não parece que está fingindo. – Você

vai se machucar se não parar agora mesmo. Tem que ficar com os tubos dos medicamentos e da alimentação até se estabilizar. Só então tudo poderá ser retirado da forma adequada.

Ela ajeita os tubos que pinicam e espetam. Esperneio feito um bebê, resisto, embora já saiba que não deveria, que não vai ser nada bom para mim. Quero morder alguma coisa, qualquer coisa, tudo.

A Azul chega mais perto, segura meu rosto usando as duas mãos e me encara bem nos olhos. Dá até para ver seu delineador preto e seus lábios pintados cuidadosamente de rosa.

– Sei que está desorientada e assustada, querida, mas precisa relaxar. Você sobreviveu. – Ela solta meu rosto. – Você já conseguiu. Agora, como eu disse, relaxe. Relaxe. Estamos cuidando de você.

Toco o tubo na minha garganta.

– Não tente falar por enquanto. Seu corpo precisa de um tempinho para relembrar as funções. Ele se esqueceu, querida.

Ela sorri e vejo que é gentil e bem bonita. Fico quieta.

– Eden.

É a voz de Digby de novo. Meu gêmeo. Seus olhos verdes ofuscam a Azul, e, atrás dele, Lucille, que toma uma das minhas mãos entre as dela.

– Quietinha – diz a Azul, como se eu fosse um cachorrinho levado. – Tem visita para você, garota de sorte.

Ela me solta e não me mexo. Quando se certifica de que não vou voltar a me debater, ela se afasta sem tirar os olhos de mim, como se eu fosse aprontar no instante em que parasse de prestar atenção.

– Você está bem. – A frase é tanto uma pergunta quanto uma resposta. Digby entrelaça os dedos na minha mão livre. – Bem... – prossegue. – Quase. Quer dizer, agora você está bem. Aconteceu um acidente. – Fecha a boca e aí volta a abri-la. Parece até um peixe. Quando sorrio, sinto meus lábios rachados e ardidados, como se alguém os tivesse cortado com gilete. Fico enroscada em posição fetal. Preciso de água.

Água.

Tinha água, o rio, o nado, meu quarto, minha mãe, as flores. Perdi alguma

coisa. Tem água aqui, agora, respingando na minha pele. Escorre pelas minhas têmporas, molha meu cabelo.

Digby olha ao redor como se procurasse ajuda. A Azul assente para ele, gesto que percebo, e começa a remexer nos tubos, bolsas e botões mais uma vez.

– Eden – diz Digby com firmeza. – Preste atenção. Você estava em coma.

O teto se racha em quadrados que, por sua vez, se abrem em outros quadrados, e assim por diante.

– Passou um mês assim. Está entendendo?

Faço que sim com a cabeça. Mas como um mês? E onde? Aquele momento entre a água e aqui se estendeu por uns 45 minutos, talvez uma hora, no máximo um dia. Não foi? Deito a cabeça num travesseiro. Noto um pedaço careca ao encostá-la na fronha.

– Eles furaram seu crânio para aliviar a pressão no cérebro assim que chegou aqui – prossegue Digby. – Você bateu a cabeça. Foi por isso que raspavam seu cabelo. Está tudo bem. Não tem nenhum dano permanente.

E se semicerrar os olhos do jeito certo, você consegue fazer os quadrados do teto começarem a rodopiar.

– Ah, Eden – diz Digby. – Não se preocupe. Você continua feia como antes.

Lucille lhe dá um tapa.

A Azul olha feio para ele, se mete entre nós dois e passa alguma coisa fresquinha nas minhas têmporas. Pede silêncio, faz um *tsc* e se apresenta como Rita.

– Abra a boca um pouquinho, querida.

Então passa uns cubos de gelo nos meus lábios, na minha língua ressecada e na parte interna das bochechas. Nunca na vida senti algo tão espantoso e perfeito quanto aquele frescor.

– Eden. – Digby passa o dedo por dentro da manga da camisa, gesto que ele só faz quando está estressado. – Entendeu o que eu disse? Que você ficou em coma?

Mais uma vez, faço que sim com a cabeça e engulo. Minha garganta não

está ajudando.

– Deus. – Ele deixa a cabeça cair entre os braços. – Não sei como fazer isso.

Lucille começa a fazer carinho nos meus braços, desenhando pequenos círculos. Dói muito. Principalmente por dentro.

– Estão dizendo que, desta vez, você vai ficar acordada – explica ela, fungando. – É o máximo, não é? Como um milagre.

É mesmo. É o máximo.

– Porque você piscou três semanas atrás, e achamos que estivesse acordando. Só que não acordou – diz Digby. – Ficamos bem arrasados.

– Você caiu – conta Lucille. – Lembra disso? Você escorregou. No lugar onde estava em pé. Não consegui segurá-la. Tudo aconteceu tão depressa... Desculpe.

– Lucille salvou sua vida – observa Digby. – Quer dizer, ela pulou depressa no rio e tirou você de lá. Se não fosse por isso...

Ele ajeita uma mecha de cabelo de Lucille, colocando-a atrás da orelha. Ela fica tão vermelha que a orelha em que ele roçou fica parecendo até um sinal de trânsito.

– Já disse para você parar com isso – reclama ela. – Pare de dizer isso. Ela só foi até lá por minha causa...

Digby lhe dá um beijinho breve, discreto, mas é o bastante para me dizer que eu não tinha imaginado aquele lugar Intermediário ou eles dois deitados na minha cama. Tudo aquilo foi real. Tão real quanto este hospital, quanto estas luzes fortíssimas horríveis, quanto esta medonha coberta cor-de-rosa.

Lucille está com o cordão de meio pingente de melhores amigas que compramos quando tínhamos 10 anos, usa brincos de argolas prateadas e seus olhos carregam aquele tom de azul meio enevoado. Digby tem o cabelo igual ao meu e está usando um moletom preto com capuz por cima de uma camiseta verde e um gorro listrado de verde e branco. Os dois estão lindamente coloridos.

Sinto dor nos braços, nas pernas, no pescoço. Só os meus pés não estão doendo. Esfrego um no outro. Nada de bolhas ou de machucados. Estão

lisinhos e macios.

Afasto as cobertas e me sento. Fico tão tonta que desabo de volta no travesseiro.

– Ei, ei! – exclama Rita ajeitando a coberta em torno do meu corpo como se fosse um casulo. Mas não me sinto como um inseto num casulo. Sinto-me amarrada, presa, imobilizada. – Ninguém vai desmaiar no meu plantão, portanto trate de ficar quietinha. – Ela me lança um olhar bem sério e começo a imaginar como deve ser a sua vida. Será que tem filhos? Ela tem idade para ser uma das minhas colegas de colégio. É bem jovem. Por fim, Rita diz: – Você vai ter que dar um passo de cada vez. Perdeu quase sete quilos e já era bem magrinha. Passou um mês sem andar e sem falar e, ainda por cima, teve uma concussão bem feia. Ou seja, precisa se acalmar.

Quero voltar para aquele lugar com a flor, onde não existia nada. Nenhuma preocupação. Nenhum cuidado. Nem corpo humano, nem vida para viver, nem toda essa gente.

– Os médicos estão chegando – diz ela. – Não se preocupe.

Quero a minha mãe. Quero a minha mãe.

– Mamãe já está vindo – diz Digby, como se tivesse ouvido meu pensamento. – Papai e ela foram jantar bem tarde. – Ele fica remexendo no gorro. – É a primeira vez que um dos dois não está aqui desde que você sofreu o acidente. – O tom é de quem pede desculpas. – Ironias do destino...

Meu coração desacelera e os batimentos ressoam relutantes contra minhas costelas.

Respirei fundo e escutei as velhas batidas do meu coração.

Eu sou, eu sou, eu sou.

Silvia Plath.

Aquelas pancadas surdas vieram pelo meu peito, pelo meu pescoço e se alojaram atrás dos meus olhos.

É, eu sou. Estou de volta a este mundo, um mísero ser humano. Sabem como sei disso?

Porque só a vida dói tanto assim.

Não quero mais forçar minhas pálpebras a ficarem abertas. Elas estão

muito pesadas.

Então fecho os olhos.

Nome da paciente: Eden Jones

Escala de Coma de Glasgow

Abertura ocular: Resposta à fala (2)

Melhor resposta verbal: Vocabulário inadequado (3)

Melhor resposta motora: Flexão anormal (3)

Resultado: 8

Prognóstico: Indeterminado

A GAROTA QUE AFUNDOU NO RIO ESTÁ NO QUARTO BEM AO LADO DO MEU

Levei um minuto para reconhecê-la assim, fora de contexto. Cabeça raspada. Tatuagens de anjos. Foi por isso que tive certeza de que era ela. Éramos as duas únicas em coma. Os demais quartos desta ala do hospital estão ocupados por algumas pessoas bem velhinhas em cadeira de rodas. Em sua maioria, vítimas de AVCs, com o rosto flácido, às vezes até babando. Este hospital é tão pequeno que não tem uma ala pediátrica, pelo menos não para a neurologia, então nos espremeram todos juntos aqui.

Ela, não. Parece até a Branca de Neve em sua urna. Protegida por detrás de uma parede envidraçada. Serena. Como não sei seu nome, resolvi chamá-la de Vasquez. *Aliens – O resgate* é um dos meus filmes preferidos, e Vasquez é a melhor personagem. É durona, sempre pronta para atirar, a única mulher além da tenente Ripley, e mata a criatura. Ela não tem medo daqueles monstros que expõem ácido. Ela não tem medo de nada.

A minha Vasquez tem cabelos pretos que estão começando a crescer em tufos desiguais numa cabeça perfeitamente oval. Não é qualquer um que pode

raspar a cabeça, mas o visual cai muito bem nela. Também tem bilhões de pontos na testa, mas, tirando isso, a pele é morena, exceto no ponto em que as asas das tatuagens espreitam, por baixo das mangas da camisola de hospital.

Só para deixar claro, não acho que esta garota seja mesmo Vasquez. Meu cérebro está caçando alguma coisa capaz de entretê-lo. Ainda não me deram autorização para assistir à TV, para ter um computador, nem mesmo um celular. Preciso de tempo, é o que dizem. De um ambiente sem estímulos. Até que eu volte a ficar bem. Até que eu deixe de estar tão confusa.

Não me lembro exatamente dessa tal confusão. Só que foi tipo um pesadelo acelerado e, pelo que me disseram, durou cerca de uma semana. Em algum momento, achei que meus pais fossem agentes secretos da CIA e que estivessem ali no hospital para me matar. Tenho também uns lampejos de lembranças meio vagas. Quase morrer sufocada com uma sopa de espinafre aos 2 anos, cair da escada, quebrar acidentalmente uma bola de árvore de Natal na mão. Lembranças ruins de quando eu era bem pequena. E não sei por quê. Agora, acho tudo isso meio divertido, mas fiquei com muito medo na hora em que estava acontecendo, como um computador listando arquivos aleatórios enquanto é reiniciado. Acho que já voltei ao normal.

Ontem, quando fui ao quarto de Vasquez (e por “fui” entenda-se “arrastei os pés feito uma velhinha, usando o meu andador”), tinha um garoto sentado na cadeira ao lado da cama dela. Com um cabelo preto, oleoso e desgrenhado, uma camisa de flanela verde e vermelha, uma calça jeans bem folgada, coturnos e uns braços fortes e musculosos. Foi tudo que consegui ver sem colar a cara no vidro feito uma doida. Mas bem que eu queria...

Resolvi chamá-lo de Hudson, por causa do parceiro de Vasquez. Dá até para imaginar os dois usando bandanas, suando e lutando até a morte contra um alienígena que eles não têm condições de vencer porque o bicho vive dentro deles mesmos. Talvez o alienígena tenha sido gerado no cérebro de Vasquez e esta seja a razão de todos aqueles pontos e do coma. Faz sentido.

Claro que estou inventando tudo isso sobre a personalidade de Vasquez e também sobre o fato de Hudson ser seu parceiro e de haver uma tensão romântica secreta e ambivalente entre os dois. Posso estar completamente

enganada. Talvez, nas horas vagas, ela seja adepta de renda branca e de colher flores do campo; talvez goste de um belo piquenique nas margens do lago nas tardes dos fins de semana. Ele também. Talvez eles curtam essas amenidades pastoris.

Mas duvido muito.

Espionar Vasquez é uma opção tanto pragmática quanto óbvia, porque todos os quartos da UTI neurológica têm aquelas janelinhas para que os pacientes (nós) possamos ser facilmente observados.

– Está pronta, querida?

É a minha mãe.

Há quanto tempo está parada ali? Há quanto tempo estou espiando pelo vidro? O tempo não é mais o que era. Vivo perdendo a noção das coisas.

Mamãe pega de leve no meu ombro e engancha o braço ao meu. Dá para perceber que não aprova minha fascinação por Vasquez, e definitivamente não vou tentar lhe explicar o que acontece. Toda vez que paro diante do quarto de Vasquez minha mãe expira com força, como se estivesse lutando para manter a paciência.

Hudson não está aqui hoje, o que é péssimo, já que é difícil pensar nas pessoas quando elas não estão presentes. A cadeira ao lado da cama está vazia. Tadinha da Vasquez. Está sozinha.

– Vamos – chama mamãe. – O médico quer que você se exercite.

Ela está se referindo às caminhadas, mas na verdade eu preciso treinar para voltar a ser humana. Parece que perdi o jeito.

Tchau, Vasquez. Aceno, e tudo que recebo como resposta são bipes.

Mamãe franze a testa (tenho visto muitas testas franzidas).

Dou um tapinha no braço dela. Vamos lá. A flebotomia me aguarda.

Durante todas essas andanças pelo hospital, passando de um setor a outro, ficou estabelecido que:

- Sou a orgulhosa portadora de uma miopatia crítica, o que significa que vivo cansada.
- E também de uma concussão, o que significa que vivo irritada.

- Ainda por cima, preciso de terapia de deglutição por causa da intubação prolongada, o que significa que tenho dificuldades para falar e comer.
- Também fiquei com lesões nos nervos das pernas, o que significa que manco um pouco, e isto pode ou não ser permanente.
- O que por sua vez nos leva à necessidade de fisioterapia.
- Todos os dias.
- E, como bônus: estou pele e osso. Literalmente. Minha pele está tão colada nos ossos que, sempre que troco de roupa, fecho os olhos para não ter que encarar a realidade. É uma visão perturbadora, ainda mais porque eu sempre quis ficar mais magra, mais leve. Só agora percebo o que sobra quando todas as gordurinhas se vão. Não sobra muita coisa. Não mesmo.

Passamos por uma pintura de um vaso, outra de um jardim e, mais adiante, viramos à esquerda na margarida que, à medida que seguimos em frente, vai se transformando de branca em preta. Eu não estou surtando nem tendo um ataque de pânico violento porque não é a primeira vez que isso acontece com as flores. Além disso, estou cansada demais para ter ataques de pânico. Talvez alguns fios tenham se emaranhado quando voltei. Talvez as conexões não tenham se refeito completamente. Porque, desde que acordei, ando vendo flores pretas por todos os lados, como se elas estivessem me seguindo.

Dizem que tudo é possível depois de uma concussão. Meu cérebro sofreu um golpe e tanto. Quem sabe o que pode acontecer quando a massa cinzenta é atingida? Uma vozinha, porém, fica me dizendo que não é nada disso. Ela me diz que eu trouxe lá da morte alguma loucura comigo se essas flores são tão reais quanto qualquer outra coisa que eu consiga ver ou tocar. Melhor ignorar essa tal voz, eu acho. Melhor sufocá-la até que suma.

Uma pétala cai no chão bem à minha frente. Piso nela e então tiro uma caneta do bolso e rabisco.

Livro, escrevo. E ponho um ponto de interrogação.

Como não posso falar muito, esse bloquinho é tudo que tenho.

Minha mãe dá uma olhada no papel e depois em mim. Então ajeita o cachecol horroroso em volta do pescoço com a mão livre. Fui eu que tricotei aquele troço para ela na época em que, junto com Lucille, tentava fazer artesanato. Mas logo ficou óbvio que eu não era um gênio das agulhas.

– Eles estão lá no seu quarto, querida – diz ela. – Seus livros.

Trouxeram vários dos meus preferidos que estavam na estante de casa. Estão todos enfurnados numa sacola roxa de mercado onde se lê mercado dos produtores de cherryville. Aquela sacola me deu uma saudade danada de casa. Mas era uma bela seleção de livros. Alguns de meus autores favoritos. Steinbeck, uma coletânea de Faulkner, Cormac McCarthy. E também as mulheres. A poesia de Anne Sexton, Alice Hoffman, Anne Tyler, Patti Smith e *Song of Solomon*, de Toni Morrison, um verdadeiro suspiro contido encerrado em papel. Normalmente, isso seria o suficiente para me manter ocupada, mas ainda não consegui me animar a lê-los.

EXPERIÊNCIAS DE QUASE MORTE, rabisco. Tudo em maiúsculas. Minha mãe me lança um olhar confuso. Então sublinho as palavras.

– Para que vai querer isso?

Apesar de estarmos paradas, mamãe continua segurando meu braço com firmeza. Supostamente, é para eu não cair, mas na verdade é ela quem corre maior risco de desabar. Mamãe também não anda muito bem desde que acordei. Está meio fora do ar. Em geral, ela é pilhada, sempre atarefada e não aguenta bobagens. É feita de aço. Ou era. Mas agora vive sobressaltada, como se estivesse sempre tomando sustos com barulhos que ninguém mais ouve.

– Por favor – sussurro.

Faço pausas para engolir diversas vezes. Falar continua sendo o equivalente a flexionar o músculo de uma perna fantasma.

– Está querendo um livro sobre experiências de quase morte? Sério?

O corredor se enche com os cheiros de café e desinfetante que saem do posto de enfermagem, como uma onda que se movimenta bem devagar.

Faço que sim com a cabeça.

– Por que está querendo ler sobre isso? Aconteceu alguma coisa?

Dou de ombros. Mamãe é ateísta. Eu também. Era. Já não sei de mais nada. Quero investigar o que aconteceu com outras pessoas. Pessoas como eu.

Mas não estou nem um pouco a fim de discutir esse assunto com ela.

Levo a mão ao peito.

– Veja – diz minha mãe, me encarando –, nosso cérebro faz todo tipo de coisas quando passamos por uma perda de consciência como a que aconteceu com você. Se ele está em perigo, luta. Você pode ter visto imagens, luzes...

Tenho certeza de que ela está certa. Mas como explicar Vasquez? Como é possível explicar isso?

– Você pode conversar comigo – diz ela. – Caso tenha vivenciado alguma coisa. Pode me contar tudo que quiser.

Faço que não com a cabeça.

– Outra hora, claro. Quando recuperar a voz – acrescenta. – Isso não é nada, Eden. Você teve um acidente gravíssimo. Se precisar falar, não quero que tenha medo de me contar o que quer que seja.

Não estou com medo.

Ela é que está.

Faço um carinho no seu rosto na esperança de que ela entenda a deixa e pare de me pressionar. Com a cabeça, indico o final do corredor.

– Mas... – Ela hesita enquanto seguimos bem devagarinho em direção às portas – ... se quiser mesmo livros sobre o assunto, tenho certeza de que podemos encontrar algum.

As portas automáticas se abrem e Hudson está do outro lado, com os braços carregados de flores brancas. São cravos. Eles têm cheiro de doce. *Ele* tem cheiro de doce, tipo uma iguaria. Os olhos dele são como a terra em que essas flores nasceram. A boca é meio retorcida. Os lábios, fartos. As mãos, calejadas. A mesma flanela verde e vermelha de ontem. Quando ele passa, fico perdida naquele rosto impressionante. Não sei o que eu tinha imaginado, mas não era nada daquilo.

Ele também olha para mim. O que será que vê? Uma cabeça ruiva meio careca? Um monstro sardento e manco usando moletom de capuz e uma

legging preta bem larga? Será que ele olhava pela minha janela enquanto eu também era uma garota quase morta em vez de uma quase viva? Será que ele me deu um nome?

As portas se fecham às minhas costas com um ruído resolutivo.

TIRO SANGUE

Mamãe me diz para focar em um ponto e me lembra de que preciso respirar pelo nariz quando me furarem, assim evito um desmaio. O ponto que escolho é seu rosto abatido, que parece tão fino quanto um lenço de papel, como se pudesse voar para longe caso eu soprasse com força suficiente.

– Está tudo bem, querida – diz ela. – Olhe para mim. Só fique olhando para mim.

Na volta, quando passamos pelo quarto de Vasquez, as cortinas estavam fechadas, tapando toda a janelinha. Ao ver a luz verde contra a janela, fico tão cansada que quero desabar na minha cama do hospital ou, melhor ainda, na da minha casa, aquela com a qual ainda não me permiti sonhar desde que acordei. Quero cobrir a cabeça com os meus lençóis macios de algodão e só acordar quando eu for mais do que apenas dor.

Não é possível.

Tudo acontece muito depressa por aqui na parte da tarde e agora já é mais ou menos uma e meia. Madame, minha professora de balé desde que eu tinha 5 anos, proprietária da Cherryville Dance e ex-bailarina do Balé de Manhattan, com uma reputação profissional impecável, está me esperando no quarto. Usa o cabelo castanho preso no coque de sempre, as roupas bem cortadas e elegantes em cores neutras, o leve perfume floral. Está sentada ao lado de Digby, que parece doido para sumir dali de tão pouco à vontade, e

não sem razão. Ela confere um toque de rigidez àquele lugar. Certa pressão. Não porque seja uma babaca ou coisa do gênero, mas porque ver Madame naquele quarto de hospital tão sem graça é como avistar um unicórnio num shopping center.

Ela trouxe uma caixa embrulhada num papel prateado brilhante, que põe no meu colo assim que percebe que eu não a pego de suas mãos. É um presente de Natal antecipado, explica.

Quando Sally aparece para verificar minha pressão, ela dá uma conferida geral na cena. Sally é gentil como todos que vêm aqui, mas não tem nada de calorosa, embora fique cantarolando umas musiquinhas agradáveis meio sem se dar conta. Aparentemente, ela prefere quando tudo está tranquilo e em silêncio, com uma ou, no máximo, duas pessoas no quarto. Acho que é por causa da vida que leva em casa, já que seus filhos e netos estão sempre lá.

Quando Madame começa a falar de dança, de empenho, de tudo que é necessário para isso, Sally ergue as sobrancelhas e faz um muxoxo, mas sei que Madame não tem a intenção de ser grosseira. Pelo jeito como seus olhos percorrem meu corpo de alto a baixo, pelo jeito como suas pálpebras estremecem, percebo que ela está se esforçando para aceitar essa minha nova versão tão impotente. E não é só. As coisas já andavam tensas entre nós antes mesmo do acidente. Estava tudo meio nebuloso.

Adoraria que o pulinho que dei até o outro lado tivesse apagado da minha memória a viagem que fiz com ela para Nova York porque, às vezes, com o tempo e o distanciamento em relação a alguma coisa, você se dá conta de que é um completo imbecil.

É. Isso mesmo.

Naquele dia, eu estava atordoada pela empolgação de ter sido convidada para ter aulas com o Bolshoi. O *Bolshoi*. Era minha sina, meu destino ou, pelo menos, o ponto de partida. Eu tinha certeza disso. O Bolshoi quase nunca vem aos Estados Unidos, mas uma amiga de Madame estava dirigindo uma apresentação especial em Nova York e eles iam ficar na cidade por uns dois dias. Sendo assim, ela providenciou tudo.

Passei dias me preparando como uma perfeita idiota.

Claro que o Bolshoi ia notar meu talento. Obviamente diriam para eu nem me dar o trabalho de arrumar as malas porque iríamos deixar Nova York para fazer uma turnê mundial naquele instante. Na minha cabeça eles iriam comprar tudo novo para mim, um guarda-roupa para complementar meu talento. Aí minha mãe ia chorar; meu pai ia se enfiar na garagem; meus amigos e eu choraríamos juntos. Mas nada disso teria importância. O Bolshoi iria providenciar um sofá tipo aqueles divãs no qual eu poderia me lamentar à vontade. E por fim todos iriam acabar entendendo as pressões da glória e por que precisei abandoná-los.

Fico até com vergonha de pensar nisso, mas não chego a ficar vermelha, porque a sensação de desconforto está aninhada entre minhas costelas, não na minha cara. Melhor assim, ou teria que praticar autoflagelação.

Madame e eu viajamos juntas para Nova York de trem. Todos os pontos da trajetória natural da minha vida foram ligados, formando uma linha clara e eficaz. Eu tinha que continuar naquela direção. Mas o que fazer quando as linhas mudam de lugar sem aviso prévio?

Porque quando cheguei à tal aula, vi os bailarinos fazendo um monte de passos que eu nunca tinha visto e, é claro, jamais tinha executado, nem de longe. Eles eram exatos, precisos. Toda desajeitada, eu dava passos hesitantes, constrangida demais para confessar minha incompetência. Finalmente, enquanto eu suava e me esforçava em vão, a amiga de Madame cochichou ao meu ouvido que seria melhor se eu me sentasse até que eles comessem a ensaiar alguma coisa que estivesse mais no meu nível. Olhei para Madame e voltei correndo sozinha para a estação de metrô.

Minhas pernas nunca tinham sido tão longas. Eu nunca tinha sido tão pequena. Passei dias ignorando os telefonemas de Madame, e então... veio o rio. Se eu fosse mesmo o prodígio que ela tanto louvava, aquela aula poderia ter resultado em mil coisas. Um curso de verão com o Bolshoi, talvez até mais. Não existe nada pior do que uma pessoa burra e imatura circulando toda prosa, se achando o máximo e até afirmando isso com propriedade, de repente perceber que não é nada daquilo e que ninguém lhe dá a mínima; que tudo o que ela pensava a respeito de si mesma fora fruto de sua imaginação,

sem qualquer embasamento na realidade. Descobrir-se apenas uma garota de uma cidade do interior onde não existem talentos com quem se comparar e se tocar de que seus sonhos eram todos mentirosos, assim como os de qualquer outra adolescente triste e patética do mundo. Quando a pessoa vê isso, quando enxerga de verdade e aceita o que viu, o Universo inteiro desmorona.

Fim.

Madame se sentou ao lado da minha cama, ficou conversando com minha mãe e com meu irmão sobre nada em particular. Falaram do tempo, de *Peter Pan*, dos alunos mais recentes que, cá entre nós, nas próprias palavras de Madame, não podem, não devem e nunca vão se comparar a mim. Ela não menciona aquele dia horroroso com o Bolshoi lá em Nova York. E segura meus dedos. Com isso, entendo que fui perdoada ou, pelo menos, que ela ficou com pena de mim. Tento me manter ali junto a ela, mas sinto que vou desaparecendo, sumindo em meio aos lençóis, ao colchão, no piso, nos alicerces do prédio, rumo ao centro da terra. Ainda bem que ninguém espera que eu fale.

Não sei se vou voltar a dançar. Não sei se consigo, se quero. Em sinal de protesto ou de concordância (não sou capaz de distinguir entre um e outro), minhas pernas começam a me dar choques, fazendo com que eu me contorça de dor. Encolho as duas e agarro os joelhos com firmeza.

Finalmente, Madame vai embora. A dor não passa.

Não muito mais tarde, Reggie aparece no quarto ainda suado por conta da malhação, com umas flores brancas que, tenho certeza, apanhou no lixo da casa da mãe e enfiou numa garrafa de Coca-Cola vazia. Fica contando umas piadas bestas e depois diz que minha companhia não tem a menor graça, já que não posso falar como antes, e aí acaba derramando umas lágrimas bem gordas. Depois disso, sai com Digby para jogar basquete.

Fico inconsciente por alguns minutos.

Segundo os médicos, minha recuperação depende muito da alimentação, portanto, quando acordo, encontro um suco verde à minha espera. Tomo um desses a cada duas horas. Demoro muito para beber. Preciso me concentrar

um bocado. Já engasguei várias vezes, e os acessos de tosse são tão terríveis que chego a preferir não comer. Mas estou com tanta fome...

– Muito bem, mocinha – elogia Rita quando vem apanhar o copo vazio. – Estava preocupada com você. Às vezes, os contundidos perdem o apetite, mas você está se saindo muito bem.

Os Contundidos. Como se fôssemos uma banda. A pior banda do planeta.

– Obrigada, Rita – digo num sussurro.

Essa é a hora do dia em que as coisas ficam mais calmas no hospital e o estardalhaço maior vem das enfermeiras. Às sete, quando ocorre a troca de turno, perco Sally e ganho Rita. As duas fofocam.

Presto muito atenção e descubro que Rita acabou de se divorciar e que anda saindo com um enfermeiro chamado Alex, “mas como é difícil namorar quando você passa a noite inteira de plantão e o cara trabalha em turnos diferentes dos seus”. É também quando fico sabendo de Sally e de seus filhos. São seis, e todos moram com ela, embora a maior parte já esteja bem crescida, então sempre tem alguma coisa rolando, especialmente com seu filho Jake. Ele é bem problemático.

Mas não é só isso. Agora, depois do horário de visitas e antes dos preparativos para dormir, posso ficar à vontade com Vasquez; posso ficar imaginando ali do corredor coisas sobre sua vida enquanto observo o ventilador mecânico respirar por ela. Claro que eu poderia indagar a alguém o que aconteceu. Só precisaria fazer uma pergunta. Poderia descobrir como se chama, de onde veio e saber tudo sobre o acidente. Mas não quero fazer isso porque, aqui, desse jeito, ela é minha e somos quase a mesma pessoa.

Com as cortinas abertas, o quarto bege se revela. Ele se mexe e faz uns ruídos como um organismo. Penso nas entranhas de uma cobra apertando sua presa, intensa e fatal.

– Ande – diz Sally, e chego a tomar um susto.

Nem sabia que ela estava ali, me observando com o guarda-chuva na mão e um lenço azul-turquesa na cabeça.

– Está indo embora? – sussurro e sinto a garganta arranhando, mas já é alguma coisa.

– Já não era sem tempo... Vou começar a minha segunda jornada de trabalho.

Está chovendo lá fora. Dá para ouvir vagamente o barulho da chuva a distância.

– Pode entrar aí – diz ela, e pisca para mim. – Converse com ela. Conte como foi seu dia. Fale do que quiser. Ou não. – Ela aperta minha bochecha de leve e abre a porta do quarto. – Amanhã bem cedinho estarei de volta.

É a primeira vez que entro no quarto de Vasquez. Sinto como se chegasse até ela por meio de uma esteira rolante e não dando meus passos trôpegos. Deslizando, me aproximo da cama. Há aparelhos ligados por todos os lados. Sento na cadeira de Hudson. É meio assustador estar assim tão perto dela, como se eu fosse ficar cega ou ser sugada por alguma espécie de portal. Eu poderia ser lançada a uma outra dimensão. É como olhar para o sol. Tem flores em cima das duas mesinhas que ficam ao lado da cama. São impressionantes e se inclinam umas para as outras como se estivessem entretidas numa conversa.

– Oi – digo, dirigindo-me a Vasquez. – Sou Eden. Sua companheira de coma. Muito prazer em conhecê-la.

Bipe, bipe, bipe.

Pigarreio.

– Lembra de mim? Nos conhecemos na água. – Dou uma olhada ao redor para ter certeza de que estamos mesmo a sós. – E então... Onde você está agora? – pergunto, feito uma idiota. – Consegue ouvir a minha voz?

Tem uma crosta branca no canto de sua boca. Queria limpar aquilo, mas, como não tenho nada úmido, desisto e tento não olhar para aquele ponto.

– Nunca me preocupei com a ideia de vida após a morte – digo com toda a cautela, esforçando-me para que minha voz forme bem as palavras. – Quem morreu, morreu. É a única coisa que faz sentido. Meus pais falam para eu não acreditar em contos de fadas. Mas que lugar é aquele, Vasquez? Com aquelas flores? É real, não é? Porque você e eu estivemos lá. Então tem que ser real. Você ainda está lá? – Meus lábios tremem. Fico aguardando até que passe, a respiração ofegante pelo esforço de falar tanto. – Você está no Intermediário?

Vasquez não responde.

– Estou com inveja – digo enfim. – Inveja de você.

UMA SEMANA DEPOIS DISSO, NO DIA 19 DE DEZEMBRO, É NOSSO ANIVERSÁRIO

Hoje, Digby e eu estamos completando 18 anos, e a comemoração vai ser no meu quarto no hospital. São só quatro da tarde, e todo mundo veio direto da escola ou de casa. Estão tirando os casacos, que já formam uma pilha no chão, e abrindo os embrulhos das comidinhas. Sally serviu café para meus pais e fez um milk-shake para mim. Sabor baunilha, como esta festa.

Parker, Reggie, Digby, Lucille, Wrenny, meus pais e eu. Todas as pessoas que têm alguma importância enfiadas no quatinho de uns 10 metros quadrados. Mamãe trouxe uma daquelas caixinhas de som que funcionam por bluetooth e Digby fez a seleção musical, mas quando a música começou a tocar, reverberou em mim por meio de um êxtase incômodo e meu corpo logo se enrijeceu. A música era forte demais, pauleira demais.

Então agora só me resta ouvir o murmúrio das vozes.

Digby e Lucille, juntinhos, enroscados, tão mergulhados em si mesmos, se sentaram na mesma cadeira a um canto, ela no colo dele, como um pequeno poodle, usando rabo de cavalo, com o rosto eternamente corado, as roupas pendendo dos ombros como se fossem cair; ele passa os dedos pelas

orelhas dela, pela cintura, aí eles se demoram por um instante na barriga e voltam a viajar em busca de um próximo ponto.

Fico enjoada e constrangida por causa da presença dos meus pais, que estão analisando os detalhes da decoração com uma intensidade bem especial, bem juntinho de Wren, já que ela é praticamente da família.

É difícil não ficar olhando para Digby e Lucille, que estão chamando tanta atenção, mas, por outro lado, é falta de educação encarar alguém, então acabo me sentindo manipulada porque este quarto é pequeno demais e onde mais eu poderia pousar os olhos?

– Joguem um balde d’água em certas pessoas aí – diz Reggie, aparecendo ao meu lado. – Pelo amor de Deus, pessoal.

Parker se instala atrás de Reggie e começa a comer um gigantesco pedaço de bolo olhando para lugar nenhum. Park sempre teve esse cabelo louro despenteado, brilhoso e macio como o de uma garota, e o prendeu numa espécie de coque bem no alto da cabeça. Também está deixando crescer uma barbichinha rala e usa sempre camisetas de basquete. É engraçado como a gente fica sabendo coisas sobre as pessoas. Tipo o fato de Parker gostar de cachorros e ter virado vegetariano depois de ver um documentário sobre a indústria alimentícia. E então ficou vários dias se lamentando. O que aconteceria se Reggie parasse de falar pelos dois? Será que Park teria algo a dizer?

– Não aguento mais isso – diz Reggie inclinando um pouco a cabeça para indicar a cadeira onde os dois estavam se agarrando. – A gente devia trancar estes dois aí num quarto até eles ficarem de saco cheio um do outro e tudo voltar ao normal. Sou super a favor do amor, mas isso já está virando filme pornô.

Com o canudinho, mexo o milk-shake que está começando a formar camadas.

– Quer que eu bata um pedaço do seu bolo no liquidificador? – pergunta ele. – Dá azar não comer o próprio bolo de aniversário.

– Isso é superstição de casamentos, não de aniversários – respondo. – Estou bem.

Neste ano, é um bolo de três camadas com cobertura de baunilha e nossos nomes estão escritos em letras perfeitas no topo. É mamãe que sempre faz nossos bolos, claro.

No ano passado, ela fez uma sapatilha de balé para mim e um tênis de basquete para Digby, como se estivéssemos completando 7 anos e tivéssemos acabado de definir nossas predileções. O de hoje tem cheiro de manteiga e limão. Tem cheiro lá de casa.

– Beleza – diz Reggie. – Então não beba a porcaria do bolo. Mas não precisa ficar mal-humorada.

– Não estou mal-humorada.

– É por que agora você é uma velha gagá?

Sou três meses mais velha do que Reggie.

– Idiota – xingo com voz rouca.

– Só estou feliz porque você não está mais viajando na maionese – diz ele. – Estava parecendo uma daquelas pessoas que usam drogas pesadas e acham que podem sair voando. – Morde um pedaço de bolo. – Mas até que foi engraçado. – Bate no peito com os punhos cerrados. – Não! Não! Elas estão vindo me buscar! As flores vão me levar de volta!

Lampejos.

Eu gritando.

Eu tentando falar com meus pais sobre as flores, sobre Vasquez, sobre as pétalas negras debaixo d'água.

– Preciso de um pouco de ar – digo.

EU SABIA QUE ELE ESTARIA AQUI E ISSO É MUITO ESQUISITO

Hudson está no corredor silencioso, parado diante da janela do quarto de Vasquez, onde em geral eu fico. Talvez eu tenha voltado do Intermediário com poderes psíquicos, um sexto sentido, o que seria quase tão legal quanto ser um espectro assombrando os outros. Desejo que o quadro que está na parede à minha frente voe. Não acontece nada.

Que decepção!

Na verdade, pensando bem, Hudson vem quase todos os dias no mesmo horário. Exatamente a essa hora. Então... É. Não sou nenhuma vidente.

– O que está fazendo? – quer saber ele.

Eu me viro tão bruscamente que ele ri. Está longe o bastante para que seu riso soe oco e distante.

– Calma! – Ele estende as mãos. – Eu não queria assustar você.

Vou em sua direção e as vozes da minha família e dos meus amigos se transformam num ruído indistinto à medida que me afasto do quarto. Quanto mais chego perto dele, mais me pergunto por que estou me aproximando em

vez de ir embora. Tipo, eu nem o conheço. Ficamos parados lado a lado olhando para o quarto. Não houve qualquer alteração. Vasquez continua dormindo, com a maçã envenenada da Branca de Neve ainda entalada na garganta.

– A gente fazia os deveres escolares juntos. – Com a cabeça, ele aponta para ela. – Todos os dias.

– Ah! – exclamo.

– É. Nós dois trabalhamos muito, mas ela sempre aparecia lá em casa no final do turno, ou então eu ia até a casa dela. E ficávamos, sei lá, ouvindo música ou qualquer outra coisa, fazendo perguntas um ao outro e coisas assim.

– Ah! – repito.

– Hoje é o aniversário dela – diz ele.

Fico perplexa. Tipo superperplexa.

A informação me fez pensar no meu aniversário de um jeito totalmente diferente. Que sorte a minha ter o que festejar! Eu devia estar lá no quarto, com o maior sorriso, na companhia da minha família, demonstrando gratidão, etc. e tal...

– Dezoito anos – diz ele. – Faz tempo que ela esperava por este dia. – E sorri. – Sempre brava porque meu aniversário é em setembro. Todo ano era a mesma coisa.

Ele sorri novamente e posso até ver Vasquez lhe desejando feliz aniversário e, ao mesmo tempo, lhe dando um soquinho no braço.

– Não sei o que fazer sem ela – prossegue ele. – Sabe aquela história de você estudar mascando chiclete e, por isso, achar que deve fazer a mesma coisa na hora da prova? O mesmo mecanismo acontece quando ela não está por perto. Não sei o que é o que sem ela. Estávamos sempre juntos, desde que éramos pequenos.

Entendo perfeitamente. Com os meus amigos é a mesma coisa.

Ele faz uma careta. Fico com vontade de perguntar *Quantos amigos você tem?*. Fico com vontade de saber se ele está mesmo tão perdido e solitário quanto parece.

– Por que está aqui fora? – pergunto. – E não lá dentro, com ela?

– Sei lá – responde. – Hoje estou sem coragem de abrir a porta. – Seus lábios tremem; os olhos estão cheios de lágrimas. Ele põe uma das mãos na janelinha. – Tem dias assim. Tem dias que não consigo nem vir até aqui.

Quero pôr a mão nas suas costas, consolá-lo, mas, antes que eu possa fazer qualquer bobagem assim, Lucille aparece no corredor com um pedaço de bolo num pratinho de papelão lilás. Vem na minha direção, mas avista Hudson e recua, se escondendo.

– Sinto muito – digo.

– O seu quarto é ali? – pergunta ele.

Suspiro. E sai involuntariamente alto, e eu me sinto muito melhor depois disso.

– Minha família está lá – explico. – Aquela é a minha melhor amiga... A namorada do meu irmão. Mais ou menos isso.

– Você acha isso esquisito? – pergunta ele.

– Sabe – digo –, obrigada por perguntar. É esquisito, *sim*. Principalmente porque somos gêmeos. Não acha que ele namorar a minha melhor amiga cria um conflito de interesses?

Ele dá de ombros e diz:

– Talvez. Acho que depende de como você encara a situação.

– É. Bom, eles estão aqui hoje porque é meu aniversário. Quer dizer, nosso aniversário. Meu e do meu irmão.

Só depois de falar aquilo em voz alta percebo como é esquisito Vasquez e eu fazermos aniversário no mesmo dia. *Isso sim* é esquisito. Muito esquisito.

– É seu aniversário? – Ele passa a mão pelos cabelos e franze a testa. – Sério? Hoje?

– É. Dezoito anos. Eba, parabéns para mim!

Perfeito, Eden. Excelente, sua idiota insensível.

– Parabéns para você – diz ele, tentando sorrir. – Feliz aniversário. – Volta a olhar pela janelinha enquanto trato de encarar uma bela mistura de culpa, constrangimento e tristeza. – Que loucura! No mesmo dia...

– Não é incrível? – Preciso arranjar uma fita adesiva para pôr na boca. Eu

devia perder a voz de novo.

– Verdade – diz Hudson me olhando de lado, como se só acreditasse em mim por causa de Lucille e aquele pratinho lilás ali.

– Quer um pedaço de bolo? – pergunto. Esta conversa está ficando cada vez mais maluca. – Foi minha mãe que fez. Ela é boa nisso. Pode ficar com esse pedaço. Eu não...

– Nah – dispensa ele. Quando faz um gesto para acompanhar a negativa, sinto um cheiro verde, tipo clorofila, cheiro de coisa limpa. – Valeu, mas se ela não pode comer bolo no dia do próprio aniversário, também não vou comer.

– Como alguém recém-saído do coma, posso dizer que você está no caminho errado. Não precisa comer um pedaço do meu bolo, mas pense por um instante. Se você estivesse no lugar dela, não ia querer que ela fizesse alguma coisa para comemorar?

Ele me olha com uma expressão apática.

– Tudo bem, foi um raciocínio meio enrolado.

– Foi mesmo.

– Mesmo assim, qual é o favorito dela?

– Como assim?

– Bolo favorito.

– Chocolate – responde ele sem hesitação. – Chocolate com nata, lá do restaurante italiano onde ela trabalha. Eles colocaram a receita no cardápio só por causa dela. Não acho que seja lá muito italiano. Ela praticamente os forçou a fazer isso para que pudesse comer sempre que tivesse vontade.

– Então coma um pedaço desse tal bolo. Tenho certeza de que ela gostaria que você fizesse isso. Se eu fosse ela, eu ia gostar. Que fizesse isso por mim. Se eu não pudesse.

Ele se recostou na parede e ficou me encarando tanto que me deu até vontade de lhe mostrar o dedo do meio. Qualquer coisa que pudesse desfazer aquela tensão e interromper aquele olhar.

– É – diz ele depois de tanto tempo que eu cheguei até a me esquecer do que estávamos falando. – Talvez seja isso mesmo.

Quase morte: histórias verídicas da vida além-mundo

Morri quando caí do telhado da casa onde eu morava quando criança, lá no Maine. Eu tinha 8 anos. Subir no telhado daquele jeito foi uma grande idiotice, mas meu irmão mais velho, Tommy, e eu queríamos ver a chuva de meteoros. Ele era muito ágil. Eu nunca fui. A casa tinha três andares, contando o sótão.

Quebrei o pescoço. Meus sentidos foram se esvaindo um a um. É disto que mais me lembro. De apagar aos pouquinhos. Primeiro a audição, depois o olfato e, de repente, eu já não sentia absolutamente nada. A última coisa a desaparecer foi a visão.

Fui lançado fora do meu corpo e fiquei flutuando por alguns segundos. Voltei a mim e retornei àquela ausência algumas vezes. Com uma espécie de estalido desconfortável, fui reintroduzido no meu corpo. Toda a dor voltou. Eu me lembro disso também. Foram meses com o corpo inteiro engessado. Tive que reaprender a andar, como um bebê dando os primeiros passos.

Não fiquei tetraplégico por sorte. Mas acho que valeu a pena. Sempre procuro contar isso àqueles que perderam um ente querido. Não existe dor depois da morte. A dor só se manifesta antes. Seja lá o que houver mais além, isso é algo em que vocês podem acreditar.

Marty Conescu, 72 anos, empreiteiro aposentado

MEU ANIVERSÁRIO FOI TRÊS DIAS ATRÁS. E ESTOU INDO EMBORA

O médico está fazendo umas anotações. É o neurologista que me acompanha desde que acordei, um sujeito mais baixo do que eu, com uns braços peludos e que não usa aliança – detalhe que não faz a mínima diferença para a maioria das pessoas, mas que, na minha opinião, para ele faz, sim. Aposto que a casa dele, ou melhor, o apartamento dele, não tem móveis e que as portas do carro estão amarradas com aquelas cordas de bungee jump porque a maçaneta quebrou e ele nunca arranja tempo para consertar, já que passa tantas horas no hospital. Aposto que ele já teve amigos, não muitos, mas que agora não tem nenhum. Isso, porém, não chega a ser um problema porque ele é muito competente no trabalho, o tempo todo fazendo cirurgias cerebrais e salvando a vida das pessoas, e isso o impede de morrer por dentro.

Quando a gente começa a inventar histórias sobre os outros, fica difícil parar.

O doutor me entrega uma terceira bebida que Sally acabou de preparar. Tento não ficar brava com ela por isso. É um negócio ainda mais espesso e nojento. Terapia de deglutição. Tortura de deglutição.

– Pode se sentar na cama – diz ele. – Vai ficar numa posição mais confortável.

– Não, obrigada – replico.

Distraído, ele faz que sim com a cabeça, deixando claro que esses detalhes não lhe interessam. Ou é falta de interesse ou é porque, a essa altura, já se acostumou a me ver fazendo sempre o contrário do que ele diz.

Sou do contra, segundo o meu pai.

Melhorei bastante. Agora não fico achando que vou morrer quando bebo alguma coisa, minha voz está bem melhor e a terra não parece mais uma luz estroboscópica furiosa e malvada.

Dou uma olhada no copo de papel à minha frente e naquela gosma rosa e cheia de espuma. Sabor cereja é o que mais detesto. É páreo duro com banana e (eca) abacaxi que, como já avisei às enfermeiras, não bebo de jeito nenhum.

– Não tenha pressa – avisa o médico. Vira o punho para ver o relógio prateado de pulseira preta com números em algarismos romanos.

– Beleza, vamos lá – digo, tentando não pensar em lodo esparramado enquanto aquele negócio vai descendo pela minha garganta.

Engulo em seco algumas vezes e tomo um ou dois golinhos sem engasgar.

– Vejam só este sorriso – exclama Sally, aplaudindo.

– A vida é feita de pequenas vitórias. – Pelo menos é o que eles me dizem.

– Meu pequeno milagre. – Sally parece satisfeita, como se fosse ela quem tivesse tomado aquela lama assassina.

– Excelente. – O doutor anota os detalhes usando uma caneta-tinteiro bem legal. – Vou preparar a papelada para a alta e você pode se arrumar para encontrar sua família.

Ergue os olhos para mim e fica esperando.

– Prefere que a gente já converse de uma vez sobre as prescrições que deve seguir em casa?

Sempre esqueço que já tenho 18 anos e que posso fazer por conta própria tudo que não podia antes.

– Tudo bem – digo quando Sally me traz um copo d’água.

– Tome sempre goles bem pequenos – orienta o médico. – Não se esqueça de que é mais fácil aspirar os líquidos ralos do que os espessos.

Faço que sim com a cabeça. Cada vez que bebo alguma coisa, eles repetem essa explicação.

– Está certo, então – prossegue ele. – Mais umas coisinhas, senhorita Jones. Você tem que se certificar de que vai ingerir uma quantidade mínima de calorias. Esse é o grande desafio de uma dieta líquida. Portanto, precisa tomar os seis copos de vitamina que receitamos a cada duas horas, independentemente da ingestão dos alimentos sólidos. Use a criatividade. Prepare as vitaminas e sucos necessários. Depois pode passar para os purês: de batata, de cenoura, coisas assim. Sempre progredindo aos poucos. Isso vai levar algum tempo, mas você consegue superar. A frustração faz parte do processo, mas não vai durar para sempre.

– Dieta de velhos – digo. – Saquei.

– Exatamente – concorda ele. – Ganhar peso para voltar à condição normal é a prioridade absoluta. Vai levar algum tempo, mas...

– A persistência é o segredo do sucesso – concluo.

– Exatamente, mais uma vez. Você vai fazer fisioterapia no prédio anexo cinco vezes por semana durante um mês e meio, e então faremos uma nova avaliação. Vamos ver se você vai poder voltar a dançar, certo? – E me encara por alguns segundos. – Ouvi dizer que é boa nisso.

Boa.

– Como você já sabe, quando se sofre um ferimento na cabeça como o seu, pode haver manifestações de depressão, certo grau de ansiedade, tonteiras, falta de apetite, dissociação...

– Que beleza... – ironizo.

– Sim, bem. – Ele me entrega um cartão em que se lê: *Marlene Gat*, além de alguns telefones e um endereço de e-mail. – Recomendo que vá à terapia uma vez por semana. Um trauma como esse que você sofreu exige apoio emocional. Temos uma ótima equipe. Já falei com seus pais sobre isso e eles

concordam que é uma boa ideia. Acho que a doutora Gat é uma excelente opção. Portanto, vai voltar aqui também para isso.

– Por que ir embora então? – pergunto. – Talvez a gente possa colocar uma caminha num dos armários, e então eu me mudo para ficar aqui com vocês. De vez em quando podem passar uma bandeja com comida por debaixo da porta.

Ele ergue os olhos do papel com as anotações.

– Não seria aconselhável – observa. – Você precisa voltar a levar uma vida normal. Já melhorou o suficiente para ter alta e, é claro, vai querer estar em casa para passar as festas de fim de ano com a família. – Ele tira os óculos, limpa as lentes e volta a botá-los. – Sua recuperação é praticamente um milagre, Eden, e certamente não queremos ver milagres se extinguindo sem qualquer necessidade por aqui. O mais importante é você ter boa vontade consigo mesma. A cura vai levar um bom tempo, muito mais do que você gostaria. Viva um dia de cada vez. Devagar se vai ao longe, como diz o ditado... Soube que seus professores estão dispostos a ajudá-la para que se forme no prazo previsto. E uma última recomendação: não faça nenhuma atividade desnecessária sem a autorização do seu fisioterapeuta.

Nada de dança.

– Sally – chama ele –, pode apanhar os prontuários da senhorita Wesley, por favor? Vamos passar lá para falar com ela.

– Claro – responde Sally. – Já volto.

– Eu percebi, senhorita Jones – diz o médico depois que Sally sai –, que você passou um tempinho ali no corredor. – Ele dá uma olhadela na direção do quarto de Vasquez. – Isso é ótimo. – Prossegue. – Pode ajudar muito. – Desta vez, olha para o posto de enfermagem e volta a olhar para mim. – Ainda não sabemos por quê, mas a presença de outras pessoas parece muito importante para a recuperação de casos de coma. Um toque humano. É muito gentil você fazer isso por alguém como ela. – Ele espia por cima dos óculos e fico me perguntando o que exatamente significa a expressão “alguém como ela”. – Sabe, muitos anos atrás fiquei em coma por sete dias. Sempre teve

alguém ao meu lado até eu voltar. Minha mãe, meu pai, minha irmã. Isso deve ter me ajudado a sair daquele estado.

Eis aí uma reviravolta. Um paciente em coma que se torna médico para cuidar de pacientes em coma. O servo que se torna amo.

– O senhor disse que voltou. De onde exatamente?

Será que ele esteve naquele espaço Intermediário? Que aparência teria para ele? Talvez o lugar seja feito sob medida para as lembranças e especificidades de cada pessoa. Será que ele também trouxe algo de lá?

– Essa história vai ficar para outro dia. – Ele pega uma pilha de pranchetas trazidas por Sally, que acaba de entrar. – Bom, boa sorte, senhorita Jones. E pode me procurar sempre que achar necessário.

Tudo em mim ficou tenso e ameaçador. Não quero deixá-lo ir embora.

Assim que ele sai, Sally me dá uns tapinhas no ombro.

– Pode chamá-lo de Spock – diz ela. – Não tem uma gota de senso de humor, mas é um ótimo médico. E não é tão frio quanto demonstra.

Eu lhe dou um abraço tão apertado que ela estende os braços como se aquilo fosse um ataque digno de defesa. Mas, passada a surpresa, Sally cede e me abraça também.

– Tudo bem, tudo bem – diz ela, finalmente me afastando com um gesto delicado. – Não sei por que as pessoas estão tão preocupadas. Você já recuperou as forças. Está prontinha para ir para casa.

Saio do quarto atrás dela, apoiando o cotovelo na parte mais alta do balcão do posto de enfermagem enquanto ela pega um suco, umas raspas de gelo e prepara um daqueles refrescos do hospital. Sally então desaba pesadamente em sua cadeira que tem uma bola de pilates no lugar do assento e que, na verdade, é bem esquisita, mas, como ela vive dizendo, é um presente divino.

– O que está acontecendo com Jake? – pergunto, tomando um gole daquela bebida deliciosa de maçã.

Jake é o filho dela que anda aprontando. Tem uma namorada de quem Sally não gosta. Ela se chama Rhonda. Sally diz que eles fumam maconha e que Rhonda usa tops mínimos com shorts curtíssimos. E todo mundo sabe

que são duas peças que nunca ficam bem se usadas ao mesmo tempo. Ficam trancados no quarto de Jake enquanto os outros filhos e os netos tentam agir como se não estivesse acontecendo nada. É Tina, filha de Sally, que lhe conta essas coisas.

– Ora, imagine só – diz ela se balançando na cadeira –, passo o tempo todo trabalhando para não ter que pensar naqueles pestes e no fato de que já são adultos que ainda não consegui expulsar do ninho, e você resolve justamente fazer perguntas sobre Jake! – As palavras não combinam com o tom de sua voz, que soa estranhamente carinhoso. – Ele é um criador de caso, isso sim. Não presta. Eu já falei para Tina que ele não tem nada que se trancar no quarto com aquela garota. Se quer sair fazendo filhos por aí, tem que ter a própria casa e bancar o aluguel.

– Isso aí – digo. – Você está totalmente certa.

Sally pega uma pasta, abre, remexe nuns papéis e volta a fechá-la. Eu a deixei meio aflita.

– E então? O que acha? Está pronta para a vida real, querida?

Mamãe, papai, Digby, Lucille. Logo, logo todos estarão aqui para me levar para casa. Na bolsa de viagem no chão, aos meus pés, estão as minhas coisas, inclusive o cobertor cor-de-rosa que eu tanto detestava, mas ao qual acabei me afeiçoando e que estou roubando do hospital. Meu quarto parece qualquer outro quarto do hospital. Nada mais ali está bagunçado. Não há mais sinais de vida. Faz só uns dois minutos que recebi alta e já tem alguém lá dentro desinfetando tudo.

– Então é isso? – pergunto, mexendo nos falsos embrulhinhos de presente na falsa miniatura de árvore de Natal que está em cima do balcão. – Vida real?

– A representação mais próxima que qualquer um de nós consegue fazer – diz ela. – Mas vou lhe contar uma coisa. Para trabalhar nesse setor do hospital, temos que estar preparados para ver gente morrendo o tempo todo. Em sua maioria idosos, graças a Deus. – Sally olha em direção aos céus. – Eu, porém, procuro não me apegar. Aprendemos muito sobre a vida e a morte. E, quando aparece uma garota como você por aqui, linda e com todo

um futuro pela frente, e não sabemos se ela vai sobreviver e então sobrevive, queremos nos dedicar ao máximo a cuidar dela porque, só Deus sabe, não é qualquer um que tem essa chance.

– Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades – afirmo.

– É mais ou menos isso.

– Sem pressão – acrescento.

– Bom – diz Sally. – É... Sei lá... Ah! – Ela estende a mão para pegar algo debaixo da mesa. – Já ia esquecendo. Temos uma coisa para você.

Ela me entrega um pacote embrulhado em papel de presente vermelho com desenhos natalinos. Muito fofo.

– É de todos nós, mas principalmente meu e de Rita.

Seguro o presente bem apertado debaixo do braço. Resolvi não abri-lo porque, se fizer isso, vou baixar o zíper que mantém no lugar tudo que há em mim e todos os pedacinhos vão se esparramar. Ia fazer a maior bagunça...

– Não tive a intenção de deixar você com medo, querida. Você vai se sair muito bem – diz Sally. – Lá fora.

O uniforme que está usando hoje tem uma estampa de tartarugas.

– Sei que o hospital vai ficar uma chatice sem mim – declaro afinal –, mas vocês vão ter que aprender a se virar.

Ela ergue uma das sobrancelhas.

– Tudo bem, Sally. Pode admitir que tenho sido a luz da sua vida. Além de Jake, é claro.

– Bem – replica ela, segurando um clip de papel –, talvez seja verdade. Pelo menos, você leva vantagem sobre a maioria dos outros pacientes do setor, já que está consciente e tudo o mais. O fato de ser minha favorita não tem nada a ver com sua personalidade.

– Eu sabia que era a sua favorita! – exclamo quando a Sra. Wesley, a senhora que teve um AVC e que fica a dois quartos do meu, passa em sua cadeira de rodas com a cabeça num ângulo que parece bem doloroso. Olho para o relógio na parede atrás de Sally. – Quanto tempo ainda tenho até eles chegarem?

– Já devem estar chegando – responde Sally. – Seu pai disse que estavam

a caminho.

São vinte minutos de Cherryville até o hospital. Imagino todos eles no carro maior da mamãe, cantando e fazendo aquelas brincadeiras de viagens. Vejo meu cachorro peludo, Beaver Cleaver, BC para os íntimos, sentado na sua caminha, batendo o rabo no chão. Ele sempre sabe quando alguma coisa empolgante está para acontecer. Vai estar à minha espera.

Não sei por que sair do hospital está parecendo tão complicado. Faz só duas semanas que acordei, embora tecnicamente eu tenha ficado internada por seis semanas se considerar o período do coma. Acontece que, além da imensidão do mundo que me apavora quando eu penso no meu tamanhinho minúsculo, não quero abandonar Vasquez. O que ela vai fazer aqui sem mim?

O mesmo que está fazendo agora, Eden. Ou seja, nada.

– Já volto. – Tomo o último gole do meu refresco e, com um gesto de cabeça, indico o corredor. – Não deixe que nenhum dos pacientes em coma roube minha bolsa.

– Vou ficar de olho. Pode deixar – diz Sally.

A dificuldade motora nos deixa cientes de todos os ossos e articulações e dos neurônios que devem ser acionados para dar um único passo que seja. Sally deve estar me observando enquanto me afasto meio trôpega, dura como o Homem de Lata. Eu me vejo me erguendo no ar para fazer um *grand jeté* e parece que aquilo tudo aconteceu com outra pessoa. Só pode ser, porque agora cada movimento para erguer a perna, cada balanço do quadril é sentido. Não é mais tão difícil quanto na época em que saí do coma, mas é percebido, perceptível. Antes eu conseguia voar e nem tinha noção disso. Adoraria voltar no tempo e me dar uns bons tapas.

Paro diante da janelinha do quarto de Vasquez, o número 210. Como sempre faço, fico olhando para ela.

– Oi de novo.

Hudson, que eu não tinha visto chegar, está parado na minha frente.

– Você a conhece ou algo assim? – pergunta. – Quer dizer, por que fica parada aqui? Achei que conhecesse todo mundo que ela conhecia. Conhece. Conhecia.

– Nós nos vimos lá embaixo – respondo. – Nos conhecemos no purgatório.

Ele franze a testa.

– Brincadeira – digo. – Mas sinto como se a conhecesse. Laços criados pelo coma?

Ele faz que sim com a cabeça, como se aquela fosse uma resposta aceitável, e volta a se virar.

Se eu a conheço? É o que me dá vontade de dizer. Claro. Ela se chama Vasquez. É durona, confiante, estilosa daquele seu jeitinho, obcecada pela ideia de encontrar novas bandas underground, pois ela mesma compõe em segredo, sonhando em se tornar uma promoter. Num acesso de inveja, alguém a esfaqueou e bateu sua cabeça na beirada do palco, bem perto do público, e foi por isso que ela veio parar aqui. Certo?

Em vez de sair falando feito uma louca, fico calada observando Hudson, que olha para a frente como que hipnotizado.

Ele está usando uma jaqueta militar verde com uma camisa de flanela preta e branca por baixo e segura um buquê de rosas brancas embrulhadas num jornal como se fosse um bebê. Ainda dá para sentir o arzinho frio fluindo dele, o que me lembra de que existe um mundo lá fora. O cheiro dele é de limpeza, mas não de sabão em pó. É aquele cheiro verde novamente. De natureza mesmo, de árvores, de terra, de folhas.

Engulo em seco.

– O seu olhar é meio agressivo – declara ele, e, nesse momento, uma pétala negra e perfumada cai do teto e vem descendo até tocar o chão entre nós dois.

– O seu tom também – rebato, e a pétala desaparece do piso.

Um detalhe sobre os ruivos: eles não são capazes de disfarçar quando ficam vermelhos.

– Desculpe – diz ele. – Não tive a intenção de usar um tom assim. É que atualmente as coisas estão esquisitas demais, inclusive você, sem querer ofender. – Hudson se mexe um pouco. – Então... você está no ensino médio?

Ora, ora... Ele está tentando puxar conversa.

– No último ano – respondo. – Quer dizer, estava. Agora, não sei ao certo. Talvez precise dar um tempo.

– Eu também. Não dar um tempo. Também estou no último ano, digo. – Ele tropeça nas próprias palavras e, mais uma vez, fica vermelho. Que bom não ser a única esquisita ali...

– Vou sair hoje – informo. – Quer dizer, do hospital.

– Do jeito que você fala, parece até que isto aqui é uma prisão.

– A comida é melhor.

– Gosta da comida do hospital? – pergunta ele.

– Gosto do cheiro.

– Sério?

– Não seja chato – digo. – Ainda não posso comer. Estou louca de fome. – Não rio porque isso não tem graça nenhuma.

– Você já foi presa? – pergunta ele depois de um segundo momento de silêncio.

– O quê?

– Você disse que a comida é melhor do que a da prisão. Você já foi presa?

– A minha vida não é tão interessante assim... – respondo. – E você?

– Não. E não se menospreze. Você tem um irmão gêmeo e esteve em coma – diz ele, ticando no ar cada item. – Isso é interessante.

– Pode ser. Mas agora já acordei.

Que eu saiba, pelo menos.

– E vai sair daqui.

– Isso aí. Assim, puff! Vai ser como se eu nunca tivesse estado neste hospital.

– Devia se agasalhar – sugere ele. – Está frio lá fora... Um dia brabo. Porque está ventando também. – Ele balança a cabeça de leve, como se estivesse travando uma discussão interna consigo mesmo. – Desculpe. Não sou bom de conversa.

– Ah! – exclamo, achando aquilo adorável. Não só a confissão como também o fato revelado em si. Duplamente adorável.

Hudson se adianta para abrir a porta.

– Por que todas as flores são brancas? – pergunto. – As que você traz...

– Porque são as que cultivamos – conta ele. – Meus pais têm uma floricultura na cidade.

Faço que sim com a cabeça.

– Ela se chama Flower Power. – Ele passa o buquê de um braço a outro. Parece mesmo um bebê. – Minha madrasta só gosta de flores brancas. Ela tem um quiosque aqui embaixo. E meu pai toma conta da loja. Eu trabalho onde quer que eles estejam precisando de mim.

– Eu sei – digo, e ele me lança uma olhadela.

Já o vi. Durante minhas caminhadas pelo saguão da entrada do hospital, atividade que eu odiava, mas que aceitava fazer.

– Tipo, não andei seguindo você nem nada assim. É só que já vi você no quiosque.

– Também já vi você – confessa ele. – Da próxima vez, dê uma passadinha lá para dar um oi.

– Talvez eu faça isso mesmo.

– Em vez de fingir que nunca me viu na vida.

Sorrio.

– Mas você também não disse nada.

– Não gosto de ser rejeitado – retruca ele de um jeito que me faz ter certeza de que ele nunca sofreu uma rejeição na vida. – Seja como for, você nunca chegou perto o bastante. Por várias vezes pensei em gritar para você me ouvir do outro lado do cômodo.

Meu rosto está legitimamente a ponto de pegar fogo.

Hudson gira a maçaneta do quarto de Vasquez como se fosse entrar, porém hesita.

– Qual é o seu nome? – pergunta. – Você nunca me disse.

– Eden – digo, estendendo a mão para apertar a dele.

Ele a segura, mas não aperta minha mão de fato.

– Oi, Eden.

– E o seu?

Pergunto, mas na verdade não quero saber. No instante em que ele responder e o nome não for Hudson, tudo o que imaginei a respeito dele e de Vasquez vai se desfazer e só vai restar a verdade.

– É Joe – responde ele, e, em vez de me decepcionar, fico toda animada porque ele tem cara de Joe e o nome é perfeito para ele.

– E ela?

– Ela é Jasmine.

– Jasmine?

– É o que consta na certidão. Mas ninguém a chama assim – explica ele. – Para todo mundo, ela é Jaz.

Melhor. Mais adequado.

E o que foi que aconteceu com ela? Por que tem essa cicatriz? Vocês são parentes? Ela é sua namorada? Por que os pais dela não vêm aqui? Há quanto tempo ela está no hospital? Qual é o estado do cérebro dela?

Fique na sua.

Eu poderia perguntar a Rita ou a Sally. Aliás, com certeza eu poderia perguntar a qualquer pessoa neste andar e então saberia o que aconteceu. Com Jasmine. Com Jaz.

– Está esquisito a gente assim, de mãos dadas – interrompo.

– Esquisito por quê? – pergunta ele, mas fica vermelho e solta a minha mão.

No entanto, não faz menção de sair dali, nem mesmo quando as portas duplas se abrem e minha família se aproxima da gente. Na verdade, parece que ele também tem mil perguntas na cabeça.

– Pegou sua bolsa? – pergunta meu pai, que, de suéter de caxemira e cheirando a sabonete, parece ter acabado de sair do banho.

– Está no posto de enfermagem – respondo, apontando. – Deixei lá com Sally.

– Pronta para ir embora, querida? – indaga mamãe. – Preparada para voltar para casa?

Quando penso nisso, é a minha casa antiga que passa pela cabeça, meu cobertor, meus velhos pôsteres, o piso rangente. A mesma casa em que eu

podia bater na parede e saber que Lucille ou Wren iriam responder. De repente, porém, lembro que estou indo para a outra casa, toda novinha, com piso de mármore e o cheiro do sucesso dos meus pais.

– Claro.

Joe está prestando atenção a tudo e se encolhe ligeiramente quando minha mãe me puxa e me abraça.

Lucille também se apressa em me abraçar.

– Estou tão empolgada! – diz minha amiga. – Você está indo para casa! Eba! – Cala-se por um instante e olha para Joe. – Oi – cumprimenta. – Sou Lucille.

Não sei por quê, mas não quero que ela olhe para Joe, que fale com ele.

– Joe – ele se apresenta.

– Já falou com o médico? – pergunta mamãe, como se Joe não estivesse ali.

Ela parece estar no meio de um ataque de pânico.

– Relaxe – retruco. – Está tudo sob controle. Ele foi resolver a papelada.

– E ele falou sobre a terapia?

Mamãe e Lucille se entreolham.

Joe entra no quarto de Jaz e dá um tchauzinho para mim. Isso mesmo. Fuja deste hospício o mais depressa possível.

– É problema meu – digo assim que a porta se fecha. – E não estou a fim de falar disso.

– Ora, ora, ela resolveu ficar invocadinha hoje... – brinca mamãe. – Então eu ligo para o médico mais tarde.

Solto um suspiro bem alto para ela ouvir.

Digby se posta ao meu lado e papai agora está segurando minha bolsa.

– Plantão de notícias, pessoal: não estou a fim de falar da minha saúde mental com nenhum de vocês, ok? Estou cansada. Quero ir para casa e ver o meu cachorro. E estou ótima.

Não menciono o fato de a janelinha do quarto de Jasmine de repente ter adquirido vida. Agora há nela flores tão carnudas que sequer consigo enxergar o que há lá dentro.

– Está bem, senhorita sensível – ironiza Digby. – Podemos ir?
Meu pai me oferece o braço. Aceito e me apoio nele.
– Podemos, sim. Estou pronta.
Mas não é verdade.

DURANTE

(janeiro)

EU DEVIA FAZER NAS PAREDES DO MEU QUARTO AQUELES risquinhos QUE OS PRISIONEIROs DOS FILMES FAZEM NAS CELAS

Segunda-feira √ Terça-feira √... Faz duas semanas e meia que tive alta do hospital e quase cinco semanas que saí do coma.

Esta noite Wren vai cozinhar, por isso Digby e eu estamos indo para a casa de Lucille. Quando Wren cozinha, escolhe praticamente o que lhe dá na telha, contanto que Lucille tenha dinheiro para pagar. Digby ajuda, e, às vezes, mamãe manda uma sacola de comida. Até Fred, o patrão de Lucille, contribui.

Eles fazem isso porque o orientador educacional da escola disse que é bom para Wren experimentar a sensação de realização e criar um santuário, um espaço de segurança, já que a partida de seus pais foi uma “violação do santuário”. Antes, Wren e Lucille se sentiam a salvo e protegidas na casa onde moravam, por mais instável que a situação efetivamente fosse, mas

agora sabem que segurança e proteção são uma ilusão. Portanto é importante refazer essa ilusão para que todos os envolvidos tenham uma vida normal, muito embora já conheçam a profunda e sombria verdade humana e sejam incapazes de esquecê-la: que as coisas podem mudar num minuto, sem aviso, e só nos resta lidar com isso. Pelo menos, como diz Digby, elas têm quem as ajude, a comunidade e tudo o mais. Vão ficar bem agora, aconteça o que acontecer. Estão cercadas por tanta gente...

Digby está tagarelando sem parar, o que é bom, já que ainda não me acostumei a sair de casa. O hospital era um bloco compacto de concreto que atendia a todas as minhas necessidades. Agora minha casa se tornou a mesma coisa. Lá fora, uma tempestade se forma, com nuvens carregadas e um vento tão feroz que posso senti-lo sacudindo o Animal (o apelido que meu irmão deu ao próprio carro) enquanto descemos a colina e o mundo inteiro estremece.

Assim, uma vez por semana, Digby continua a me lembrar, sem se dar conta dos meus tremores, que todo mundo cozinha e come junto em vez de ficar cada um na própria casa, ou na nossa casa. Encosto o rosto na caminhonete e fico pensando em como também sei perfeitamente do que ele está falando. E como sei... Um dia, eu estava parada num dos locais mais familiares para mim e então, um segundo depois, quase morta; e desde esse dia nada mais me parece normal. O mesmo vale para Wren e Lucille. Um dia, elas eram crianças normais, com pai, mãe e tudo o mais e, de repente, num piscar de olhos, no tempo que levou para o pai delas apertar o pescoço da mulher e quase matá-la, tudo acabou, e nunca mais as coisas voltaram a ser as mesmas. Elas não foram responsáveis pelo acontecimento que mudou suas vidas. Não escolheram aquilo. Isso é o que temos em comum. Todas nós temos que lidar com uma versão dos fatos.

Só me mexo quando Digby abre a porta ao meu lado, quase me fazendo cair.

– Você está bem?

– Ah, sim – respondo. – Estou ótima.

Nem olho para a velha porta, para a cadeira de balanço da varanda onde

antes ficava meu balanço, para a cerca entre as duas casas onde Lucille e eu deixávamos bilhetes e livros uma para a outra quando éramos pequenas.

A casa onde eu morava está caindo aos pedaços, como se tivesse sido construída sobre areia movediça — ou, pelo menos, é assim que me parece. Está mal conservada e empoeirada, e não importa quantas faxinas façam, porque ela tem quase 150 anos (há uma plaquinha na fachada onde se lê 1874, ou seja, só estou exagerando um pouquinho). Os meus pais ficavam sempre loucos com isso, já que, por mais que cuidassem da nossa parte da casa, ela continuava parecendo praticamente abandonada. Foi por isso que se mudaram, que mandaram construir a casa nova. Mesmo assim, no momento em que passo pela porta da casa de Lucille, sinto algo tão familiar quanto meu próprio nome; algo tão doce que meus dentes chegam a doer.

Só que ela mudou as coisas de lugar.

Agora o sofá fica encostado na parede e não no meio da sala. A TV desapareceu e foi substituída por um dos quadros pintados por Lucille, um emaranhado azul e alaranjado que não faz nenhum sentido, e a mesinha de centro, antes sempre cheia de revistas e de controles remotos, está praticamente vazia, a não ser por um vasinho prateado com uma única rosa vermelha. A um canto, tem um violão, perto de um daqueles pufes grandes, e um tapete novo e macio cobre o chão. Um aparelho de som está tocando aquelas músicas indies das quais Digby tanto gosta. Elas acenderam um incenso e alguma coisa está fervendo no fogão. A casa já nem tem o mesmo cheiro de antes, um cheiro, sei lá, dos baseados que os pais de Lucille fumavam furtivamente, ou da calda das panquecas que Laura fazia depois de fumar um dos supracitados baseados.

Estou perplexa. Digby e Lucille se apossaram completamente do lugar. Conseguiram se instalar ali. Exorcizaram de vez os pais dela, de tal forma que, a não ser pelo violão, não há vestígios deles em parte alguma.

Pelo visto, Wren já está acostumada, não parece nada traumatizada. Está preparando uma salada. Um pepino aqui, um tomate ali, tudo disposto com o maior cuidado. Digby está fazendo uma salada de frutas. O meu irmão todo atlético fazendo bolinhas de melão...

Sempre que me viro, esbarro em alguma coisa.

Embora tudo isso seja muito esquisito, tenho que aceitar. Atualmente, minhas opções sociais são um tanto limitadas, têm sido assim desde que saí do hospital. Não aguento jogar cartas outra vez com meu pai ou beber mais uma xícara de chá com minha mãe, nem ficar observando os dois por mais de um minuto sem que eles comecem a procurar sinais de sequelas permanentes. Também não consigo ficar deitada na cama olhando meus pôsteres e as velhas sapatilhas de balé, ou assistir a mais vídeos na internet sobre como fazer o traço com delineador ou preparar uma loção de limpeza perfeita à base de coco. Mais do que isso: mal me dei conta do Natal. Tampouco fiquei ligada na bola da Times Square que desceu para anunciar o ano-novo. Um mar de flores negras surgiu do chão, e acabei flutuando nelas até o meu quarto. Fiquei a noite inteira assim, e o dia seguinte e a outra noite também.

O tempo está passando muito, muito depressa, enquanto eu fico absolutamente imóvel. Além disso, desde que tive alta, não fui a lugar nenhum, a não ser ao hospital para fazer fisioterapia e me sentar ao lado da cama de Jasmine Vasquez à medida que ela definha. Tenho consciência de que isso é burrice e é por isso que estou aqui hoje e que vou tentar voltar para a escola amanhã. Estou consciente e venho “prosperando”. Graças a isso, aliado ao fato de eu ter implorado, meus pais acabaram concordando.

Wren está lutando para tirar o caroço de um abacate. Digby vai e volta entre a cozinha e a sala mil vezes, arrumando as coisas na mesinha de centro. Lucille fica mexendo ritmadamente o ensopado.

– Vocês parecem até um relógio, gente – comento. – Daqueles que têm umas pessoinhas de madeira que se mexem para lá e para cá ao som de uma música sempre que a hora muda.

– O quê? – diz Digby.

Todos param e olham.

Para mim.

– Nada. Deixa para lá. – No meu canto, tomo um golinho de água gelada enquanto eles cuidam da própria vida.

– Amanhã, depois das aulas, você vai ter que ficar na escola para fazer o

projeto de ciências – diz Lucille para Wren.

– Eu sei. – Ela capricha na arrumação das fatias de abacate, formando flores em cima das folhas de alface. – Não precisa me lembrar.

– Tenho que trabalhar no Fred's, então é Digby que vai buscar você.

– É. O treino termina às sete. Vou encontrar você no ginásio – afirma ele.

– E vou lhe dar parabéns pelo seu prêmio.

– Claro. – Wren para o que está fazendo e ergue os olhos. De repente, parece tão pequeninha, tão jovem quanto efetivamente é, e não aquela garota ousada e confiante. – Vocês vão ficar bravos comigo se eu não vencer?

– Não! – exclama Lucille. – Pelo amor de Deus! Imagine!

– Claro que não – completa Digby. – Não sei por que resolveram fazer a feira de ciências no primeiro dia de aula depois das férias. Que idiotice.

– Era para a gente poder trabalhar no projeto durante as férias – replica Wren. – Mas nós tínhamos tanta coisa para fazer...

– Seu projeto está ótimo! – Digby aponta para os gráficos. – Estudar os efeitos das condições climáticas sobre o humor? Que máximo! Só fico triste de não poder ver sua apresentação. E a senhora A. tem um check-up marcado. Os horários não estão batendo. – E então retoma a suas tarefas. – Mas não quero você na rua depois que escurecer. – Digby assume um ar sério. – Vou estar lá esperando. Prometo.

– Tudo bem – diz ela. – Mas não precisam ficar paranoicos. Já tenho 10 anos. Dou conta de voltar sozinha.

– Wren! – repreende Lucille.

– Não estou dizendo que vou fazer isso – retruca ela. – Estou dizendo que poderia, e que não teria problema nenhum.

– *Poderia* não ter problema nenhum – emenda Lucille.

– Nada é garantido – digo.

Silêncio generalizado...

– Você está bem, Eden? – pergunta Digby num tom ligeiramente irritado.

– Existencialmente falando, é o que estou querendo dizer – continuo. – Quando a gente para mesmo para pensar, nada é garantido. A qualquer

momento as coisas podem desmoronar.

Lucille morde o lábio e volta a mexer a comida.

– Valeu por deixar o clima tão agradável, Eden – ironiza Digby.

Ele coloca os pratos na mesinha de centro de maneira brusca e aí empilha umas tigelas neles. Como a mesa de jantar está coberta de cartazes, canetinhas e maquetes, não podemos comer ali.

– Os pais de Parker vão viajar nesse fim de semana – diz Digby depois de um minuto que durou séculos.

– De novo? – questiona Lucille.

– Eles estão apaixonadíssimos – replica Digby, e dá um beijo no alto da cabeça dela. – Ou reapaixonados. Park acha que o pai está aprontando alguma. Seja como for, os dois têm viajado à beça. – Enfia um tomate-cereja na boca. – Sorte a nossa. Tem festa todo fim de semana, até eles recomeçarem a brigar.

– Uhuu. – Percebo como minha voz soa inexpressiva. – Todo mundo enchendo a cara.

– Bom... Que seja... – diz Digby. – Daqui a alguns meses, isso vai acabar. Afinal, já seremos adultos e nunca mais teremos que ver Parker vomitando no quintal de casa. Vamos estar ocupadíssimos sendo nós mesmos.

Lucille para um pouco e olha para Digby. Inclina a cabeça para trás e abre um sorriso todo bobo. Tudo só porque ele disse “nós”. Ele disse “nós”. Ela não está mais sozinha. Não consigo me conter. Reviro os olhos.

Depois de uma eternidade de êxtase meloso, Lucille traz o ensopado para a mesa e tira o pão do forno. Nós nos reunimos à mesa. Tomara que ninguém ouça meus ossos estalando quando me encolho até conseguir caber ali.

– Então, sexta-feira? – pergunta Digby.

– Claro – responde Lucille. – É minha folga no Fred’s – acrescenta dirigindo-se a mim. – Livre como um pássaro às sextas a partir de agora. O que significa que vou ter que trabalhar às quartas, mas...

– Como tenho treinos durante a semana – prossegue Digby –, a troca vale a pena. Ficamos com uma noite para sair juntos no fim de semana – conclui.

– É – digo. – Claro.

Só fiquei fora por um mês, não foi? Porque os dois parecem casados há séculos! Fico encarando o ensopado à minha frente. Noventa por cento de chance de sofrer um daqueles engasgos constrangedores. Eu trouxe um dos meus shakes. Será que vai soar grosseiro se eu tirá-lo da bolsa? Na verdade, acho que se cortar a cenoura em pedacinhos bem pequenos e mastigar bem a carne, vai dar tudo certo. Reduz significativamente minhas chances de engasgar.

– E eu? – pergunta Wren. – O que vou fazer enquanto vocês estiverem lá na casa do Parker?

– Posso tomar conta dela – sugiro. Ainda não estou pronta para festas. Centenas de pessoas lá da escola? A escola em si já vai ser bem ruim... – Prefiro ficar com Wren.

– De jeito nenhum! – exclama Lucille.

Tento não me sentir ofendida, mas a atitude dela é ofensiva. Faz séculos que tomo conta de Wren e agora Lucille resolveu não confiar em mim...

A boca de Digby, que tinha sido aberta para colocar a comida, se fecha dramaticamente.

– Não entenda mal, Eden. É que a senhora A. vai ficar com Wren – explica Lucille. – Só isso. Já combinamos que ela vai ficar de babá. Foi isso que eu quis dizer.

– Não sou nenhum bebê – diz Wren passando manteiga num pedaço de pão. – Não preciso de nenhuma das duas.

– E você devia ir à festa com a gente – observa Digby, e volta a comer o pão. – Não quer encontrar o pessoal?

Fico calada. Como dizer “Deus me livre” de um jeito delicado?

– Todo mundo está querendo ver você – continua ele. – Eles estão com saudade. Nós também.

Amasso um pedaço de batata bem pequeno e experimento botá-lo na boca. Consigo levá-lo bem para o fundo e engulo com todo cuidado.

– Caramba! – exclama Lucille. – Esqueci. Peguei o liquidificador só para você. – Ela retira minha tigela e ouço um barulho de motor ligado. Ela

retorna trazendo meu ensopado que agora é um molho marrom. – Fiz um purê – diz, toda orgulhosa.

– Obrigada – replico.

– Ah... – Wren dá uma olhada para minha versão estranhíssima do jantar e contorce a boca. – Desculpe, Eden. Não era assim que eu imaginava minha noite na cozinha.

Levo um pouquinho daquilo à boca com todos me olhando, paralisados pelo constrangimento. Só dou conta de comer mais uma colherada. Não sei se por causa da textura ou se é apenas psicológico.

– A culpa é toda minha – diz Lucille, aborrecida. – Fui eu que sugeri um ensopado. Achei que seria mais fácil para você comer.

– E é – afirmo. – É mais fácil do que um monte de outras coisas.

Olho para todos aqueles rostos desanimados e tristonhos.

– O que foi? – pergunto. – Tenho meu indefectível shake na bolsa se eu precisar. Ninguém aqui vai morrer de fome.

– Esses shakes são tão nojentos... – comenta Digby dando de ombros. – Têm gosto de plástico e de depressão, como se alguém que nunca comeu chocolate na vida resolvesse fazer chocolate.

– Pare com isso, Dig – reclama Lucille. E virando-se para mim, continua: – Quer que eu prepare uma vitamina ou qualquer coisa assim? Isso está mesmo parecendo comida de cachorro...

– Relaxe – digo. – De verdade.

– Quanto tempo ainda vai demorar para você comer coisas normais? – pergunta Wren.

– Ando treinando. – Mexo a meleca com um garfo. – As coisas estão melhorando. Pouco a pouco. – Acrescento, ecoando o Dr. Patel, encarregado da minha fisioterapia.

– Saquei – diz Lucille sem nenhum entusiasmo. – Está devidamente demonstrado: sou mesmo uma idiota. Desculpe.

– Ei! – exclamo. – Está tudo bem. Não me importo com isso. É como voltar a ser bebê.

Lembro-me daquelas vitaminas espessas e pastosas que Spock me

obrigava a beber lá no hospital. Qualquer coisa é melhor do que aquilo.

Algo, porém, estremece dentro de mim e percorre um caminho do meu umbigo até minha garganta. Algo que diz que estou absolutamente deslocada ali, que não tenho mais nada a ver com aquilo tudo. E parece que Digby, Lucille e Wren têm a mesma sensação, porque passamos todo o restante do jantar em silêncio.

REGGIE ESTÁ ESPERANDO À ENTRADA DA minha CASA

Está usando um daqueles casacos com gominhos e calça jeans. Alto, forte, com seu cabelo comprido e encaracolado. Vejo Parker no banco de trás minúsculo do carro de Reggie fazendo alguma coisa no celular. Mas ele fica ali dentro.

– Tenho uma teoria, Ruiva – diz ele, dirigindo-se a mim enquanto, pela janela, cumprimenta Digby com aquele gesto habitual de bater as mãos e depois os punhos cerrados. Nesse meio-tempo, desço do Animal.

– Que teoria?

Estou mancando mais do que nunca por ter ficado toda encolhida durante o jantar. Vou até onde ele está, ao lado do carro, um modelo popular, vermelho-vivo, como se a cor pudesse compensar o fato de aquela coisinha ser pequena demais para ele.

– Uma garota precisa se divertir depois de um longo período em coma – diz Reggie. – Quero dizer, coma é um negócio grave. Todos aqueles médicos, aquela história de quase morte...

Digby ainda está parado na entrada de casa. Fico esperando que desligue o motor, mas ele não faz isso.

– Tenho certeza de que minha teoria é saudável – prossegue Reggie. – O que acha? – pergunta, me dando uma cutucada. – Ande! Estamos indo para

Philly. Deve ter alguém tocando em algum barzinho por lá. Você ainda tem aquela carteira de identidade?

Claro. No ano passado, Parker, Digby, Reggie e eu pagamos uma fortuna por carteiras de identidade falsas quando um primo de Parker, um verdadeiro delinquente, veio para cá. Todos nós fizemos, menos Lucille, é claro. Ela se recusa a infringir a lei. Só conseguimos usá-las fora da cidade, já que aqui todo mundo nos conhece, mas mesmo assim... Tento contornar meu mau humor e fazer com que minha voz soe mais branda e doce do que aquele guincho que costuma ser. O garoto está se revelando um obstáculo entre mim e a minha cama, e não sei como dizer a ele que isso é muito perigoso.

Penso no jantar na casa de Lucille e nos dias e dias com experiências semelhantes que vou ter pela frente.

– Estou cansada, Reggie – explico. – Preciso dormir um pouco. Tipo umas doze horas. Temos aula amanhã.

Não sou uma pessoa cansada comum. Sou uma alma cansada.

Dormir, dormir... Talvez sonhar...

Neste exato momento, estou à beira da inconsciência, mesmo ali, de pé.

– Acordei hoje às quatro e meia da manhã para treinar, cara – diz ele. – E amanhã vou repetir a dose. O treinador ignora solenemente as férias. Portanto, não quero ouvir mais desculpas. Um monte de bobagem.

Sinto um tranco por dentro. Se eu ainda fosse eu, teria que levantar cedo para a aula de balé. A vida na escola seria simplesmente a ponte ligando as duas partes importantes do meu dia: aquelas que envolvem dança.

– Você devia ir com Reggie – sugere Digby. – Sério. Por que não?

– Porque já saí hoje. Porque não é o que devo fazer. Preciso descansar. Me preparar para a minha reintegração. Ou alguma outra coisa pode dar errado.

– Você é a pessoa mais descansada que já vi – diz meu irmão. – Faz pouco mais de um mês que acordou, mas ainda parece uma sonâmbula...

– Só estou obedecendo às ordens do médico – resmungo. – Todos me disseram para ir com calma.

Reggie e Digby se comunicaram por cima da minha cabeça, praticamente

só movimentando as sobrancelhas, como se eu não pudesse perceber, como se soubessem disfarçar muito bem. Isso acontece sempre e já está começando a me irritar.

– Parem com isso! – grito quando não aguento mais. – Você ligou para Reggie porque está se sentindo culpado e quer me empurrar para cima de alguém e, com isso, aliviar a consciência – explodo, dirigindo-me a Digby. – Mandou Reggie vir até aqui, então pare de me tratar como se eu fosse uma idiota.

– Mandou? – repete Reggie, erguendo as mãos. – Está me ofendendo. Ninguém manda em mim. Eu tomo minhas decisões. – Abre a porta do carro. – Podemos ir agora? Está frio demais para ficar parado aqui. E vejam só isso! – acrescenta, apontando para Parker. – Até botei ele no banco de trás.

Fico olhando para o carro, mas não saio do lugar.

– Tenho que voltar para a casa de Lucille – diz Digby bem devagar. – Para ajudar a arrumar as coisas. – Vira-se. – Íamos ver um filme ou coisa assim. Não acho que esteja sendo bom para a sua cabeça passar tanto tempo com aquela garota em coma, com mamãe e papai ou só dormindo. Você *não está* fazendo nada.

– Estou respirando – retruco.

Sinto uma vontade louca de arrancar Digby do carro e de lhe dar uma surra daquelas, até ele cair desmaiado. Mas estou fraca demais. Seria como tentar bater numa montanha.

– Volte para Lucille – ordeno, enxotando-o. – Vá. Ande logo. Veja um filme – prossigo. – Ou então ajude Wrenny com o projeto para a feira de ciências. Banque o padrasto. Ou seria o irmão adotivo? Afinal, Dig, o que você é? Quando descobrir, me avise.

– Pegou pesado – diz Reggie.

Começo a tossir, como se algum monstro que tivesse me possuído quisesse sair pela minha garganta. Reggie me dá uns tapinhas nas costas.

– Calma, Ruiva – fala ele. – Ficar assim com tanta raiva não vai lhe fazer bem.

– Você está querendo me deixar culpado por ter uma vida – Digby

resmungando baixinho, ainda de costas para mim. – Está é com inveja.

– Você é que está – retruco, embora isso não faça o menor sentido.

Que motivo ele teria para ficar com inveja?

– Ah, isso é que é maturidade – ironiza ele.

– Você vai levar umas porradas já, já, Digby. Vá embora! – exclamo.

Ele está errado. Não estou com inveja. Esta não é a palavra certa.

Você continuou vivendo, tenho vontade de dizer.

Ele fica sentado, com os braços cruzados. É tão criança... Basta a gente lhe dizer para fazer uma coisa que ele faz o contrário.

– Não vá cair de um penhasco – digo. – Sério.

– Qual é o seu problema? – pergunta ele, e o carro sacoleja quando ele engrena a marcha a ré.

– Ei, agora chega. – Reggie abre a porta do carona. – Não vamos entrar nessa dinâmica constrangedora de briga de irmãos. É estressante demais – acrescenta, e me empurra para dentro do carro.

Mas com delicadeza.

ENTÃO É ASSIM QUE É SER JOVEM E ESTAR VIVA

Estou numa boate porque Reggie disse que precisávamos sair da nossa zona de conforto. A ideia de entrar me deixa nervosa, já que ando muito sensível ao barulho e a tudo o mais, mas sei que, assim que passar pelo leão de chácara, vai ficar tudo bem. A música se resume a umas batidas maçantes e não àquela gritaria que quase perfura os tímpanos.

Reggie e Parker preferem bandas ao vivo, como Digby. Eu, porém, sempre gostei das boates, embora nunca tenha estado nesta aqui. Em geral, elas fazem parte da minha zona de conforto. Dançar. Desaparecer num mundo de movimentos. O som está bem alto. Os alto-falantes chegam a tremer.

O lugar está superlotado e quente, o que é bom depois de enfrentar o ar gelado do inverno. Mas estou suando tanto que parece que vou sufocar. Sinto-me desfalecer. Eu devia erguer os braços dando soquinhos no ar, agitar um bastão de LED ou fazer duas marias-chiquinhas no cabelo. Provavelmente eu ia me sentir melhor se entrasse no clima.

Reggie e Parker ficam do meu lado, como se fossem guarda-costas, para evitar que alguém me derrube. Todo mundo parece ser da nossa idade, como se estivéssemos num congresso de portadores de identidades falsas. E como é

o último dia oficial de férias, todos que têm que voltar às aulas do ensino médio amanhã estão nesta boate.

Bebo minha terceira dose de gelatina azul, que acabou se tornando minha iguaria favorita, já que não corro o risco de engasgar. Nada de afogamentos no próprio corpo. Ela simplesmente desliza garganta abaixo, se aloja no meu estômago e deixa tudo quentinho.

Permito que meus quadris rebolem um pouco, mas eles estalam por falta de lubrificação. Estou de jeans, regata e, mesmo assim, suando em bicas. A DJ está usando máscara, alguma coisa de anime, e tem cabelo cor-de-rosa. E é ótima, pois presta atenção ao público. Tem os instintos precisos, percebe quando é hora de pegar mais leve, quando é hora de deixar o pessoal doido. Em outra época, havia uma versão de mim que teria subido no palco e agarrado o microfone. Essa versão de mim é um espectro, agitando os braços e se esgueirando por entre aquela multidão de corpos dançantes. Ela está se divertindo à beça como antigamente enquanto eu estou parada aqui.

Estou tentando me ligar na música, ser positiva, seguir com a vida. Estou mesmo. Tudo que vejo, porém, é glitter barato e gente bêbada, alguns bancando os descolados e alheios, outros, tão fora do ar que chegam a revirar os olhos pelo simples prazer de ligar o foda-se para o que rola ao redor.

É aí que está o problema, Eden Jones.

Você não consegue ligar o foda-se.

Como na situação com Parker, por exemplo.

– Ei! – grito no ouvido dele. – O que aconteceu com o seu cabelo?

– O quê? – responde ele também aos berros.

– seu cabelo. está um lixo! por que está fazendo isso consigo mesmo?

Ele leva a mão ao pequeno coque no alto da cabeça, alisa a barba e faz cara feia para mim.

– E não é só isso – aponto para a barbicha. – Que tal tacar fogo nisto aí?

– Isto aqui atrai as gatas.

Com ar desafiador, toma um gole caprichado de cerveja. Artesanal, é claro.

– Ah, com certeza – retruco. – Só se forem os bichos propriamente ditos...

– Quer saber de uma coisa? – exclama Parker. – Desde o acidente, você virou uma perfeita babaca.

Aquilo me atingiu, mas de leve.

– Eu não quis ser escrota. Só estava tentando ajudar. Mas, sério, continue assim, desse jeito horroroso. Pelo visto esse visual de lenhador sexy é modinha agora...

Reggie aparece entre nós dois com mais um drinque para ele mesmo e mais uma daquelas gelatinas alcoólicas para mim.

– Ei, Ruiva, vamos pegar um arzinho – convida ele, e vai me guiando através da multidão até chegarmos à calçada.

Meus ouvidos estão zumbindo por causa da diferença entre o barulho lá de dentro e o súbito silêncio relativo do lado de fora, no beco onde reina aquele frio gostoso e muito bem-vindo.

Um sujeito, com um saco de dormir nas costas e um cachorro na coleira, passa na rua. Não olha para nós, e seus movimentos são tão lentos, graciosos e tão parelhos com os do animal que fico me perguntando se ele não é como as flores. Não parece real. É algo que eu trouxe comigo lá do outro lado, uma sombra chinesa vagando por aí.

– Viu aquele cara? – pergunto, apontando para a esquina onde ele dobrou com o cachorro indo placidamente atrás.

– O quê? – pergunta Reggie. – Que cara?

– Não faço a menor ideia – respondo. – Esqueça.

Reggie passa o braço pelos meus ombros. Pego minha gelatina, viro de uma golada só e me recosto nele. É um encosto bem macio, embora seja todo feito de músculos.

– Você não pode fazer isso com Parker – diz ele. – Até que é engraçado, mas o garoto é muito sensível.

– Mas que tipo de atleta ele é? Não deveria ser tipo um gladiador moderno?

– Tipo poeta secreto – responde Reggie. – Com um incrível repertório guardado no bolso.

– Bom, eu também sou muito sensível – digo. – A péssimas escolhas de

moda. – Rio e bato a cabeça no muro às minhas costas.

– Ai, Ruiva! Cuidado com essa cabeça...

– Tem um cigarro? – pergunto.

Na verdade, nunca pensei em fumar, mas agora ando querendo fazer todas as besteiras possíveis.

– Sou um atleta – rebate Reggie. – Você devia se envergonhar de perguntar isso – acrescenta, esfregando a parte de trás da minha cabeça. – Está achando que o ferimento que teve vai proteger você de sair batendo a cabeça por aí. Fala sério.

– Estou falando sério. Tem uma tesoura? Vou cortar fora aquele coque – digo, picotando o ar com gestos.

Daí, não sei por quê, sinto uma necessidade súbita de apoiar a cabeça nas mãos.

– O que foi, Ruiva? – quer saber. – Está se sentindo bem?

O casaco macio dele roça no meu rosto e me faz lembrar da época em que ele tinha 4 anos e pedi que se casasse comigo. Ele me empurrou para longe e eu lhe dei um beliscão. Agora estamos no último ano do ensino médio e já percorremos uma longa estrada. Reggie ficava lendo para mim no hospital. Eu só ouvia.

Tomo o rosto dele entre as mãos e lhe dou um beijo. Seus lábios são macios, mas ficam parados, sem fazer nada.

– O que deu em você? – pergunta ele quando me afasto. Dá para ver que está se controlando para não limpar a boca. – Agora sei que está realmente com problemas.

– Amo você, Reg – digo, e odeio ter soado tão melosa. – Quero que saiba. Porque a vida é curta. Não quero jamais que deixe de saber disso.

– Beleza. É bom saber que você ainda consegue se animar – diz ele, me afastando. – Também amo você, maluquinha. Como uma *irmã*.

– Não precisa transformar numa coisa nojenta. – Recuo um pouco. – Tudo tem limite.

– Nada disso! Quem ignorou os limites foi você. E isso é nojento. – Ele bebe um gole do drinque com vodca que tinha enfiado debaixo do casaco.

Isso é o que mais gosto em Reggie: ele adora bebidas adocicadas, de preferência enfeitadas com um guarda-chuva; e se tiver uma cereja, fica melhor ainda. – Se não tomar cuidado, vai se meter em mil encrencas com essa história de “a vida é curta”. Vai acabar se permitindo fazer um monte de besteiras. Tipo me beijar. Não tem nada a ver.

– Mas eu nunca beijei ninguém. Sabia disso? Nem uma única vez em toda a minha vida!

– O quê? – Reggie esvazia sua garrafa. – Clube das Confissões de Bêbados, tomada um. Ação!

Dou de ombros.

– Sou pura como a neve que cai. Isso é absolutamente patético.

Visto o capuz do casaco porque agora fiquei com frio.

– Mocinha, você tem 18 anos! – exclama ele. – Como pode?

– Sou como uma freira. – Balanço os quadris para esbarrar nos dele. – Só que casada com a dança.

– Mas... E a brincadeira da garrafa? Verdade ou Consequência? – Ele está puxando o próprio cabelo. – Éramos umas criancinhas tão degeneradas... Não pode ser verdade.

– Eu não mentiria para você – digo.

A história de nunca ter beijado é verdadeira. Sempre arranjava algum pretexto para ir embora quando as pessoas começavam a se agarrar, antes que os pais descobrissem que já estava mais do que na hora de pôr um fim àquelas tão desejadas festas do pijama. E então, quando todo mundo estava fazendo isso de propósito, se beijando e se abraçando sem ser só de brincadeira, meu irmão estava sempre no meio, além de outros meninos que eram como irmãos para mim. Fosse como fosse, nunca me passou pela cabeça ficar me agarrando com qualquer um deles e tudo aquilo me parecia uma baixaria e até meio anti-higiênico.

– Nem cheguei a ter vontade. De beijar, digo. A não ser teoricamente. Mas agora eu quero. – Passo os dois braços pelo pescoço dele. – Vamos, Reggie. Vamos nos apaixonar. – Jogo a cabeça para trás e preparo a boca para outro beijo.

– Ah, minha amiga. Não. Por favor. Ouça o que estou dizendo.

– Não quer ser meu amante?

Reggie cai na risada. Definitivamente, estou sendo rejeitada. Que bom que não sinto nada.

– Beleza. Tudo bem. Mas preciso de um motivo para ficar aqui, Reggie. Precisa ver como é lá do outro lado.

– A gente não decide que vai se apaixonar. – Ele nem sequer ouviu o que eu disse... Ou resolveu ignorar. – É algo que simplesmente acontece. Não é uma coisa que a gente manda o cérebro fazer.

– Mentira. Química. Hormônios. Feromônios. O amor é pura ciência. – A julgar pelo olhar lançado por ele, Reggie deve estar apaixonado e vem guardando segredo. – De todo modo, eu poderia ter morrido sem nunca ter beijado alguém. E agora sei que não vou. Então, muito obrigada.

– De nada, querida. – Reggie faz um carinho na minha testa suada. – Mas preste atenção. O amor não é ciência. Tem toda uma mágica envolvida. Espere só para ver – profetiza. – Espere só...

ÀS VEZES FICA DIFÍCIL RESPIRAR

Foi porque pensei no ar entrando e depois saindo dos meus pulmões, coisa que ninguém deveria fazer. É assim que o ato de respirar fica esquisito, como acontece com tudo em que você pensa demais. Até nosso nome pode soar estranho e falso se ficamos pensando nele. Agora, por causa de toda a briga, esqueci como se respira. É o que explico a Digby quando os nossos olhares se cruzam no espelho do banheiro enquanto ele me atazana do vão da porta, segurando uma colher e uma tigela de cereais quase vazia.

– Não sei nada sobre essa história de respiração. Mas sei que você não pode ir para a escola desse jeito – diz ele, fazendo um gesto amplo na minha direção.

Eu não devia voltar para a escola hoje e isso não tem nada a ver com o jeito como estou vestida. Nem com o fato de eu ainda por cima estar de ressaca. Mas hoje é o dia. E não vou recuar agora.

Digby não consegue me encarar, o que me mostra que ainda está magoado com tudo o que aconteceu ontem à noite, mas vamos em frente mesmo assim, cobrindo com camadas de conversa a dor, a tristeza, os mal-entendidos. Tiro o roupão que Sally e Rita me deram para que Digby possa ver o que estou efetivamente usando por baixo.

– Vai ter que botar um cinto, senão sua calça vai cair. – Ele encara minha calça jeans larguíssima. – E também um rímel ou qualquer coisa assim.

– Fora! – Aponto para o corredor. Minha pretensão de fazer as pazes e manter a doçura desaparece. – Suma daqui ou é você quem vai acabar mancando – digo.

Ele nem se mexe. Simplesmente raspa o fundo da tigela e come o restinho de cereal como uma vaca ruminando. Aquele barulho ressoa na minha cabeça dolorida.

– Por que não mastiga mais alto? Adoro esse barulhinho.

Por mais que eu mexa e remexa no cabelo, troque de calça e de blusa, não consigo ficar bonita. Nem sempre liguei para isso. Na verdade, eu nunca liguei muito para isso. Só pensava em ser leve o bastante para as piruetas do balé. Sinto saudade daquela parte de mim que não se olhava no espelho, que não estava nem aí para o jeito como ia experimentar o mundo.

Já passei camadas e camadas de maquiagem, e acabei tirando tudo. Agora, com uma bolinha de algodão, tento tirar o excesso de blush que passei nas bochechas.

– Faça um rabo de cavalo – sugere Digby (o que não ajuda em nada) quando volto a tentar cobrir o trecho que ficou careca. – E vamos *logo*.

– Não é tão simples assim.

Eu me deixo cair na beirada da banheira, tão exausta que mal consigo imaginar que tenho um dia inteiro pela frente e que estou apenas no começo dele, não no fim.

– Não é tão fácil assim voltar – completo.

– Ah, qual é? – replica Digby. – É só até a hora do almoço. Aí trago você para casa e vai poder se enfiar de novo na sua toca. Deixamos os sentimentos para depois, ok? Mais tarde a gente reserva um tempo para isso e conversa direitinho. Mas agora...

Já me vejo mancando pelos corredores da escola, sendo empurrada na parede por Betty Sargent, que sempre machuca as pessoas por acaso. E aí fico louca com ela, grito e ambas voltamos para casa chorando. Já me vejo enfrentando o Sr. Liebowitz, que vai ter pena de mim, mas também vai ficar

meio bravo por eu voltar de mansinho depois de ficar um tempão fora enquanto ele teve que lidar com a ralé. E então ele vai assumir uma postura passivo-agressiva e gaguejar meu nome. Já me vejo engasgando com um nugget de frango ou com um bolinho de batata na lanchonete. Todo mundo ri, inclusive Reggie, Digby e Lucille, porque ver alguém engasgando é sempre engraçado na cabeça dos idiotas e a reação natural diante de alguma coisa engraçada é o riso.

É nesse momento que vejo a escola inteira em chamas graças aos meus poderes mediúnicos porque, já que vou cair, então vou levar todos comigo. Ninguém vai escapar com vida.

Solto o cabelo e ele se espalha pelos meus ombros. Uma coroa de fios elétricos de cobre.

– Pode me emprestar isto? – Aponto para as partes carecas da minha cabeça.

Digby tira o gorro e bota na minha cabeça.

– Temos cinco minutos – diz ele. – Não me obrigue a ir embora sem você. Porque eu vou mesmo.

– Dig, você está me deixando irritadíssima.

– Ai, que fofura! – exclama ele. – Estou morrendo de medo de você. Agora vá sentar a bunda no banco do carro.

Apesar de tudo, porém, ele espera eu me aprontar e me entrega o cachecol preto, perfeito para proteger minha garganta.

PERDI MAIS SEIS DIAS DA MINHA VIDA

Depois da minha tentativa fracassada de voltar à escola, fiquei tão inconsciente que mamãe pensou que eu talvez estivesse novamente em coma. É o que me diz quando vem abrir as cortinas do meu quarto.

– Mãe – digo num gemido. – Mas por quê?

BC está atrás dela. Dá para ouvir seu rabo batendo nos móveis quando pula para me cumprimentar e apoia a cabeça no meu travesseiro, a milímetros do meu rosto. Faço um carinho no focinho dele e me esforço para abrir os olhos. Preciso meter os dedos no ponto onde se formou uma fina camada de cimento que mantém as pálpebras grudadas.

– O dia está lindo lá fora – declara mamãe sob aquela luz que chega a me cegar. – O médico disse que você precisa se levantar. Disse que não posso deixar você dormir desse jeito, por mais cansada que esteja.

– Você ligou para Spock?

– Spock?

– Foi ele que me disse para descansar.

– Isso não é descanso, Eden. Está mais para... coma.

– Golpe baixo... – resmungo.

– Querida...

– Esqueça – afasto as cobertas. – Você podia ter me acordado.

– Nós tentamos, Eden – explica mamãe. – Tentamos de tudo. Mas você estava num estado alterado e num humor que não era lá dos melhores.

Um lampejo. Berros. Travesseiros atirados a esmo. Lágrimas.

O computador do meu cérebro tinha voltado a dar pau.

Tomo um gole de água com o maior cuidado enquanto minha mãe fica olhando lá para fora. Minha garganta está arranhando.

A janela do meu quarto dá para o jardim. Mamãe nunca pôde ter um jardim quando morávamos na cidade, na casa vizinha à de Lucille. Só um quintal decente com alguns vasos de plantas. Passamos um verão inteiro aqui na casa nova e sempre que eu acordava a flagrava lá fora, desde bem cedinho, cuidando do jardim antes que ficasse quente e úmido demais e que chegasse a hora de ela ir para o trabalho. Eu ficava ao seu lado, com uma xícara de café bem forte na mão, e ouvia enquanto ela citava o nome de cada flor que plantava.

Peônia – dizia –, *esporinha*, *lírio-tigre*, *monarda*, *buddleja*, *beijo-de-moça*, *palma-de-santa-rita*, *margarida-amarela*, *equinácea*, *lavanda*, *zínia*, *girassol*, *vitex*, *flor-do-beijo*, *dália*, *rosa*. Aquilo soava como o Universo, a resposta a algo além de qualquer pergunta na qual eu pudesse pensar. Claro que eu não precisava sair para admirar as flores. Todas as manhãs, o jardim vinha espiar pelo parapeito da minha janela, otimista e espetacular como um arco-íris. Mesmo assim, eu ia lá fora só para ficar ouvindo aquelas coisas sobre plantas, adubos e farinha de ossos, porque aqueles termos de jardinagem, do jeito como minha mãe falava deles, eram tão ricos e fecundos quanto o solo em si.

Provavelmente é isso que ela está enxergando agora enquanto olha para o nada, bafejando e depois passando os dedos no vidro. Potencial.

– Este quarto está com um cheiro horrível – comenta, voltando a atenção para mim com o mesmo olhar de concentração e de intensidade em geral reservado a suas flores e aos seus bolos elaborados.

– Obrigada – retruco, com a mão no pescoço.

Meus lábios estão ardendo de novo, quase tanto quanto nos primeiros

momentos depois que saí do coma.

– Está com cheiro de sono e... sei lá... Quando você for tomar banho, a gente vai abrir bem as janelas, deixar esse ar sair, catar as roupas espalhadas pelo chão – diz minha mãe.

Sou uma flor. Preciso de água e de farinha de ossos.

– Deve estar fazendo uns cinco graus abaixo de zero lá fora e você quer abrir a janela?

Mas quando olho para o meu quarto pelas lentes de mãe, entendo tudo. Isto aqui não é um jardim explodindo em amor colorido. Está um nojo. O chão está coberto de sapatos, botas, leggings, moletons e echarpes. Em cima da escrivaninha há pratos e copos de vitaminas vazios. Tive o maior trabalho tentando encontrar alguma coisa confortável para usar na festa do Parker, mas o esforço para trocar de roupa, para disfarçar a cicatriz da traqueostomia foi demais para mim. E depois a ideia de entrar no chuveiro, raspar as pernas e pentear o cabelo acabou matando a perspectiva da festa. Tentei ler, mas isso também não funcionou. Voltei a enfiar o roupão que Sally e Rita me deram. Ele é azul, bem largo e quentinho. Desisti de todo o restante. E o chão do quarto é a prova disso.

Digby ainda tentou me convencer a ir com eles. Lembro disso. Mas suspirou aliviado quando eu disse que não ia.

Então vá, pensei, e talvez tenha dito isso em voz alta porque ele fingiu insistir para que eu me levantasse. Suma daqui e volte para sua nova vida maravilhosa junto com minha melhor amiga.

Mas isso aconteceu, o quê, seis dias atrás?

– Vamos fechar a porta quando sairmos – diz minha mãe. – Assim o ar frio não vai matar o calor da casa inteira. – Faz uma careta. – E vou cuidar desta bagunça aqui. Vai dar tudo certo.

Ela senta aos pés da minha cama e parece ainda mais miúda que de costume, com o cabelo solto, meio quebrado nas pontas e oleoso na raiz.

– Quer dizer que hoje é domingo? – pergunto. – De novo?

Ela faz que sim com a cabeça e me entrega um copo d'água que estava na mesinha de cabeceira.

Mais lembranças surgem nos caminhos lamacentos do meu cérebro.

O dia mais longo na escola. Meu armário transformado num santuário com fotos minhas. Como se eu tivesse morrido. O Sr. Liebowitz tentando me animar com uma conversa sobre universidade, falando das minhas habilidades com a escrita e das inscrições nos cursos. Minhas pernas parecendo blocos de mármore e meus olhos, charutos acesos dentro do crânio.

De novo em casa. Admitindo a derrota. Dias de maratonas diante da TV.

Minha cama.

Levantar para ir ao banheiro. Para beber água. E depois voltar para a segurança das cobertas. Eu não estava apenas me enfiando entre elas. Minha intenção era me esconder para que ninguém conseguisse me encontrar. Ir para o outro lugar, aquele onde havia paz, onde tudo dava certo. Como um ímã meio que me puxando.

– Viu os cartões que as pessoas mandaram para você? – pergunta minha mãe.

Faço que não com a cabeça.

– Acho que você devia escrever uns bilhetinhos agradecendo. Ah! E veja só isso!

Dirige-se à minha escrivaninha.

– Alguém mandou estas flores ontem – diz. – Todos se lembraram de você.

Duas dúzias das rosas brancas mais perfeitas que já vi estavam num vaso debaixo da prateleira de sapatilhas de ponta.

Sento na cama de um salto.

– Quem mandou? – Há um toque de histeria na minha voz, ou talvez seja empolgação. Não sei ao certo, mas ela soou bem mais escandalosa do que o quarto comportava. – Quem trouxe?

– O quê? As flores? – Minha mãe parece perplexa e fica esfregando a pele do pulso. – Não faço a menor ideia. Quer dizer, foi um garoto que entregou aqui em casa.

– Garoto?

– É. Acho que deve ter mais ou menos a sua idade. Não que você seja criança – diz ela. – Sei que já é adulta. – E suspira. – Que ano...

– Tinha algum cartão? – Quase estrago as flores procurando por um.

– O...

– Cartão!

Ela fica impassível.

– Mãe! Tinha um cartão nas flores?

– Uau! – exclama ela. – Não vejo você...

Finalmente encontro um pequeno envelope sem nada escrito e desabo na cadeira da escrivaninha, praticamente sem fôlego.

– Que diabo...!? – exclama minha mãe como se a ficha finalmente tivesse caído. – Bem que tive a impressão de já ter visto aquele rapaz antes. Foi no hospital, não foi, Eden?

EU E JAZ QUEREMOS QUE VOCÊ VOLTE, diz o cartão dentro do envelope.

– Você o conhece, Eden? Quem é ele? – pergunta mamãe quando me atiro de novo na cama, segurando o cartão, lendo e relendo aquelas palavras. – Por acaso isso aí é um sorriso?

Dentro de mim, pedra e granito entram em fricção e, antes que eu possa contê-la, a fagulha brota.

Nome do paciente: Eden Jones

Observação: Embora a paciente continue apresentando melhoras, passa longos períodos inconsciente. Ela não fala sobre o assunto. Entretanto, com base nas informações fornecidas pela mãe, ela parece estar apresentando alucinações, além de um cansaço constante e de alguma alienação acompanhada de emoções intensas, tanto positivas quanto negativas. Sua primeira tentativa de voltar às aulas não foi bem-sucedida. Ela tem abusado de bebidas alcoólicas, sendo agressiva com os familiares, e tem se recusado a preencher os formulários de inscrição para universidades. Pode ser que não consiga concluir o ensino médio. Nas atuais circunstâncias, a paciente não está apresentando uma reintegração adequada.

Conclusão: A paciente continua a exigir acompanhamento intenso. A terapia é altamente recomendada.

ESSA TERAPEUTA BEM QUE PODERIA FAZER TERAPIA AGORINHA MESMO

— Está disposta a experimentar? —
pergunta mais uma vez a Dra. Gat.

— Bom, doutora Gat... — começo.

Adoraria estar com minha jaqueta de couro.

— Marlene — diz ela. — Pode me chamar de Marlene.

— Bom, Marlene, não sei exatamente por que deveria experimentar.

Ela sorri, exibindo dentes brancos e meio tortinhos. Seus olhos são acolhedores, porém indecifráveis, como se ela tivesse frequentado alguma escola especial para terapeutas que ensina a ser ao mesmo tempo acessível e opaco. Tem quase um metro e oitenta e o cabelo castanho é curto, obedecendo a um estilo qualquer que lembra um pouco aquele cabelo de cuia. Decididamente, ela não tem muitas formas. E acho que é legal, embora esteja me chateando desde que cheguei.

Não sei por que estou fazendo terapia. Tudo que sei é que mamãe declarou que sairia procurando novos e diferentes círculos do inferno para me

incluir (grupos de apoio, cursos de arte, aulas particulares) caso eu não concordasse com isso. Sendo assim, tive que concordar.

Nunca tinha estado no consultório de um terapeuta e essa vontade enorme de gritar, fazer barulho e bagunçar tudo me pegou desprevenida. É porque este lugar é assustadoramente tranquilo, com suas plantas verde-jade, o vaso de figueira, a fonte e o aquário. Mas são também as roupas fluindo na figura corpulenta de Marlene, como uma imensa vela de barco. Na verdade, ela se parece mesmo com uma espécie de barco e fica me olhando como se soubesse das coisas do mundo (do meu mundo); como se soubesse mais a meu respeito do que eu mesma, sendo que não sabe nada, a não ser o que minha mãe apavorada e paranoica contou a ela.

Mas tudo bem. Sou capaz de aguentar essa hora porque tenho algo a fazer quando sair daqui. Encontrei Joe no caminho e, assim que der, vou lá perturbá-lo um pouco. Ele estava no quiosque de flores, mas aparentemente nem me notou. Cheguei até a acenar de longe, mas, como ele não retribuiu, fingi que estava me espreguiçando. Mas não faz mal. Flores! Ele levou flores para mim. Entregou lá em casa, a 25 minutos daqui.

– Em que está pensando neste exato momento, Eden? – pergunta a Dra. Marlene. – Seu rosto se iluminou.

Pouso a caneta e o caderninho vermelho que ela me deu na mesinha de centro entre nós.

– Sua mãe me disse que você adora listas – diz ela, e seus olhos pousam no caderno e voltam a me fitar.

– Adorava – respondo.

Era uma vez uma garota que tinha a vida inteira planejada em listas. Algumas eram curtas, outras, compridas; algumas por escrito, outras, ilustradas. Eram feitas em blocos e guardanapos, em caixas de sapatos ou rolos de papel higiênico, e às vezes até nas solas de seus sapatos. Listas sobre cores das paredes de seu futuro apartamento e inscrições em faculdades. Orçamentos detalhados do eventual custo de vida em Nova York. Havia gráficos. Listas de desejos. Listas de coisas a serem organizadas. Listas de aspirações.

Então essa garota caiu e bateu a cabeça.

Fim.

– Antes – digo –, eu adorava listas.

Baboseira. Lixo. Perda de tempo.

– Você tinha um plano para daqui a cinco anos, não é? Sua mãe disse que sempre fazia isso. Mapeava tudo? Pensava em formas de solucionar problemas, em todos os passos a serem dados?

– Antes – repito.

– Mas, me pergunto, será que tem algum plano para a sua vida agora? Onde se vê daqui a cinco anos? A maneira como se vê mudou?

Ora, claro. Agora o plano para os próximos cinco anos é sufocar num edredom.

No porão da casa dos meus pais.

– Por falar em vida – digo –, será que podemos falar um pouco sobre morte?

Ela se recosta na poltrona.

Frustração.

– Claro – diz.

– O que você acha que acontece quando a gente morre?

– Bom... Não sei. – Põe a caneca de lado.

– Você acredita em Deus? Em paraíso? Em inferno? Em reencarnação? Nas oitocentas virgens?

– Eu não vou... – Ela se apruma, passa a mão pelo peito como se estivesse espanando migalhas caídas ali. – Embora as questões religiosas sejam interessantes, Eden...

– Existenciais, não religiosas. Quero saber o que você acha que acontece a alguém como eu, que ficou separada do próprio corpo por algum tempo. Quer dizer, será que essas pessoas... voltam mesmo, de verdade?

– Está vendo? – diz ela, batendo o dedo no caderno. – Era exatamente o que eu estava dizendo.

Argh!

– O que estou lhe pedindo para fazer – prossegue –, só o que estou lhe

pedindo para fazer, é olhar ao seu redor e anotar algumas coisas que fazem o fato de estar viva valer a pena. É simples. Vamos nos concentrar na vida.

– E como você pode saber se estou viva? – pergunto.

O rosto dela se contrai todinho.

– Como assim?

– Pode me provar que estou viva?

– Posso... Posso lhe dizer que estou vivenciando minha própria vida e vivenciando você como uma pessoa viva. Portanto ambas devemos estar vivas.

– Essa lógica é furada – digo. – Já ouviu falar de Pensamento de Grupo? Você poderia estar morta também e nós duas estaríamos tendo uma alucinação coletiva. Ou você poderia ser um produto do meu inconsciente, ou um símbolo, um guia...

– Não sou um símbolo.

– Talvez eu seja.

– Acredita mesmo que está morta, Eden?

– Não. Claro que não. – Rio porque ela está me olhando como se seus dedos estivessem sobre um botão secreto que ativa a tranca de um cômodo todo almofadado. Trato de agir de forma sensata, embora, numa terapia, esperem que a gente seja meio maluco. – Só estava levantando uma questão.

Sento-me mais ereta. A consulta está quase no fim.

– Que questão?

– Hãã... – Agora me perdi.

– Que questão você pretendia levantar?

– Sobre o quê? – Estou meio atordoada porque não faço a menor ideia do que eu estava dizendo.

O rosto dela se abrandando.

– Quer falar sobre vida e morte, Eden? Tudo bem. Vamos falar sobre isso. – Marlene cruza as mãos sobre os joelhos. – É natural que fique confusa, que tenha perguntas. Não sei se posso responder a todas elas, mas podemos falar sobre tudo isso.

Este sofá, de um tecido aveludado cor de mostarda, é perfeito para

dormir. Meus olhos começam a se fechar.

– Quer me contar suas lembranças do período que passou em coma?

Dou de ombros.

O que ela diria se eu lhe contasse o que aconteceu enquanto eu estava lá do outro lado, ou se eu lhe falasse que queria descobrir onde Vasquez se encontra neste exato momento e também o que me fez voltar? Vai parecer que estou Doente de novo em vez de Retomando a Minha Vida, como todos querem que eu faça. Vou guardar minha Doença para mim. E, acima de tudo, não vou mencionar as flores pretas que estão desabrochando acima da cabeça dela e girando como um halo brilhante.

– A gente não sabe nada de nada – digo, depois de alguns minutos durante os quais ela me observou atentamente. – Refiro-me aos seres humanos. Ninguém sabe se a realidade que estamos vivenciando é *realmente* realidade ou se estamos simplesmente inventando coisas. Você não pode afirmar com cem por cento de certeza que eu acordei de fato. Nem eu. É isso que estou dizendo. – Calo-me por um instante. – Pura especulação.

– Bom – diz ela –, imagino que, se você levar esse raciocínio ao extremo, tudo é especulação.

Se tudo for um sonho, posso fazer o que quiser, e as consequências vão ser irrelevantes, porque ninguém é real. Penso em abrir as asas e sair voando do prédio. Talvez eu possa desejar isso. Nada acontece, exceto no caso das flores, que se espalham pelo piso e sobem pelas minhas pernas, o que já é alguma coisa, mas não exatamente o que eu vinha esperando. E qual é o significado das flores? É exatamente sobre isso que quero falar; é isso que preciso descobrir. Elas me seguiram até aqui e, enquanto eu não entender o porquê, posso fazer todas as listas do mundo. A chave está nas flores, e Marlene não pode me ajudar com isso.

– É ótimo analisar esses conceitos, essas experiências mais esotéricas, mas precisamos estabelecer um equilíbrio. Antes de você voltar para casa, eu gostaria de rever alguns passos que vamos dar para você retomar contato com sua vida – diz Marlene. – É natural que os pacientes que estiveram em coma

se sintam dissociados, deprimidos. Essa é uma parte importante da recuperação, Eden. Mas vamos também olhar para a frente.

– Se há uma coisa que não sou é dissociada – replico, e arranco um pedacinho de esmalte preto da unha.

– Portanto – insiste ela –, para a próxima consulta, existem algumas coisas nas quais se pensar. Tanto do passado quanto do presente e do futuro.

– Hã-hã – digo.

– Pelo que eu soube, seu irmão gêmeo está namorando a sua melhor amiga e parece que é sério. Podemos falar sobre isso?

Não podemos, não.

– E podíamos falar também sobre o fato de você não ter voltado a dançar, e a dança sempre foi uma parte importante da sua identidade, não é mesmo?

Não grite, Eden. Você teve tanto trabalho para fazer sua garganta sarar.

– Você sabe mesmo como deixar uma garota feliz – ironizo, afinal.

– Apenas pense na lista, ok? – diz ela, soltando um suspiro bem considerável. – Se não se sentir confortável, vamos tentar algo diferente. Coisas de que você gosta. Dê uma chance a isso tudo, Eden. Pode sair alguma coisa boa daí.

Ah, minha querida Marlene Gat.

– Você precisa estabelecer uma relação – diz ela, praticamente falando dentro da caneca de chá e sem muita esperança. – Nunca se sabe...

A RELAÇÃO QUE ESTABELECI FOI COM UMA CADEIRA

Estou vendendo flores para as pessoas

que vêm ao hospital, pois assim Joe pode sair para comer alguma coisa. Foi tão esquisito quanto parece. Ele estava tão desesperado que acabou me entregando a bolsinha com o troco, dizendo para eu me comportar e não roubar nada enquanto ele daria um pulinho no banheiro, e sumiu pela porta da frente logo em seguida. A madrastra, segundo ele, estava resfriada e por isso Joe teve que ficar encarregado do quiosque; e como o pai estava atarefadíssimo, acabou não lhe trazendo comida como tinha prometido. Resultado: Joe estava *morrendo de fome*. A vantagem disso tudo é que a gente não precisou tocar no assunto das flores que ele mandou para mim nem no motivo que me trouxe aqui. Fomos direto ao fato de ele estar doido de vontade de fazer xixi.

Estou achando o máximo ser a garota da Flower Power. As pessoas se sobressaltam ou sorriem quando me veem. Lembram-se de que pretendiam comprar algumas flores a caminho do hospital para visitar o familiar doente, seja ele quem for. Deviam ter tido mais consideração, ter sido mais

atenciosos, mas estavam chateados ou ocupados demais. Então, quando me veem, soltam um suspiro de alívio e relaxam os ombros. Compram um buquê de lírios ou algumas rosas brancas. Pelo menos era isso que eu achava que ia acontecer. Só vendi um buquê para um sujeito que carregava uma pasta de executivo, mas ele pareceu bem contente. Voltei a ouvir música pop e cheguei até a acompanhar uma canção do sistema de som do hospital. Fico contente ao notar que minha garganta não dói mais quando faço isso.

Estico as pernas que estão meio dormentes por causa da sessão de fisioterapia que tive antes da terapia. Quando as estendo, sinto os músculos voltarem à vida. Tenho quadríceps, músculos posteriores e panturrilhas. Tenho tendões e ligamentos. Segundo o Dr. Patel, como fui atleta por tanto tempo, meu corpo vai se recuperar mais depressa do que o de outras pessoas. Mesmo assim, continuo a sentir dor.

– Obrigado – diz Joe.

Ele está meio sem fôlego, traz um pacotinho de papel e tem o rosto corado por causa do frio lá fora.

– O que você comprou? – pergunto.

– Frango com molho de amendoim – responde ele. – Estou com fome e o sujeito ali da esquina faz um macarrãozinho maneiro.

O movimento aumenta. São cinco e meia. Nesse horário de saída do trabalho ou da escola, o hospital fica parecendo até uma rodoviária. Joe tira a tampa da quentinha e prova a comida. Depois de um instante de silêncio, diz:

– Vou ficar maluco se esse troço continuar a tocar. Parece até que estão tentando nos matar com essa não música de péssima qualidade. Realmente, nos levam ao limite...

– Como está Vasquez? – pergunto logo depois.

– Quem?

Ei, Eden! É claro que ele não faz ideia do que você está falando. Que mania de inventar nomes para as pessoas!

– Jasmine – emendo. – Quer dizer, Jaz.

Uma mulher com um enorme colar de conchas chega pedindo um buquê de margaridas brancas. Pego o troco enquanto Joe está comendo.

Quando a mulher vai embora, Joe diz:

– Jaz não está muito bem.

– Sinto muito. Que chato...

O que se segue é o barulho do macarrão sendo sugado.

– Ela é sua namorada? – pergunto. – Só estou curiosa.

Joe larga o garfo e me olha durante tanto tempo que a Eden pós-coma quase se atira em cima dele, mas aí chega um homem usando um daqueles sobretudos e pede uns lírios.

– São para a minha esposa – explica ele. – Acabamos de ter uma filhinha. Lila.

– Que ótimo! – digo. – Meus parabéns!

Depois que o sujeito se vai, Joe continua:

– Não sei explicar a presença de Jasmine ou o que ela representa na minha vida. Nunca parei para pensar nisso.

– Ah! – Não sei ao certo se aquilo foi uma resposta à minha pergunta.

– E você? Tem namorado?

Subo o zíper do casaco.

– Pelo amor de Deus – digo. – Já olhou para mim? Sou toda remendada...

– Remendada?

Primeiro, aponto para a minha cabeça e depois para todo o restante.

– Não acho que seja remendada – declara ele. – Você parece um daqueles quadros com damas ruivas de cabelo comprido.

– Damas?

– Sei lá... – diz Joe. – Não sei que nome dão a elas. Mas “remendadas” é que elas não são.

E volta a comer o macarrão.

– Somos amigos há muito tempo, Jaz e eu – completa enfim. – Estudamos na mesma escola. Os professores não gostam dela. E também não gostam de mim. Portanto, temos semelhanças.

Acho que eu tinha razão sobre aquela história de combater alienígenas.

– Ela tem pais? – pergunto. – Além de você, nunca vi ninguém visitá-la.

– Ela vivia num orfanato, mas agora mora sozinha. *Morava!* – diz isso

como se estivesse com raiva de si mesmo. – Quer dizer, agora mora com outra pessoa. É minha vizinha, atrás do restaurante. Gigi, uma amiga da minha madrastra, alugou um quarto para ela.

– E por que essa Gigi não vem visitá-la? – insisto.

– Gigi nunca vai além da nossa rua – responde Joe. – Ela já é meio velha e tem um monte de manias.

– Tipo nunca sair da rua?

– É isso aí.

– Bom, mas, afinal de contas, Jaz não morreu – digo. – Não precisa falar dela no passado, como se ela não existisse mais.

– Ainda – replica ele. – *Ainda* não preciso falar dela no passado. Não quero me iludir. Sei como as coisas funcionam, como é a vida, como as pessoas vêm e vão.

No salão as senhoras vêm e vão

Falando de Michelangelo.

Antes mesmo de pensar no que estava fazendo, pus a mão no braço dele.

– Ela só tem a mim. – Olha para a entrada do hospital. – E não posso fazer nada por ela. Odeio esta merda de hospital – diz. – Parece até uma piada de mau gosto eles me fazerem trabalhar aqui. Não acontece nada de bom neste lugar.

Talvez não seja a hora ideal para dizer que, atualmente, este é um dos poucos lugares em que me sinto meio normal. Tudo aqui parece movimentado, vivo, cheio de possibilidades. Real.

– E os bebês? Veja como aquele cara estava feliz... – sugiro. – Bebês nascem em hospitais e isso é bom.

– Até crescerem e virarem adultos lamentáveis como todos os outros – rebate ele. – Além disso, cada um deles tem cinquenta por cento de chances de se tornar um mau-caráter, um psicopata... ou talvez de desenvolver TOC ou síndrome do pânico. Se tiver sorte, vai ter só depressão.

– Caramba! – exclamo. – Que cenário sombrio... E, vindo de mim, esse diagnóstico não é pouca coisa.

Joe sorri e raspa o restinho do almoço.

– Quer me ajudar a fazer uma lista? – pergunto.

– De quê?

– Tem um monte de coisa bacana nesse mundo – respondo.

E no outro também.

Pego meu caderno vermelho.

– Quem sabe você não fica mais animado fazendo uma lista de coisas assim?

No alto da página em branco, escrevo *rosas brancas*. Logo depois, acrescento *quiosques de flores* e *tigelas de macarrão*. Finalmente, *bebês*.

– Pensando bem, não acho que isso seja algo que a gente possa fazer junto. É pessoal demais. Você devia fazer a sua. Tente.

Joe lança um olhar desconfiado para o meu caderno.

– Não nesta encarnação, não é? – pergunto.

– Sei lá. Às vezes as coisas vão bem, mas tenho pensado muito ultimamente. Talvez não seja tão ruim assim se Jasmine parar de respirar – conclui Joe. – Para ela, claro. Não para mim. Tipo, que motivo ela tem para viver? Às vezes, sou capaz de fazer uma lista de motivos. Outras, não consigo encontrar nem uma única razão.

Olho para a minha lista. Não há dúvida de que parece pequena e pobre se comparada aos problemas de Jasmine. Ela não tem pais, nem dinheiro, nem futuro.

Outro poeta me vem à cabeça.

– *E morrer é diferente do que se imaginava, e mais afortunado.*

Quando não tiver algo de bom para dizer a alguém, repita algo que outros disseram. Assim, se tudo der errado, a culpa vai ser deles.

Joe põe a tigela de lado.

– Na verdade, quem disse isso foi Walt Whitman – esclareço, perdendo um pouco do entusiasmo.

Ele fica me olhando até que, sem jeito, começo a brincar com as fitas do quiosque, passando os dedos nas etiquetas cor-de-rosa onde se lê – é menina!.

– Ei! – exclamo. – Você sabe jogar boliche?

Ele sorri, e, nesse instante, umas flores brotam do chão, se enlaçando

rapidamente pelas minhas pernas e adentrando pelo meu umbigo.

MAS EXISTE JASMINE

Joe e eu decidimos dar ao menos um pulinho para vê-la antes de irmos embora juntos. No quarto, ficamos de pé, lado a lado, separados por uns poucos centímetros até Rita trazer mais uma cadeira para nos sentarmos, coisa que nem ele nem eu quisemos fazer. A aparência de Jasmine não está boa hoje. Ela está magra, pálida, com os lábios rachados. A pele do braço chega a sobrar. É como se seu lado humano estivesse desaparecendo e só tivesse restado uma casca. Mesmo assim, sou capaz de jurar que ela está ali no quarto. Posso vê-la se sentar com as pernas pendendo da beira da cama. Ela arrancaria o tubo de alimentação da garganta. Diria: “Que diabo é isso?” Aí se alongaria, massagearia os próprios ombros, tentaria abrir e fechar a boca uma ou duas vezes e daria o fora dali.

Faria isso se pudesse.

Mas não pode. Está sumindo.

Mesmo assim, é linda. Não apenas bonita: é linda. Existe uma diferença.

– O que está acontecendo com ela?

Aponto para Jasmine. As mãos dela estão se encolhendo como o pé da Bruxa Malvada em *O Mágico de Oz* e desaparecendo na manga da camisola.

– Isso acontece mesmo – diz Rita. – Com o tempo. Aconteceu com você. Mas, como ela está assim há mais tempo, as coisas estão piorando.

Instintivamente, abro e fecho a mão para testá-la. Tanta coisa mudou desde que acordei. Esqueci as câimbras e a rigidez dos primeiros dias,

esqueci que prometi a mim mesma ser grata quando tivesse me recuperado, quando tudo tivesse voltado a funcionar, jurei nunca dar nada como certo na minha vida de novo.

– Com você, o processo não chegou a esse ponto – diz Rita –, mas aconteceu. Cada corpo reage de uma forma ao estado de coma. Até nessas condições somos distintos.

Joe – que parecia uma estátua olhando fixamente para Jasmine – faz um movimento brusco e me entrega a última das flores, sobras que trouxemos conosco. Cata umas moedas no bolso, as faz chocalhar como castanholas, diz “Já volto” e sai do quarto.

– É duro não saber o que está por vir – continua Rita. – Tanto na vida quanto na morte. E, na verdade, a gente nunca sabe mesmo.

Segundos depois, Joe está de volta com uma lata de refrigerante e fica passeando fora do quarto como se não quisesse entrar, como se na verdade não quisesse estar ali.

– Ela está melhorando? – pergunto. – Quer dizer, há algum sinal de melhora?

Rita faz que não com a cabeça.

– Joseph – chama ela.

Faz-se um silêncio, daqueles que costumam anteceder um barulho ensurdecedor.

Rita ajeita as cobertas ao redor das pernas de Jasmine.

– Você precisa começar a pensar no que vai querer fazer em relação a ela. Em relação a Jasmine.

– Eu sei – diz ele.

– Vou chamar o médico para vocês conversarem sobre as opções.

– Não quero falar disso aqui. – Aponta para a cama com um gesto de cabeça. – E se ela estiver ouvindo?

– Claro. – Rita segura o braço dele. – Me procure quando estiver indo embora, aí poderemos conversar. Mas não fuja...

– Está bem. Pode deixar.

– A melhor coisa para ela é o contato físico – explica Rita. – É bom para

qualquer pessoa ferida ou com dores, mas principalmente para alguém em coma. – Nós dois continuamos imóveis. – Talvez vocês pudessem pôr as cadeiras mais perto da cama.

Ao ver que Joe não se mexe, digo:

– Vamos fazer isso.

Ela vai se dirigindo para a porta.

– Rita, meu irmão está dizendo que vai queimar aquele roupão que você me deu. De tanto que uso ele.

– Diga ao seu irmão que aqui acreditamos naquela história de olho por olho. Ele vai estar cutucando a onça com vara curta... – Dá um meio sorriso.

Rita vai embora.

– É um roupão bem feio – digo.

Joe joga as flores já murchas na lixeira bege ao lado da cama. Vai até o banheiro limpar a jarra de vidro e enchê-la com água.

– Sprite – diz, abrindo a lata. – As flores adoram coisas doces. As dalias duraram um tempão esse ano. Elas gostam mais de glucose de milho do que a gente. – Coloca o refrigerante na jarra. – Pelo menos é o que Norma diz.

Depois de arrumar as flores do seu jeito, Joe se senta, mas fica irrequieto e acaba indo se recostar numa parede.

– É tão assustador... – diz, de lá do seu canto. – Ela deitada aqui, assim. Nunca fica parada, sabia? Quando acordada, pelo menos. É daquele tipo de pessoa que você pode derrubar mil vezes e que vai sempre se levantar, pronta para outra.

– Eu sabia que ela era durona! – exclamo, um pouco alto demais. – Quando... Quando olhava para ela, ficava tentando imaginar como seria sua personalidade.

Joe se agacha e senta.

– Com certeza não acertei nada sobre ela.

Estou pensando em Lucille ou Dig. Em como eu me sentiria se alguém que não os conhecesse tentasse simular como eles eram, principalmente se um deles estivesse ferido, se um deles provavelmente não fosse sobreviver.

Joe não tem onde se esconder aqui, embora aparentemente queira sumir

dentro da parede. Adoraria poder lhe dar uma colcha. Adoraria ser essa colcha.

– O que foi que você pensou? – pergunta ele depois de alguns instantes tensos. – A respeito de Jaz. De como ela é.

– Sêrio?

– É. Estou curioso.

– Eu a imaginei como uma pessoa com a agenda cheia. Alguém muito atarefado. – Eu a vejo estender a mão para mim, como se estivesse afundando e eu, boiando, e os seus lábios articulam alguma coisa.

– É verdade. – Joe sorri. – Jaz tinha dois empregos, ainda estudava, apesar de detestar a escola, e restaurava carros nos fins de semana. Poucas semanas atrás, me levou a um ou dois ferros velhos para procurar carburadores. Sabia que às vezes não é tão ruim ficar olhando para a parede? Dá para relaxar. Eu lhe dizia “Relaxe um pouco, Jaz”, mas ela sempre respondia “Vou poder dormir quando morrer” e “Acelere, corra riscos”. – Ele balança a cabeça. – Vivia dizendo umas coisas bestas assim. Parecia até um cartão de felicitações ambulante para pessoas confusas. É... Ela não parava nunca, como já disse. Até que parou.

Essa imagem de Jasmine viva, com olhos alertas, mãos sempre ocupadas... Ela senta entre nós, pesada e barulhenta, maciça...

– Sabe o que aconteceu? – pergunta ele. – A droga da moto. O melhor exemplo de burrice. Nem ao menos foi original. Seria melhor que tivesse caído de uma ribanceira ou coisa do gênero. Uma moto. Sem capacete. Abriu a cabeça. Sua idiota! – exclama, dirigindo-se a ela. – Você é uma babaca, babaca...

Ficamos calados por alguns instantes.

– Também imaginei – digo finalmente – que ela pudesse ter alguma relação com a música. Imaginei que pudesse ser DJ ou algo assim. Não como esses de agora, que usam computadores, mas como aqueles que trabalhavam com toca-discos.

– Engraçado... – Joe continua olhando para Jaz. – De certa forma, é verdade. Acho que dá para saber muita coisa só de olhar para alguém. Mas

ela também teria surpreendido você.

– Como?

– Sei lá. – Ele relaxa os ombros. – Ela é ligadíssima em música. Então isso não seria exatamente uma surpresa. Mas ela se interessava por todo tipo de coisas.

– Bandas – digo.

Joe me olha de verdade pela primeira vez desde que entramos e chego a me assustar. De novo. É como se ele estivesse me avaliando com toda a sua espinha dorsal que está firmemente plantada na terra. Não, não é nada disso. Seu corpo é a terra.

– Sabe – continua ele –, ela estaria a procura de novos sons, mas aqui não existe esse tipo de coisa. Onde ela encontraria alguma coisa tipo underground?

Lembro-me do bar ao qual Reggie me levou. Adoraria poder levá-la até lá. Começo a sentir dor de cabeça.

– Ela poderia ir para Nova York ou para Filadélfia – sugiro. – Lá tem uns lugares legais.

– Era difícil tirá-la da cidade – retruca ele. – Acho que isso tinha a ver com o fato de ela ter vivido em orfanatos e tudo ser muito bagunçado o tempo todo. Jaz adorava seu quarto, seus empregos, a vida que levava. Simples assim. Chegamos a discutir sobre isso.

– Vocês brigavam?

– Às vezes. – Ele volta a sorrir, exibindo duas covinhas profundas como aquelas fendas para moedas nas máquinas.

– E quais eram os motivos das brigas?

Joe estica as pernas.

– Ela ouvia umas coisas antigas. Rock clássico, Beatles, jazz. – Faz uma careta. – Não gosto de nada disso, principalmente de jazz. Aquela gente masturbando os instrumentos por horas a fio. Mas ela adorava. Curtia *mesmo*. Eu dizia que ela era parcial e só ouvia por causa do próprio nome. Ela fazia que sim com a cabeça e estalava os dedos como se eu não estivesse escutando aquilo direito, meio que dizendo que, se eu conseguisse penetrar naquela

música, ia entender por que ela gostava tanto. – Joe bate a mão na parede. – Um dia, eu disse uma besteira qualquer sobre Miles Davis. Ela ficou sem falar comigo por uma semana.

Dou uma risada.

– Era uma chatice. Ela sempre queria controlar a música. Não deixo ninguém além de mim dirigir a minha caminhonete e não gosto que mexam no meu rádio. – Aponta para o próprio peito. – Minha caminhonete. *Meu* rádio. Ela é um saco!

– Então você sente saudade dela – digo.

Joe encosta o rosto nos joelhos e se encolhe todo, como aquelas lagartinhas que se enrolam. Por baixo da camiseta, a barriga está contraída e ele abraça as pernas.

Vou até ele e me agacho. Não é fácil me enfiar naquele cantinho ao seu lado, mas acabo conseguindo. Passo o braço pelos seus ombros.

– Já segurou a mão dela? – pergunto.

Ele faz que não com a cabeça. Depois de um minuto diz:

– A gente não era assim...

– Não estou dizendo ficar de mãos dadas como namorados. Mas segurar a mão, como amigo. Como alguém que permite o contato. Desse jeito.

Deslizo a mão pela sua manga e paro no seu pulso.

– Não – diz ele. – Não faço esse tipo de coisa.

– Tocar?

– É. Não faz meu estilo.

Na dança, a gente não tem como evitar o toque. Mãos na parte interna das minhas coxas, me erguendo, no meu tronco, me fazendo girar. Apoiando-me em Lucille; sentando no colo de Reggie quando não tem nenhuma cadeira vazia. A vida é toque, não é mesmo? O que aconteceria se eu evitasse isso?

– Que tal lermos para ela? – sugiro.

– Ela adora a minha caminhonete – diz ele. – É uma Ford velha que meu pai comprou há um tempão. Talvez eu pudesse ler uma daquelas revistas sobre exposições de automóveis ou coisas assim. Acho que ela iria gostar.

– É. Parece uma boa ideia. Um jeito de ela saber que você está aqui,

como aconteceu comigo. Lembro-me de um amigo lendo para mim. E também da minha mãe.

– Sério? – pergunta ele.

– Sério.

– Mas não é como na vida – diz ele. – Não é uma conversa. Eu só queria ouvir a voz dela.

Joe quase perde o controle. Seus olhos ficam marejados.

Quero lhe dar alguma coisa, algum remédio que alivie a dor naquele momento em que ele está sentado ali, desejando que a amiga pule da cama e volte a ser ela mesma. Quando penso nisso, uns galhos de trepadeiras surgem de debaixo das cobertas de Jasmine e minha respiração fica entrecortada, as pontas dos meus dedos, dormentes. O mundo está oculto no desconhecido. Seu mistério arranha minha garganta – de empolgação, de medo.

As palavras saem da minha boca antes de eu ter tempo de pensar, de descobrir se ao menos elas são sinceras.

– Podíamos tentar falar com Jasmine para valer – sugiro.

A cara de Joe é um ponto de interrogação. As lágrimas retrocedem.

– Talvez não funcione – digo, recuando quando ele se põe de pé. – Deve ser uma ideia idiota. Quer dizer, sem dúvida é uma ideia idiota.

– É – concorda ele. – Talvez. Mas, de qualquer forma, explique sua ideia.

Reflito sobre como dizer exatamente o que eu tinha em mente enquanto ele me olha na maior expectativa.

– Bom – começo. – Existe alguma coisa além disso aqui. Não sei muito mais a respeito, mas de uma coisa tenho certeza...

Parece até que estou mentindo, que estou tentando fazer coisas impossíveis soarem interessantes. Me esforço para lembrar exatamente como era naquele espaço Intermediário. E é aí que me dou conta de que o que aconteceu enquanto eu estava lá começou a se transformar numa simples impressão, assim como ocorre com qualquer outra lembrança que se transforma em sombras e respiração, em ecos de si mesmo.

Tudo, a não ser a porcaria das flores.

– Existe alguma coisa. Eu vi – digo, encarando-o. Quase lhe conto que o

que vi foi Jaz, mas me contenho. – É... um lugar. Como aqui, mas diferente. – Cubro o rosto com as mãos e continuo a falar por entre os dedos. – Desculpe. Não estou conseguindo explicar direito. É tão esquisito... Às vezes, tenho a impressão de que sonhei. Mas sei que não foi sonho.

Joe afasta minhas mãos do rosto e me observa. Sua postura não é de deboche nem de indelicadeza; é mera curiosidade e, por baixo dela, uma esperança assustadora. Quero beijá-lo, abraçá-lo. Sou mestre em momentos constrangedores e ideias loucas.

– E acha que conseguimos chegar até ela? – pergunta ele, e volto a mim num estalo. – Falando sério. Sem brincadeiras.

Percebo que estava achando que Joe ia rir de mim. Ele me surpreendeu. E a surpresa me torna mais forte. De repente, quero fazer isso mais do que qualquer outra coisa: encontrar Jasmine e falar com ela; levar as flores de volta para lá e descobrir o que elas são e por que estão me seguindo. Descobrir, enfim, o que ela estava me dizendo na água. Deixar Joe feliz. Devolver a ele sua amiga.

– Não posso garantir nada, mas quem sabe? Talvez dê para fazer isso. Talvez haja um jeito.

– Beleza, e como seria? – pergunta ele.

– Acabei de pensar nisso – respondo, meio confusa. – Preciso de um minuto.

Joe segura as grades da cama de Jasmine e olha tão fixamente para o rosto dela que me sinto um *voyeur*.

– Vamos com calma, Eden. Como era quando você estava em coma? A parte de que consegue se lembrar...? Conte tudo.

Eu me encolho como uma anêmona, como se ele tivesse enfiado o dedo no meu corpo gelatinoso.

– Era algo sem fim – tento traduzir aquela experiência em palavras, mas é difícil. Parece alguma coisa que aconteceu numa outra vida. Volto a cobrir o rosto com as mãos e me lamento. – Não sei. Fiquei lá por semanas, mas pareceram minutos. Era como se eu estivesse numa plataforma de carga e as cenas ficassem mudando o tempo todo.

– E...

– Existe um lugar. Um lugar de verdade. É toda uma... – Procuro a palavra ideal, mas só me ocorrem coisas como *dimensão, realidade, universo*. – É toda uma outra coisa – digo afinal, irritada comigo.

– Beleza. Vamos supor então que a gente consiga entrar em contato com ela, que algo assim seja possível. – Joe me olha. – O que acontece depois?

– A gente pede para ela voltar. – É óbvio. – Acordar. Alguém pediu isso para mim. – Agora começo a me lembrar. A voz de Reggie, a da minha mãe e, finalmente, a de Lucille. – E funcionou.

O rosto de Joe se ilumina.

– Hã...

– Tenho amigos – explico. – E os meus pais. Eles me amam. Eles foram o motivo. Não posso afirmar que não teria acordado de qualquer forma, mas ela só tem a você. Então pode ser que você consiga trazê-la de volta. Talvez você seja a chave, a corda que vai tirá-la de lá. Você pode ajudá-la a se lembrar de que não há lugar como o nosso lar.

Sorrio e lhe dou uma cutucada, mas meus pensamentos são bem mais sombrios e mais sinceros. Algo como *quem sabe não estamos brincando e tudo isso não signifique nada; quem sabe eu ainda não queira me despedir de você e dela, e essa história toda não passe disso*.

– Podíamos tentar uma sessão espírita ou coisa assim – sugiro. – Quem sabe não encontramos um livro que tenha a palavra mágica? Vamos procurar no Google.

– Está achando isso engraçado? – pergunta ele. – Pois saiba que vão desligar os aparelhos se ela não acordar. *Eu vou fazer isso*. Vou ter que fazer isso.

– Não! Não foi minha intenção... Desculpe. Eu não sabia.

– Ela não tem plano de saúde – prossegue ele. – Não está reagindo a nada que tem sido tentado. A decisão está nas minhas mãos, sabe? Ela me pôs como responsável em caso de emergência.

– O quê? – exclamo. – Que loucura!

– Foi a maior besteira. Assim que ela chegou à maioridade, procurou um

advogado. E fez de mim seu herdeiro, embora... O que significa que fico com aquele Mercedes de merda e a porra do jazz se ela... E tenho que decidir se ela vai viver ou morrer. Por isso não tenho tempo para flertar ou... ou para ficar fazendo brincadeiras. Não enquanto ela estiver deitada aqui.

Flertar. Aquilo soa como uma borboleta, uma pipa, algo diáfano que flutua, mas que no momento está preso entre as patas de gatinhos. Algo que os outros fazem, pessoas que não estão lidando com vida e morte. Gente que pode voar.

– Não podia ser aquela senhora que aluga o quarto para ela? Ou o médico? Não tem outra pessoa que possa tomar essa decisão?

Eu não conseguiria aguentar isso. Teria pesadelos. Já basta ter a minha própria vida nas mãos...

– Ela detesta adultos. Não confia neles. Mal conseguia lidar comigo depois que fiz 18 anos. Não. Jaz me escolheu – diz ele baixinho, balançando a cabeça. – Ela não tem ninguém, como você disse. Ninguém mesmo. Nem uma tia velha na Califórnia ou um avô no Peru. Sendo assim, não posso perder tempo. Não quero fingir que isso é verdade, caso não seja. Preciso de ajuda. Ou a gente tenta isso ou não. Ou é de verdade ou não.

Joe se vira. Estou parada ao seu lado.

Ele segura minha mão.

– E você? Ou você é de verdade ou não é.

– Sou, sim – digo. – Sou de verdade.

Juntos, olhamos para Jasmine. As flores sobem e descem pelas pernas dela. Plantam-se no peito e piscam como a luz de um farol.

– Você ainda não está morta – diz Joe, dirigindo-se a ela.

– Você ainda não está morta – dizemos juntos debruçados sobre seu corpo inerte. – Você ainda não está morta.

Quase morte: histórias verídicas da vida além-mundo

Na verdade, é mais ou menos como acontece nos filmes. A escuridão, o túnel, as pessoas que você sabe que já se foram paradas ali, em fila, para cumprimentá-lo. A coisa toda.

Você me perguntou se eles têm aparência humana ou se são seres de luz, e minha resposta é sim.

São ambas as coisas e ficam felizes ao vê-lo. Vêm abraçá-lo e o mantêm aquecido, do jeitinho que você é. Então, se você quer saber se atualmente tenho medo de morrer, agora que estou mais velha e que a morte vai se aproximando, preciso lhe dizer que tenho e não tenho.

Quer dizer, não quero morrer e devo dizer isto em alto e bom som para que todos ouçam bem, pois não quero enviar ao espaço mensagens ambíguas sobre minhas intenções.

Quero viver o máximo possível.

No entanto, o verdadeiro motivo de eu querer continuar aqui é porque meu marido ainda vive. Para mim, ele é um milagre maior do que qualquer túnel, qualquer luz branca, e quero estar com ele todos os dias. Nunca tivemos filhos, sabe, portanto, somos só nós dois. Não quero abandoná-lo nem um minuto antes da hora devida. Porque ignoro essa parte. Não sei se vou voltar a vê-lo quando esta existência tiver terminado.

Tenho uma certeza em relação a uma coisa sobre a qual muita gente tem mil perguntas. Mesmo assim, eu também ainda tenho algumas perguntas. Isso é um verdadeiro dom, não é?

Deanna Lovato, 55 anos, advogada aposentada

A CASA DE JOE NÃO É NADA DO QUE EU ESPERAVA

Na verdade, nem chega a ser uma casa. É um apartamento que fica em cima da loja de flores, na Main Street, não muito longe do hospital. A cidade de Warrenton é dividida em setores: a parte mais nova, por onde circulam carros o dia todo, aquela para onde eu ia sempre que precisávamos de tinta, pregos ou daquelas embalagens gigantes de salgadinhos. Ou então para ir ao hospital, é claro, quando Digby quebrou o braço e naquela vez que Wrenny teve uma reação alérgica a uma picada de inseto. É nisso que penso quando ouço o nome Warrenton: correias de bicicleta, milhares de lanchonetes, salas de espera.

Por trás disso, porém, dois quarteirões adiante, como um tesouro escondido, existe outra parte da cidade, um lugar que parece um velho cenário de programas de TV. As casas são todas enfileiradas, os carros passam devagar, os prédios são compactos e têm letreiros que exibem com toda clareza seu propósito.

lavanderia

padaria

sucos

restaurante italiano

floricultura

Ali é mais escuro e, por isso, todos os prédios têm grades e são iluminados por postes de rua e por luminárias acima das portas de entrada.

Subimos pela escadaria com a tinta descascada que leva à porta dos fundos, e Joe me pede para segurar a porta de tela enquanto se atrapalha até encontrar a chave e podermos entrar. Já sinto um cheiro de algo incrível.

Um silêncio baixou entre nós desde que o convenci de que podíamos dar um jeito de nos comunicar com Jaz, e aí ele concordou e me convidou para ir até a sua casa, onde poderíamos conversar a respeito. Isso foi pouco antes de Spock chegar com toda aquela sua *spockidez* e levar Joe até o corredor para discutirem as opções que se apresentavam em relação a Jasmine. Tentei ouvir, mas só captei uns trechinhos do que eles diziam. O bastante, porém, para compreender que ela está se esvaindo, que seu córtex cerebral está se desligando e que, em pouco tempo, mesmo que ela venha a despertar, terá uma vida vegetativa, será apenas meia pessoa. Querem que Joe assine os documentos para ela descansar em paz, porém ele se recusa. Ainda não.

Fiquei pensando em como seria se aquelas conversas fossem a meu respeito. Será que minha família cogitaria remover o tubo de alimentação e desligar os aparelhos de respiração? Será que ficariam sussurrando pelos corredores com enfermeiras e médicos lhes dando tapinhas nas costas e fitando-os com olhos cansados e resignados? Sinto então, e não pela primeira vez, o peso de tudo aquilo, do tempo que se passou e que se perdeu exatamente como a correnteza de um rio. O tempo é virulento. E ele passou diretamente por mim assim como está passando por Jasmine agora e carregando sua vida.

Joe e eu não trocamos uma palavra no elevador nem quando ele abriu a porta para eu entrar na sua imensa caminhonete verde-oliva nem quando deu a volta para abrir novamente a porta depois de estacionar numa vaga minúscula como se fosse um verdadeiro super-herói.

E não é só ele que está calado. Eu também estou. Porque no caminho surgiram um monte de pensamentos sobre outras coisas mais relacionadas a um flerte. Não quero que ele me repreenda outra vez e, se eu abrir a boca,

vou acabar vomitando aquilo tudo como um monte de borboletas de todas as cores. E ele nunca mais vai querer a minha companhia.

Isso é algo que não quero. Que não quero mesmo. Não sei por quê, mas Joe parece algo substancial num mundo de papelão.

Portanto, não vou dizer:

Por que você foi lá em casa levar flores?

Sentiu saudade de mim?

Conheceu a minha mãe?

Ela lhe deu gorjeta?

Ficamos em silêncio até passarmos pela porta, pois um de nós poderia pular de susto caso houvesse qualquer barulho.

– Estamos nos encarando meio sem graça – digo.

– Você gosta de dizer coisas constrangedoras, eu acho.

– Ah, poderia ser muito pior. Sempre digo a coisa menos constrangedora que me passa pela cabeça se estou numa situação potencialmente constrangedora.

– Obrigada por deixar isso bem claro. Estou me sentindo muito melhor agora. – Joe tira o casaco e o pendura num cabide. Então estende a mão para eu lhe entregar o meu. – Digo, quanto a nos encarmos.

Parece até que tudo o que ele diz me faz ficar vermelha. Que saco!

– Joseph! – A voz feminina é mais alta do que o necessário, e nós dois nos sobressaltamos.

– Oi, Norma – responde ele também gritando enquanto tira os sapatos. – Você se importa? – pergunta, apontando para os meus pés. – Ela é maníaca com a limpeza do chão.

Minha mãe também é. Ela chegou ao ponto de pôr um cesto cheio de meias perto da porta para o caso de os convidados descalços quererem usá-las. Não conto isso para Joe. Tiro os meus tênis.

O vestibulo está abarrotado, repleto de caixas e sacolas de mercado cheias de roupas e de sementes. Num canto, tem uma pilha de revistas de jardinagem. “Bela como uma peônia”, é o título de uma das matérias de capa.

A primavera está chegando. O jardim da minha mãe. Logo, logo vai estar todo florido...

As vigas do teto são aparentes e estão apodrecidas em alguns pontos.

– O jantar sai em vinte minutos. – É a voz da vendedora de flores do saguão do hospital.

O cabelo dela é pintado de algo que devia ser vermelho, mas que na verdade puxa mais para o rosa. Tem o rosto oval, a pele azeitonada, lábios finos e está usando uma camisa de flanela igual as que Joe costuma vestir, além de uma calça cáqui bem folgada. Completando o conjunto, um par daquelas meias brancas curtinhas que têm uma espécie de pompom nos calcanhares. Está segurando uns lenços de papel e seu nariz está todo vermelho em torno das narinas, mas os olhos dela são maravilhosos, da mesma cor dos meus brincos de jade.

– Eu já comi – diz Joe. – Mas vou comer de novo.

– Oi – cumprimento. – Meu nome é Eden.

Estendo a mão. Norma fica olhando para minha mão estendida por tanto tempo que começo a recolhê-la, mas então ela me salva daquela situação constrangedora e me dá um aperto de mão tão forte que chego a me sentir fraca e impotente.

– Você tirou os sapatos? – Saca um maço de cigarros e um isqueiro amarelo do bolso da frente e dá uma tragada. Calça um par de botas e sai, permitindo a entrada de uma rajada de ar frio. – Ótimo.

Na cozinha, Joe levanta a tampa das panelas e cheira o conteúdo. Uma delas, com um odor bem forte, está cheia de arroz amarelo com lentilhas e paus de canela; a outra tem algo amarelo que parece curry. A casa está decididamente quente, parecendo um forno, e depois de tirar o suéter Joe se instala diante de mim e fica me olhando do jeito que olharia para um bicho no zoológico. Tento encará-lo, mas meus olhos insistem em pular de um lado a outro.

Meu celular começa a tocar. É o toque de urgência que associei aos números dos meus pais, de Digby e de Lucille. Mamãe deve estar em casa, cozinhando. Aposto que estará se perguntando por onde ando. Ela gosta de

ter toda a ninhada enfileirada, em locais onde pode encontrá-la. Digby também deve estar preocupado. Coloco o celular no modo avião, pois assim não preciso me esforçar para ignorar as mensagens de texto que surgem aos montes na tela. Não quero me preocupar com meus amigos e com minha família nem com o que estão sentindo. Não agora.

– A mãe de Norma era indiana – explica Joe. – Aditi. Ela morava com a gente, mas morreu no ano passado. É por isso que Norma faz muito esse tipo de comida. Adi dizia que deu um trabalhão ensinar à filha a preparar um jantar Punjabi completo quando ela era criança. Mas aquilo ali na panela se chama *kitchari*. Ela sempre faz esse prato quando está gripada. É basicamente arroz com lentilhas.

O apartamento é quase do tamanho de um guardanapo de pano. Seria perfeito para uma pessoa, talvez duas, mas quatro?

– Como é que cabia tanta gente aqui?

– São três quartos – diz ele, olhando ao redor. – Acho que é meio pequeno, não é?

– Não foi o que eu quis dizer. – É só que, comparado à minha casa... Observo os elefantes, as almofadas bem coloridas no sofá, os quadros na parede e as flores, é claro. – Norma não é um nome indiano, é?

– O pai dela era italiano.

– E você?

Ele dá de ombros.

– Sou uma grande mistura.

– Mais interessante do que eu. Só tenho sangue irlandês e norte-americano – digo, apontando para meus cabelos.

– Como a minha mãe – comenta Joe. – Ela era irlandesa. Cabelo ruivo. Mas sem sardas.

– Minha mãe chama as sardas de “zumbis diurnos”, como se fossem uma espécie de vampiros do dia ou algo assim. Para minha sorte, tenho tantas que praticamente *sou* uma sarda. As do meu irmão são melhores... Menos impactantes.

– Adoro sardas – diz ele. – E... as suas são lindas.

A temperatura do meu corpo volta a subir.

– Sardenta – continua Joe. – Seria um apelido perfeito para você.

– Não!

– Sim.

Olhando em volta, reparo em fotografias de um sujeito amigável de cabelos escuros. Ele tem um belo nariz bulboso e está parcialmente careca, mas, tirando isso, parece uma versão mais rústica de Joe. Vejo fotos de Norma, da juventude à idade atual, e de uma outra mulher com longos cabelos brancos.

– Onde está a sua mãe?

Joe dá de ombros.

Levanto a tampa da panela e inalo o perfume do ensopado.

– Ela usa nata para preparar isto? – pergunto.

Mais uma vez, ele dá de ombros.

– Acho que usa caldo.

Um gato rajado atravessa a sala, seguido de perto por outro, todo malhado.

– Romeo, Kali! Parem com isso! – grita Joe ao vê-los pulando nas cortinas e escorregando até o chão. – Eles fazem todo um circuito de destruição, como se fosse a função deles.

– Joe – digo, falando mais seriamente desta vez. – Onde está a sua mãe?

– Morreu – responde ele sem sequer erguer os olhos da comida que está mexendo. Simplesmente continua a girar a colher de pau na panela. – Morreu de câncer no ovário – acrescenta. – Quando eu tinha 8 anos.

– Joe...

Pego a mão dele e seguro com força. Tudo que passa pela minha cabeça soa como uma frase de cartão de aniversário de quinta categoria.

– Ela ficou no hospital até que decidiram mandá-la de volta para casa – conta ele. – Para morrer. Foram só uns poucos dias.

– É – digo, porque não há mais nada a se dizer.

– É – repete ele. – Não foi nada bom.

– Sinto muito.

– Existem várias maneiras de morrer. – Ele se afasta de mim, recuando um passo. – Trabalhando lá naquele lugar, descubro algumas novas todo dia. O saguão faz tudo ali parecer tão meigo, com as flores e a lojinha de presentes... Mas é tudo mentira. Ali é a casa da morte. E o fato de eu trabalhar ali é uma tremenda piada de mau gosto.

*Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio,
do que sonha a nossa vã filosofia.*

Shakespeare.

Não posso dizer isso em voz alta.

Vou até a janela. Quero olhar lá para fora, enxergar algo além dessa sala clara e colorida que parece encolher, como se estivéssemos numa boca rosada prestes a se fechar, a engolir e a nos fazer desaparecer.

– Jasmine trabalhava ali?

Joe conta que ela trabalhava ao lado de casa, portanto aponto para o restaurante ao qual ele provavelmente se referira. Fico olhando para o pátio, para as lixeiras cheias de plástico e de metal, a caixa de gordura, os pedaços de papel voando. Ele está atrás de mim. Tão perto que, se eu recuar o mínimo que seja, vou chafurdar em seu peito.

– Trabalhava. Às vezes, nas horas de folga, vinha lanchar aqui, fumar com Norma, ver um pouco de TV.

Ele pega meu braço e me leva para outra direção.

– E lá – diz, apontando para o próprio quintal – é a estufa. Para as flores. Muita gente encomenda as flores que vende, mas Norma gosta de cultivar as suas. Acho que todos nós meio que fazemos o que podemos...

Fico imaginando o que mamãe faria se eu aparecesse na Crazy Cakes me oferecendo para trabalhar, ou se eu dissesse ao meu pai que atenderia os telefonemas para ele, que o ajudaria a organizar as plantas baixas ou coisa assim. É provável que os dois tivessem um ataque, ou desmaiassem. Mas, de qualquer forma, nunca tive tempo para isso. Sempre fui muito ocupada. E Digby também, com o basquete ou alguma garota. Todos nós sempre fomos muito ocupados.

Viro de frente para Joe. Estamos assustadoramente próximos um do

outro. Daria para preencher o espacinho entre nós com o movimento mais ínfimo. Um dos gatos começa a se enroscar entre nossas canelas. Nem olho para ver qual dos dois é. Mas então Joe se afasta, pega uma bola de golfe em cima da bancada e começa a girá-la na palma da mão.

– Você joga golfe? – pergunto.

– Não, mas meu pai adoraria que eu jogasse.

Deixa a bola cair e vem se sentar perto de mim. Seu ombro chega a roçar o meu. Uns brotos negros pressionam sua pele, que está muito quente. E são reais. Eu acho.

Atira a bola para o alto e a apanha.

– Então, o que acha? – pergunta ele. – Qual é o veredito? Você estaria melhor morta?

– Pergunta capciosa – comento.

– Não. Eu quero mesmo saber.

– Eu não tive escolha – digo. – Vivi aquele período. Foi o que aconteceu.

– Mas agora você pode escolher – diz ele, continuando a brincar com a bola. – Todos nós podemos, certo? A gente pode se enforcar, tomar comprimidos, se atirar de um prédio. Como eu já disse, existem mil maneiras de morrer.

Penso nisso, e, nesse momento, o sangue parece ter abandonado minhas extremidades e se dirigido diretamente para a base do meu pescoço. Se Marlene Gat tivesse me perguntado se eu achava que estaria melhor morta, é provável que eu tivesse lhe dado uma daquelas suas respostas sentimentais. Agora tenho a sensação de que preciso defender uma posição.

– Comprimidos me fazem vomitar, portanto não são uma opção – explico.

– Nesta cidade não existem prédios altos o bastante para eu conseguir algo mais do que um braço quebrado. E ouvi dizer que a gente suja as calças quando se enforca. Além disso – acrescento –, obrigada pelas sugestões.

– Você entendeu perfeitamente o que eu quis dizer.

– Entendi, sim, e não sei por que estou aqui, viva – digo. – Simplesmente estou.

– Está bem. E agora? Como conseguimos chegar até Jasmine?

– Posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– Por que você quer tanto entrar em contato com ela?

Joe larga a bola de golfe e põe uma mecha do meu cabelo para trás da orelha.

– Porque preciso que ela volte. Preciso que alguém viva.

– Beleza, mas e se ela não acordar? Quer dizer, e se não funcionar? E se nada funcionar?

Ele se cala e parece refletir seriamente sobre a questão.

– Então o mundo nada mais é do que puro sofrimento – diz. Por um segundo, fico achando que ele vai tacar a bola na parede do outro lado da sala, mas ele a atira para o alto e volta a apanhá-la. – Você me perguntou se ela era minha namorada. Eu não soube como responder porque, embora não seja namorada, ela é a minha garota. A coisa mais importante para mim. Dá para entender?

Faço que sim com a cabeça, mas é aí que me ocorre o pior pensamento, o mais egoísta que já tive. *Mas e eu? Eu sobrevivi. Eu também poderia ser uma coisa muito importante para você.* Estou louquinha de ciúme e detesto essa ideia.

– E então? – pergunta ele. – Alguma ideia incrível para tentarmos entrar em contato com ela?

– Não sei – respondo. – Adoraria que existisse um telefone para isso. Talvez exista algum aplicativo. Tem algum armário aí com uma porta oculta? Camas escondendo alçapões? – Antes que ele me dê uma bronca, acrescento: – Eu sei, eu sei. Isso é sério.

– E que tal uma sessão, como você propôs?

Fico observando-o em busca de qualquer indício de brincadeira, mas não há nenhum. Por tudo que já vi, ele é equilibrado, talvez até meio melancólico. Parece mais um sujeito que ria de qualquer coisa exotérica, e não um que proporia que nos sentássemos ao redor de uma mesa com um daqueles tabuleiros Ouija. Mas está desesperado. Dá para notar pelas constantes

flexões de sua mão, pela tensão de sua boca. Faria qualquer coisa pela amiga. Por Jaz.

– Precisamos de uma bruxa – digo. – Ou melhor, alguém com quem a gente possa conversar. Uma vidente ou coisa do gênero, que não seja charlatã. Onde será que podemos encontrar alguém assim?

Em Nova Orleans, pelo que ouvi dizer, mas fica muito longe daqui.

O olhar de Joe se torna ainda mais intenso.

– Talvez eu conheça uma bruxa – diz.

– Sêrio?

– Não sei – responde Joe, servindo duas tigelas daquela comida cremosa e deliciosamente cheirosa.

Ele me entrega uma delas juntamente a uma colher.

– Norma não vai ficar brava se a gente comer?

– Não – responde ele. – Ela não vai se importar. Além do mais, ainda estou com fome.

Cada um de nós come uma colherada e solta um gemido. Está tão gostoso...

– Então? – retomo depois que já comemos por alguns instantes. – Você estava dizendo alguma coisa maluca sobre uma bruxa.

Ele fica vermelho.

– Quando eu era pequeno, ela preparava poções de amor e coisas assim para os moradores do bairro. Depois, livrou os Paisano de um poltergeist.

– Para com isso! – exclamo. – Um poltergeist?

Joe sorri.

– Eu sei que parece maluquice, mas lembro que todas as portas começaram a bater assim que ela recitou umas coisas em outra língua. Tinha umas velas acesas. Pode ter sido um truque, mas não sei como ou por que ela faria aquilo. Seja como for, ela acredita no que faz. É uma figura, tem livros e... Você precisa ver... Só vendo mesmo para entender.

– É logo aqui ao lado – diz Norma do ponto de onde vinha nos observando há sei lá quanto tempo. – O que estão esperando? Jaz no hospital

não é bom para ninguém. – Com as mãos, faz um gesto para apressá-lo. – Vocês dois têm que falar com Gigi, Joseph. Agora mesmo.

GIGI NÃO TRABALHA COM CASOS DE COMA

— Vocês não acham que, se eu fosse dotada de todos esses poderes que vocês imaginam, eu já não teria feito uso deles? Se eu pudesse acordá-la, acham que já não o teria feito?

Gigi diz isso com uma voz rouca depois de ter passado alguns minutos na cozinha sentada nos observando como se fôssemos insetos no mostruário de um entomologista. Estava jantando. Uma refeição simples, composta de pão e legumes cozidos, enquanto brincava com um jogo qualquer envolvendo animais de fazenda num imenso smartphone que agora está largado de lado.

O apartamento dela é cheio de corujas. Tem corujas nas almofadas, na parede, no saleiro, no avental, nos pratos, na caneca em que está tomando um café. Tem corujas empalhadas, esculpidas em madeira e um quadro com uma coruja atravessando uma vidraça.

Quando estávamos vindo para cá, Joe me contou que conheceu Jasmine através de Gigi. Ela era cozinheira no restaurante onde Jaz trabalhava como auxiliar aos 12 anos e acabou sendo despedida porque se recusava a se aposentar, sendo que já tinha, sei lá, uns centenas de bilhões de anos de idade. Até hoje, essa história a deixa furiosa. Ela também é a melhor amiga de Norma, quando as duas não estão brigadas, coisa que acontece com

frequência. Tipo agora. Joe me disse que elas discutiram por causa de uns números de loteria e que estão sem se falar há um mês.

Gigi usa um coque que é a embolação mais complicada do mundo: preto, feito de dreadlocks e tão volumoso que, quando solto, deve bater na bunda. De pé, e bem ereta, ela deve ter mais ou menos um metro e meio. Quando fala, parece francesa, mas Joe já me explicou que ela não gosta do seu lado francês, porque é natural da Martinica, uma das ilhas do Caribe que pertencem à França e onde se cultivam cana de açúcar e coco. E também onde se produz rum. Eles gostam pra caramba de rum lá na Martinica.

Depois de nos dizer que não tem como ajudar, nem mesmo por Jasmine, ela reforça a afirmação enquanto joga um cubo de açúcar num copinho, daí serve uma dose de rum, acrescenta um pouco de água com gás, espreme umas gotinhas de limão e cobre a mistura com um guardanapo de xadrez vermelho e branco que, segundo me diz, roubou daquele “restaurante de merda lá do outro lado da rua”. Em seguida, me estende o copo, eu pego, ela põe as mãos nos quadris e fica só olhando e esperando. Aquilo deve ser algum tipo de consolo, penso, ou talvez um teste. Então bebo.

Sinto uma coisa doce e deliciosa que queima um pouco.

Gigi prepara outra dose, para Joe.

– Não – diz ele, recusando com um gesto. – Não, obrigado.

Então ela mesma acaba bebendo.

Tenho a sensação de que poderíamos desaparecer num armário repleto de animais empalhados e que nunca mais seríamos vistos. Fico me perguntando que aparência eu teria se fosse empalhada. Também fico imaginando como será o quarto de Jasmine, que deve ficar na outra ponta do corredor. Não vejo nenhuma foto dela, nenhum sinal de que ela mora neste lugar, e, embora esteja curiosa, torcendo para Joe me levar até o tal quarto, não ousa lhe pedir isso.

– Jasmine está em um lugar – explica Gigi. – E vocês podem visualizá-lo da seguinte forma: vocês estão numa porta de um corredor, segurando uma corda. Quando outra pessoa toca nessa corda, vocês conseguem sentir,

embora a pessoa esteja lá do outro lado e vocês não saibam exatamente qual é a fonte do distúrbio na corda.

Vejo Jasmine vagando, usando roupas brancas diáfanas. Está luminosa. Segura um fio branco reluzente.

– É mais simples do que imaginam – continua Gigi –, e também mais complexo. Mas não é algo que a gente possa alcançar daqui. Nem mesmo nós que nos interessamos por essas coisas.

Além do mais, ninguém usa roupas brancas diáfanas, muito menos Vasquez.

Hoje de manhã, as únicas coisas que importavam para mim eram Lucille, Digby, a confusão que anda a minha vida, a inscrição para as faculdades, o balé, minhas pernas, minha garganta e o fato de eu estar mancando. E agora estou me aventurando por uma terra de curry, de garotos extremamente atraentes e de cordas em corredores impossíveis.

– Você ainda lê cartas, Gigi? – pergunta Joe.

Ela bufa e saca do bolso do avental algo que parece um baralho comum. As cartas estão velhas e amassadas, algumas até mesmo começando a se rasgar.

– Claro, *chéri* – responde ela.

– Pode tirar uma para Jasmine? Talvez isso me dê uma pista sobre o que fazer – diz Joe.

Por um instante, fico totalmente paralisada ao perceber como o gesto me faz gostar dele. Ele quer mesmo tentar qualquer coisa, acreditar em qualquer coisa. E é diferente do que eu tinha imaginado. É melhor. Mais uma vez, a hora não poderia ser pior, quero jogá-lo contra a parede e beijá-lo muito. Sem dúvida alguma, tem algo errado comigo...

Espere só para ver...

A voz de Reggie ecoa.

Não, Reggie. Isso não. Agora não. Tinha que ser justamente neste momento?

Joe! Pare agora mesmo de ser adorável...

Gigi pega o prato de cenouras e o leva para sua mesinha de jantar.

– A experiência me ensinou – diz – que o Universo não responde a perguntas tanto quanto gosta de fazê-las. Mas vamos lá. É você quem vai escolher. – Aponta para o baralho com as mãos nodosas, embaralha, vira as cartas e as abre em formato de leque. – Escolha. Ande.

Joe passa os dedos pelas cartas e Gigi o observa, sorrindo. Os óculos imensos dela escorregam do nariz. Ele escolhe. Um nove de copas.

Gigi fica radiante.

– O que isso significa? – pergunta Joe.

– Significa que você devia levar sua amiga a algum lugar bem bacana.

Joe se remexe como se sua cadeira estivesse derretendo.

– Gigi – diz ele, voltando a se concentrar na questão –, será que você não pode tentar ver se existe alguma coisa que possa ajudar Jasmine? Qualquer coisa?

Ela crispa os lábios e passa os dedos pela mesa, indo de um lado a outro.

– Vamos lá – insiste Joe. – Você é tudo o que ela tem além de mim. Precisa fazer isso. Mesmo que dê tudo errado.

– Diga-me uma coisa. Por que está se preocupando com quem está morrendo quando tem alguém vivo ao seu lado?

E faz um gesto na minha direção.

– Esqueça – diz ele. – Achei que você gostasse dela. Pelo menos um pouco. – Ele se levanta e faz um gesto com a cabeça para mim. – E ela não pode substituir Jaz. É isso que você está dizendo? Porque está a maior confusão e eu mal a conheço.

Hummmm... Estou bem aqui.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra – declara Gigi. – Jasmine é uma criança que abriguei e alimentei. Claro que gosto dela. Mas todos nós morremos. Você... – Ergue os olhos como se tentasse encontrar uma palavra ali no ar. – Você está misturando meu amor e as leis do Universo. Pronto.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que vou pensar nessa desgraça toda e determinar a

abordagem correta. Sem você e essa sua beligerância. – Gigi aperta a bochecha de Joe. – Sei que suas intenções são as melhores, Joseph, mas, se eu tiver que entrar em contato com ela, mesmo que seja apenas uma tentativa, vou precisar de tempo. Ou seja: você tem que ir embora.

– Está bem. Mas... é Jasmine. Não se esqueça disso.

– *Non, puce* – replica ela. – *Bien sûr que non.*

Adoraria poder amenizar a preocupação dele, dizer-lhe que não ter um corpo é como finalmente tirar um espartilho com o qual você passou a vida toda. Mas ele não a quer assim, livre. Ele a quer aqui.

– Ela não tem muito... ou eu não tenho – diz ele. – É, eu não tenho muito tempo.

– Joseph – repreende Gigi.

– Mas se pudermos ajudar... – diz ele com um suspiro.

– Até um rei abdicaria de seu trono para ter mais cinco minutos com o ser amado – afirma ela. – Não sou Deus. Sou só uma velha que mexe com ervas e cartas. Por que resolveu achar que qualquer coisa neste mundo seja capaz de ajudá-la e, se existir algo assim, por que me daria ouvidos? – Gigi se serve de mais uma dose de rum.

– Precisamos tentar – diz Joe. – Que mal pode fazer?

Num segundo, pego a mão de Joe e a seguro com força.

Ela olha para nós dois, espeta uma cenoura e, assim que a comida roça seus lábios, Gigi larga o garfo. Ele tilinta ao cair e tomba de lado.

– Está bem! Tudo bem! – exclama ela. – Mas você sabe que, quando eu era pequena lá na ilha, vi zumbis, e pode ter a certeza de que quando se trata de vida e morte, precisamos tomar muito cuidado. Vou fazer isso contra a minha vontade por causa dos seus pavores. Sorte a sua ser tão adorável, Joseph.

Adorável. É exatamente o que *eu* acho. Agora gosto ainda mais de Gigi.

Ela esfrega as mãos como se as estivesse lavando ante aquilo tudo.

Joe e eu nos sentamos em torno da mesa, nossos dedos entrelaçados. Os dedos dele apertam tanto os meus que preciso examinar o seu rosto para

entender o que está acontecendo. Intensidade. É isso. Toda a sua atenção está concentrada naquela mesa.

– Vou ver o que ela me mostrar. – Gigi fecha os olhos. – Se é que vai mostrar alguma coisa.

Sinto na minha mão a umidade da palma de Joe, ou talvez a minha mão é que esteja úmida. Quero água. Carros passam lá fora; alguém grita algo em italiano. Um cachorro late. Encobrimo tudo isso, só respiração. A minha, a de Joe, a de Gigi. Uma respiração tão alta e concentrada que posso senti-la por todo o corpo. Há flores sob minhas pálpebras. Brancas. Pretas. Elas rodam e ficam girando.

Gigi solta o ar, e, quando abro os olhos, vejo que ela está me encarando. Ajeita os óculos.

– Encontrei Jasmine – anuncia.

– Verdade? – Finalmente, Joe solta a minha mão, que fica toda molhada.

– Ela não sabe o que está acontecendo – explica Gigi. – Está num estado de confusão. Num limiar. Conhecem essa palavra?

– No Intermediário – digo.

– Está no limite – prossegue Gigi, assentindo. – Está em lugar nenhum. E também vi outra pessoa por lá. Ela não estava sozinha.

– Quem? – pergunta Joe.

Com certeza tem esperança de que ela diga que viu a mãe dele. Ele está desejando aqueles cinco minutos sobre os quais Gigi falou.

– Vi você.

Está falando comigo, e tomo um susto tão grande que parece até que me deram um tapa.

– Eden!? – pergunta Joe, e em sua voz há um misto de medo e acusação.

– Jasmine não sabe que está aqui e você não sabe que está lá.

Minha pele se contrai inteirinha, como se fosse plástico filme.

– E você é a única com quem ela consegue falar – conclui Gigi.

– Eu? – indago. – Por que eu?

– Porque você está lá. Você é a única. – Encosta a ponta do dedo no meu peito. – Você mesma.

EU DEVIA ESTAR SURTANDO AGORINHA MESMO

Mas não surto. A noite está quase terminando e estou no Animal, anotando tudo à entrada de casa.

Escrevo no diário. Porque encontrei mais coisas de que gosto neste mundo e quero me lembrar do que é e do quanto gosto delas. Alguns exemplos:

- elefantes
- corujas
- janelas
- jogar cartas que não são de baralho comum
- mistérios

Começo uma nova coluna. Para coisas das quais gostava antes.

- dança (a perspectiva da fama)
- faculdade (conceitualmente)
- morar na minha casa (porque não conhecia nada diferente)

Guardo o diário na bolsa. Minha cabeça ainda está atordoada, pensando em Joe.

Não voltamos à casa dele depois do encontro com Gigi por causa do que ela disse, sobre eu estar com Jasmine num lugar onde já estive. Fiquei tão apavorada que Joe me levou até o carro de Digby, que estava no estacionamento do hospital, e ficamos sentados ali, conversando, até eu me sentir normal o bastante para conseguir dirigir. E foi então que as sensações ruins desapareceram e tudo ficou absolutamente fantástico com Joe contando coisas sobre si.

- Ele gosta de romances fantásticos, no estilo de Piers Anthony, com centauros, Pégaso e ciborgues bem sexies.
- Gosta de música country, de frutos do mar e de sentir a terra nos dedos, mas não debaixo das unhas. É por isso que leva sempre o canivete suíço: para limpá-las.
- Detesta a escola. Sempre detestou. Mesmo assim, se candidatou para algumas faculdades estaduais, já que seu pai o obrigou.
- Detesta não ter amigos, não se ligar nas mesmas coisas que outras pessoas. Arranjar emprego, ganhar dinheiro, ter uma família: nada disso faz muito sentido para ele.
- Quer visitar mil lugares e aprender a fazer com que todos os seus pertences caibam numa daquelas sacolas militares porque, assim, estará sempre disponível para ir a qualquer lugar na hora que lhe der vontade. Quer viajar pelo mundo, ver o que existe por aí.
- Gostaria de ser astronauta se a profissão não exigisse tanta matemática, mas ele desconfia que o espaço seja o lugar mais legal que existe, com todo aquele silêncio, todas aquelas estrelas e muito menos gravidade.

Isso é uma lista. E das boas.

Ele também me falou sobre o telescópio que logo, logo vai estar pronto. Disse que vamos poder ver tantas coisas a mais do espaço que tudo o que vimos até agora vai parecer uma imagem bidimensional em preto e branco.

Em algum momento, acabei contando mais a meu respeito também. Contei como era dançar; que sonhava estar voando desde que me entendo por

gente e que, quando fiz um *pas de deux* pela primeira vez e Leo Antonopoulos me ergueu bem acima da cabeça, senti estar num daqueles sonhos, como se tivesse voltado para algo importante, e não que estivesse fazendo aquilo pela primeira vez. Mas também lhe disse que nunca fiz amigos no balé, que estava concentrada demais no meu trabalho e às vezes fico com a impressão de que as pessoas me consideravam uma pessoa má.

– Quer dizer que você é má? – perguntou ele.

– Não!

Lembrei das ocasiões em que outros bailarinos me convidaram para festas de aniversário e, mais tarde, para festas em geral, e eu nunca nem cogitei comparecer.

– Não foi de propósito – expliquei. – Eu era uma pessoa sociável... – Parei por um instante. – Com os meus três amigos. – Aquilo soou tão mal. – Eu era muito centrada – tentei novamente, querendo que ele me entendesse. Encarei Joe à luz das estrelas. – Acho que fui bem babaca algumas vezes, embora nunca tenha sido minha intenção. É como se fosse necessário, senão as pessoas se aproveitam.

– É – disse ele. – Eu entendo. Com certeza.

– Ou a gente escraviza, ou vira escravo. Isso começa lá no parquinho, com quem consegue o melhor balanço, quem chega primeiro no trepa-trepa, e continua pelo restante da vida.

– É – repetiu ele. – Li *O Senhor das moscas* na escola. É isso que você quer dizer, certo?

– Exatamente – respondi. – Eu nunca quis mandar em ninguém e, definitivamente, nunca quis ter alguém se metendo na minha vida, me escravizando.

– E é assim que funciona, mesmo para quem mora na colina? – perguntou ele. – Eu achava que por lá todo mundo fosse feliz, com todos os seus aparelhos eletrônicos e seus jardins.

– Nada... As pessoas são iguais em todos os lugares – falei. – É uma coisa básica.

– Então você sempre andou assim, como agora, usando capuz e tudo o

mais?

Tirei o capuz.

– Estou tentando não assustar as pessoas com minhas cicatrizes.

Joe passou um dos dedos pelos pontos sem cabelo e sorriu.

– É macio. Parece pena de pato.

– E ainda tem isso. – Tirei o cachecol, bem devagar, deixando à mostra a pele cortada e costurada que ficava meio saltada no meu pescoço. Eu não mencionei que aquilo era um horror, mas pensei.

– Dói? – perguntou ele.

– Só porque sempre fui vaidosa – respondi, detestando a sensação das lágrimas que estavam prestes a brotar. Sentimentos imbecis. – Meu pescoço era a parte do meu corpo de que eu mais gostava. Agora está estragado.

– Não está, não – replicou Joe. – Eu gosto assim. Você parece durona. Uma lutadora. Como se pudesse acabar comigo.

Ele puxou minha manga até minha mão pousar em sua perna. Deixou que permanecesse ali e continuou a brincar com meu casaco. Minha garganta secou e eu não conseguia mais falar. Além disso, tínhamos que ficar ligando e desligando a caminhonete para aquecer seu interior e depois esfriá-lo de novo. Finalmente, Joe saltou do carro e abriu a porta para mim.

– Agora você vai ficar bem, não vai, Sardenta? – perguntou.

– Claro.

Mas, assim que ele me fez a pergunta, senti uma descarga de adrenalina.

– Não leve tão a sério as coisas que Gigi diz, sabe? É bem provável que ela não passe de uma velha maluca. Tenho certeza de que aquelas portas batendo na casa dos Paisano foram minha imaginação. Eu só tinha 7 anos. E o senhor Jace provavelmente se apaixonou pela senhorita Elba por conta própria. Garanto que a poção de Gigi não teve nada a ver com isso.

– Obrigada. Ajudou muito.

– Não precisamos fazer nada se você estiver com medo.

– Não estou com medo – repliquei, embora estivesse, sim.

– Só estou dizendo que acho que fiquei meio pirado com a ideia de poder falar com Jaz e com o fato de que você poderia fazer isso. Mas não quero que

fique magoada nem nada assim. E seja como for, talvez isso tudo seja mentira, como já falei.

– É, mas ela sabia.

Nem precisei terminar a frase. Já tínhamos falado daquilo. Gigi sabia que eu tinha estado em coma. Sabia que Jasmine e eu tínhamos estado no mesmo lugar. Sabia coisas demais para que a gente simplesmente desconsiderasse aquilo tudo; e Joe jurou que nunca tinha contado nada a ela sobre o meu caso.

– Alguns meses atrás, eu teria achado que vocês dois eram idiotas ou malucos – falei.

– Mas eu sou maluco – replicou Joe. – Olhe só para mim. Já vi o Papai Noel. Juro que vi. É sério. E você sabe o que falam a respeito da memória...

– Cale a boca e me deixe terminar. – Respirei fundo. – Eu *teria* achado. Antes. Agora não acho mais. Não acho que você seja maluco. Entende? Tudo mudou.

– E bem depressa, não foi? – brincou ele. – As coisas mudam tão rápido... Segurei na camisa dele, com todos aqueles botõezinhos brancos.

– Desde que voltei, ando vendo coisas, Joe. Nunca falei sobre isso com ninguém.

– Caramba! – exclamou ele, e o ar divertido desapareceu do seu rosto. – Que tipo de coisas? Fantasmas ou algo assim?

– Não sei direito. Fico achando que talvez o fantasma seja eu, como se estivesse sempre caindo sem nunca pousar em terra firme.

– Como se tivesse saltado de um avião. A gente tem a impressão de estar caindo para sempre.

– Já saltou? – perguntei.

– Já. Adoro. Brad, um amigo do meu pai, tem uma empresa aérea pequena. Eles prestam serviços diários em Rosecrest.

– Voando – falei. Sem ter peso algum.

Joe passa um dos dedos pelo meu rosto e balança a cabeça.

– Você não é um fantasma, sabe? É quente demais...

Eu estava quente mesmo. Muito quente.

– Preciso ir. – Eu tinha que me afastar porque ele estava me sugando para

dentro de si.

– Tchau. Por enquanto.

E me deu um beijo no rosto quando entrei no Animal.

– Beleza.

Eu estava me sentindo reluzente.

– Caramba! – exclamou Joe. – Desculpe.

– Pelo quê? – perguntei.

– Pelo péssimo timing. Por ter beijado você.

– Foi no rosto.

– Mesmo assim, foi um beijo. Lábios tocando a pele.

– Do jeito que você fala, parece uma coisa tão indecente... Foi só um beijo no rosto.

Ele se debruçou e me beijou. Desta vez, não no rosto. E aquilo percorreu todo o meu corpo, chegando até os dedos dos pés, que começaram a formigar, como se fossem ficar dormentes.

– Desculpe – disse ele, com a boca ainda colada à minha.

E foi ali, durante aquela conversa, naqueles minutos com ele no estacionamento, que me vi presa num círculo. Repetidas vezes, ele disse que não devia ter me beijado. E repetidas vezes me beijou mesmo assim.

Não quero ser um pedido de desculpas.

Meus dedos dos pés ainda estão formigando.

Meus pais me esperam na cozinha. Estão devidamente posicionados à mesa, como se aguardando notícias. Más notícias. Não fazem ideia do que está acontecendo comigo ou de quem eu sou neste exato momento. São quase desconhecidos. Minha mãe está de cabeça baixa, como se tivesse pegado no sono, mas sempre ergue os olhos para a janela quando BC se mexe, abanando o rabo.

Será que eu achava mesmo que eles fossem dormir sem saber se eu já tinha chegado? Não, não mesmo. Nem pensei nisso.

– VOCÊ ROUBOU MEU CARRO!

Pisco mil vezes, tentando enxergar minha

família com alguma nitidez, porque eles estão turvados, como estivessem sendo teletransportados para a cozinha e ainda não tivessem se materializado ali por completo. Trato de me orientar ou, pelo menos, tento. Minha casa tem aquela mesma cor de creme, os mesmos tapetes aveludados, o assoalho de madeira. Tudo é neutro. A mesma mãe magrinha e ruiva está ali à minha frente e, perto dela, o mesmo pai que parece até um boneco Ken meio velho. Já Digby é um borrão quase irreconhecível de uma salada de cenouras e beterraba. Meus pais estão posicionados atrás dele, usando aqueles pijamas listrados combinando.

– O Animal está lá fora – digo. – São e salvo. Não foi roubado.

– Já é *meia-noite*! – exclama ele.

Quando ele diz aquilo, me deixo cair numa das cadeiras da cozinha. Minhas pernas estão entorpecidas e as pálpebras, pesadas.

– É. Acho que é mesmo.

– Tenho treino de manhã cedo.

– Tem treino no sábado?

– Tenho sempre.

– Como é que eu podia saber?

Digby pega o celular e quase o esfrega na minha cara.

– Está vendo isto aqui? – pergunta. – Chama-se celular. Com ele, você pode fazer um monte de coisas, inclusive jogar, entrar nas redes sociais e checar as porcarias das mensagens!

– Bom, não vi você ter um surto psicótico desses quando eu estava com Reggie. Por que não ficou preocupado naquele dia?

– Porque Reggie é Reggie. Sabíamos onde você estava. E eu precisava do carro, Eden. Do meu carro.

– Você está com o da Lucille. Vi o carro dela estacionado aqui na entrada.

– É, mas e se ele tivesse quebrado?

– Você está tentando me controlar, o que é a maior besteira – replico. – Você está sendo um completo imbecil.

Não há nada que Digby deteste mais do que ser chamado de imbecil. Ele tem complexo de atleta burro. Foi um golpe baixo, eu sei, mas passei uma noite inteira sem me sentir cansada, sem ter problemas para engolir, sem andar daquele jeito esquisito. Vi coisas novas. Também senti cheiros novos. Conheci uma bruxa. Foi bem legal e não me arrependo de nada.

Digby está me encarando como se eu fosse a escória.

Minha mãe se intromete e me dá uma caixinha de shake de chocolate.

– Comeu alguma coisa? – pergunta. – Parece faminta, com hipoglicemia ou algo assim.

Desvio do olhar furioso de Digby e aceito o shake para não ter que explicar onde jantei.

– Obrigada, mãe.

– Você disse que ia sair por umas duas horinhas quando pegou o carro. Só que foram *oito* horas! Oito horas são quatro vezes duas horas. Lucille ficou preocupada. Todos nós ficamos.

– Beleza. Já entendi. Mas eu queria ficar um tempo sozinha.

– É perigoso – diz ele. – Você ficar por aí quando ainda está... É você que está sendo imbecil, não eu.

Digby e eu nunca brigamos desse jeito. Isso é por causa do namoro dele com Lucille. Ou porque não posso mais ser como era. Seja como for, não

gosto disso. Não quero brigar com ele, mas não consigo parar.

– Você não é a minha mãe – rebato. – Ela é.

– Eden...

Mamãe se apoia em papai.

– Cadê as chaves? – pergunta meu irmão.

Eu as entrego a ele.

– Não tenho obrigação de dividir meu carro com você.

– Na verdade – diz papai –, tem sim. Fizemos um acordo em relação a Eden e o hospital, Digby. Ela precisa ir à fisioterapia. Quando ela for morar em Nova York, não vai precisar do carro, portanto não vale a pena comprar um agora. – Ele se cala por um instante. – Pelo menos ainda não. Temos que ver como vai ser o futuro da sua irmã.

Hesite, gagueje, pai. Ele põe água na chaleira e acende o fogo.

Nova York.

Faculdade.

Testes.

Inscrições.

Diga essas palavras em voz alta. Elas parecem até facas, cortando minha vida como legumes à juliana.

– Madame telefonou hoje – diz mamãe. – De novo. Disse que tem ligado direto para o seu celular, mas que você não retorna as chamadas.

Quando penso em ligar para ela, é como se houvesse uma vidraça entre mim e o telefone. Eu a vejo tentando falar comigo, mas não sei como fazer isso sem quebrar alguma coisa.

– Lembra-se daquela vez em que você fugiu? – Mamãe está de braços cruzados.

– Já pedi desculpas tantas vezes...

– Não é o que estou querendo dizer – prossegue minha mãe. – Para onde você foi quando saiu de casa? Pense nisso, Eden. Você deve ao menos um telefonema a ela.

Mas eu estou estragada... O que Madame pode querer de mim? Eu agora sou uma coisa inútil e cheia de cicatrizes.

– Se pegar o Animal de novo – Digby volta a falar, retomando sua babaquice –, só tem *permissão* para ir ao hospital e voltar. Nada de surtar e sair por aí tentando se encontrar ou sei lá o quê...

– *Permissão?* – Fico de pé. Adoraria estar de salto alto para poder encará-lo bem nos olhos, porque ele está mesmo precisando ouvir umas verdades. – Que história é essa de permissão? Acha que é você quem manda?

– Acho que mando no meu carro. Acho mesmo – diz ele. – E não acho certo você sair dirigindo por aí. Olhe só o seu estado!

Eu olho. Estou de calça de moletom cinza, uma camiseta preta e tênis. Tem pelo de cachorro e de gato por toda a minha roupa e uma mancha de comida num ponto do peito. Estremeço só de pensar na minha cara. Seja lá o que Joe viu em mim, já desapareceu: agora só existem machucados e ferimentos esquisitos. Tecido cicatrizado.

– Seu babaca – xingo.

– Bom, espero que esteja tomando remédios, porque, senão, está completamente maluca.

Dou risada. É um riso estranho que se transforma em soluço e aí volta a ser riso.

A chaleira apita.

– Que tal dar um tempo, Digby? – diz papai.

Desligo o fogo.

– Está me mandando para o meu quarto? Sério?

Digby cruza os braços e ergue as sobrancelhas. Isso era o que papai sempre dizia quando um de nós estava fazendo alguma besteira – e de repente eu e Digby caímos na risada. Os nossos pais jamais pareceram tão desconcertados.

– Estou bem. Relaxem. Agora mesmo, ok? – Mostro o shake. – Obrigada, mãe. – Viro-me para Digby. – E não se preocupe. Na segunda, vou de ônibus. Pode ficar com o carro.

– De ônibus para onde? – pergunta Digby.

– Ah. Resolvi voltar para a escola.

Na verdade, acabei de decidir isso.

Fica o maior silêncio. Tudo que se ouve são as patinhas de BC andando para lá e para cá, suas unhas batendo no piso da cozinha e o som de portas de armários sendo abertas e fechadas, porque papai começou a procurar chá.

– Tem certeza de que está pronta para isso, querida? – pergunta mamãe. – Porque da última vez...

– Deixe ela tentar de novo – interrompe Digby. – Levo você na segunda de manhã e volto para buscá-la depois do treino. Não tem problema.

E vai embora.

BC se movimenta em círculos e deita nos meus pés. Mamãe mergulha o saquinho de chá na xícara.

– Tudo bem. Boa noite, gente – me despeço. – Obrigada pela excelente edição de A Hora do Drama da Família Jones.

– Quer conversar sobre o que está acontecendo com você... em termos emocionais? Estamos aqui – diz mamãe.

Quero me transformar numa pocinha de água no chão. Quero soltar tudo, não precisar apertar com tanta força, mas não consigo. Tenho que me agarrar ao que ainda resta de bom deste dia, à possibilidade de mais um dia muito estranho e diferente, porém tão empolgante quanto o que tive hoje. Então me agarro a imagem de garotos com olhos que parecem madeira lustrada e pedaços de árvores, a portas se abrindo e se fechando, a um novo mundo do outro lado de todos.

– Estou tentando – digo.

– Camomila – sugere papai. – É o melhor remédio. – Faz um carinho nas minhas costas. – Podemos nos reunir de novo de manhã, quando estivermos mais descansados.

– Mal posso esperar... – digo, e só estou sendo um pouquinho sarcástica.

– Eden. – Quando passo pela porta do quarto de Digby, a voz dele vem baixinho, como uma cantiga de ninar. – Estou com saudade de você.

FICO SEGURANDO A CAIXA DE MADAME NO COLO COMO SE FOSSE ME MORDER, ME ESPETAR

Bem devagarinho, desfaço o embrulho.

Quando eu tinha 12 anos, decidi que não queria mais morar na minha casa. Resolvi me mudar para a casa de Madame, pois essa seria a melhor estratégia para a minha carreira. Além disso, eu gostava mais dela do que da minha família. Ela não era casada, não tinha filhos e havia sido uma estrela, portanto conhecia todos os meandros do balé, do ramo da dança. Eu já tinha visto a casa dela por fora e, aparentemente, havia ali espaço suficiente para ela me acolher. E se não fosse o caso, eu não me importaria de dormir no sofá até ela poder ajeitar as coisas, arranjar outra casa ou sei lá o quê. Eu precisava mesmo era de alguém só para mim, que me visse como uma pessoa inteira e não apenas como metade. Ela era perfeita e já me adorava, o que significava que eu não precisaria conquistá-la.

Apareci à sua porta com uma mala de rodinhas que tinha roubado do armário do meu pai. Ali dentro, havia apenas collants e sapatilhas. O básico.

É engraçado o que a gente descobre quando passa pela porta da casa de alguém... As coisas nunca são como imaginávamos.

Madame pode nunca ter se casado, mas tinha cônjuge. Uma mulher chamada Benita que ainda estava usando as roupas de trabalho quando cheguei lá, numa segunda-feira à noite de primavera. Eu já conhecia Benita. Ela sempre assistia às estreias e às vezes aparecia na academia de balé. Mas eu achava que fosse uma amiga. Nunca me passou pela cabeça que existisse outra coisa na vida de Madame além do balé. Aparentemente, uma pessoa como ela não teria disponibilidade para isso. Deduzi que ela dançava, dava aulas e dormia. E de vez em quando comia alguma coisa. Só isso.

Tinha imaginado tanta coisa... Nós nos dedicaríamos uma à outra. Trabalharíamos lá no estúdio, só nós duas, até ela me transformar numa estrela. Quando vencêssemos competições, ganhássemos bolsas de estudos ou chovessem elogios ao nosso trabalho, ela me mandaria flores e me aplaudiria de pé. Do palco, eu a veria na plateia, aplaudindo e soluçando. Ela seria tudo para mim e eu preencheria seu desejo latente de ser mãe. Todo mundo sairia ganhando.

Mas por que eu não queria voltar para casa? Foi uma das perguntas que Benita e Madame me fizeram. Será que eu estava sendo vítima de algum tipo de violência? Temia pela minha segurança? Meus pais não estavam cuidando de mim?

Depois de passar um minuto tentando descobrir alguma coisa que pudesse convencê-las a me deixar ficar (porque, lá no fundo, eu sabia que tinha perdido aquela batalha antes mesmo de ela começar), confessei que tudo na minha casa era bem-cuidado e oferecia segurança, inclusive meus pais. Contei que eu tinha um irmão. E que eu era a coisa mais importante na vida dele, mais até do que a bola que ele carregava para todo lado. Eu disse também que nunca ficava sozinha, a menos que quisesse. Que nunca ficava com fome. Que ninguém jamais me agredira. Que nem sequer lavava minha própria roupa.

No entanto, eu não lhes falei que tinha fugido porque estava entediada. Queria ser eu mesma, o centro de tudo. Diante de dois pares de olhos

castanhos perplexos e de uma tigela de sorvete de maracujá, concluí que, basicamente, eu era má e egoísta.

Benita e Madame me ouviram por horas e horas, me trouxeram uma tigela de cerejas depois de eu terminar o sorvete e ainda me deram conselhos sérios e duros. Disseram para eu ir para casa e para amar minha família. *É isso que torna a gente o que é*, disse Benita, *para o bem ou para o mal. E quando você tem o que tem, aceite. Não é tão fácil encontrar pessoas que nos amem de verdade.*

Madame telefonou para minha mãe, que veio me buscar e, no trajeto para casa, me contou pela primeira e última vez como ela queria ter filhos. Mais do que isso, como queria ter uma menina. Disse que ela e papai tentaram muito. Primeiro, foi a inseminação artificial; depois, a indução de ovulação e, finalmente, a fertilização *in vitro*. Ela precisou tomar várias injeções muito dolorosas. Engordou. Precisou ficar de repouso, lendo livros e chorando à beça. Até que foi recompensada pela sua paciência e pelos seus esforços quando o médico disse que ela teria não apenas um bebê, mas dois, e que um deles era uma menina. Uma *menina*. Algo que ela queria tanto que chegava a ter medo. Portanto, se eu achava que ela protegia Digby, bom, provavelmente era porque ela tentava fazer uma espécie de compensação.

Voltei a ver mamãe na cama dela quando eu estava naquele Intermediário. Vi como seu corpo inteirinho sofria, e foi só então que acreditei no que ela havia me contado naquela noite, tantos anos antes.

Dentro da caixa, havia sapatilhas de ponta Chacott. Aquelas mesmo que eu tanto cobicei quando fui com Madame a Nova York naquele dia terrível. Mais para brancas do que rosadas, fazendo as pernas parecerem ainda mais longas. São as sapatilhas mais fantásticas, mais espetaculares do mundo. São os sapatinhos de cristal da Cinderela. Eu desconfiava que, algum dia, Madame poderia me recompensar com um par delas, já que ficou insistindo para que eu as pegasse, as experimentasse. Pediu a sua amiga Nadja que tirasse minhas medidas. Mas não ganhei o cobiçado presente naquele dia nem depois.

Agora, aqui estão elas, pura mágica feita sob medida para mim e vinda

diretamente do Japão.

Minhas mãos tremem quando coloco os fones de ouvido e aperto a tecla “play” para tocar Mozart. Não ouvia música clássica desde antes do acidente, e os violinos me fizeram desmontar. Estendo a mão para a minha mesinha de cabeceira onde sempre deixo uma lanterna, uma bússola, vários livros e um kit de costura.

Encho as pontas das sapatilhas com lã de carneiro e depois costuro as fitas e os elásticos que vieram na caixa. Com BC aos meus pés, passo a agulha pelo cetim e penso em pés, especialmente nos meus.

Como eles estão macios e lisinhos.

Como, em outra época, um músculo se distendia e eu dançava assim mesmo porque tinha uma apresentação e não havia outra coisa a se fazer. Por anos a fio, eu chegava em casa à noite, enchia a banheira com gelo e enfiava os pés ali até eles ficarem entorpecidos e pararem de doer. Nos dias em que isso não funcionava, eu recorria às pomadas. Às vezes, fazia tudo junto. Uma coisa atrás da outra. Meus primorosos pés feios.

Os pôsteres em preto e branco de Anna Pavlova e Mikhail Baryshnikov me lançam olhares de desaprovação. Trato de ignorá-los e continuo costurando. Faço a volta. Prendo o elástico ao calcanhar, passo a linha pela ponteira para reforçar a costura. Experimento. O movimento é automático porque já fiz isso milhares de vezes, ao substituir por novas as minhas velhas sapatilhas gastas. Mas estas aqui são especiais. Têm gosto de felicidade.

Enfio cada uma delas e arqueio os pés.

Arfando e ganindo, BC se vira de barriga para cima.

– Vamos dançar, cachorrinho querido.

Ele se agacha e então saltita, aguardando instruções.

Arregaço a calça de moletom até os joelhos. Assim que começo a fazer os exercícios mais básicos de aquecimento, minhas coxas começam a arder, mas eu não paro.

Meia ponta.

Relevé.

Meia ponta.

De novo.

De novo.

Mais uma vez, Eden.

NO DOMINGO À NOITE, SONHEI COM JASMINE

Eu a vi de longe e sabia que era ela. Sabia bem lá no fundo e apesar do meu medo, embora seus braços e pernas estivessem mais fortes e musculosos do que naquele quarto de hospital e, no geral, ela fosse mais robusta do que aparenta, deitada ali na cama e ligada a todos aqueles aparelhos. Não estava definhando. Não era só pele e osso. Usava uma regata branca e um short jeans, como lá no Intermediário, e seus braços e suas pernas sangravam por causa de uns cortes e arranhões bem feios. Mas o céu estava límpido e azul; a terra ao redor era vermelha como a de Marte. Ela estava na beirada de um precipício, andando de um lado para outro, como se fosse cair a qualquer momento.

Corri até ela, e, quanto mais eu corria, mais ela se afastava. Acelerei o máximo que pude, até que tudo à minha volta se tornou um borrão inflamado.

E aí o chão sumiu, mas eu não caí. Jasmine pairava acima de mim, também flutuando, a boca articulando palavras que eu não conseguia ouvir. Ela ergueu os braços para revelar asas bem espessas com flores negras que se retorciam e uns ramos que adquiriam vida, zumbindo como abelhas. No lugar dos olhos, havia duas flores polinizadas por borboletas que batiam as asas num ritmo preguiçoso. Ela estendeu as mãos para mim. Lágrimas escorriam pelo seu rosto e eu tentava desesperadamente ouvi-la.

DEPOIS DESSE SONHO, A ESCOLA É TIPO “O QUE É QUE ESTOU FAZENDO AQUI?”

Tenho a maior dificuldade para acordar.

Engasgo com o mingau de aveia. É difícil entrar no Animal para fazer o trajeto silencioso até a escola. Porém, apesar de todas essas dificuldades, me arrumo e vou para a escola, porque, como disse minha família, não estou legal e, se quero deixar de ser o centro das atenções, preciso provar que sou capaz de alguma coisa; fazer com que sintam que o que aconteceu comigo lá no rio não me destruiu. Ainda sou a pessoa que eles amam e de quem sentem falta.

Sei que dou conta de fazer isso.

Chegando à escola, mesmo ao passar pelo corredor, abraçando gente que nem conheço tão bem assim e parando para conversar com adultos curiosos, vejo Jasmine com aquelas borboletas nos olhos, batendo as asas, sugando o pólen das flores, e acabo me distraindo. Não consigo parar de pensar nela.

Preciso mandar uma mensagem para Joe, dizer para nos encontrarmos no hospital, talvez tentar falar com Jasmine mais uma vez. Ela queria me dizer alguma coisa naquele sonho. Talvez fosse algo importante. O problema é que não posso mandar nenhuma mensagem para ele. Apesar de termos passado o

que me pareceu uma eternidade juntos naquela noite, nunca trocamos qualquer informação, afinal, como já se confirmou em diversas ocasiões, sou uma idiota.

O fantasma de Joe passa a manhã inteira me rondando, por isso só me sinto aqui pela metade. A mão dele no meu rosto, a lembrança do carinho que fez no meu pescoço, na minha nuca, o beijo e até mesmo o pedido de desculpas. O jeito como ele ficou atrapalhado... Tive que me apoiar no armário do corredor para recuperar o fôlego. Fico ali por tanto tempo que a Sra. Klein vem me perguntar se eu gostaria de me deitar um pouquinho lá no seu escritório.

Quase aceito a proposta. Deitar me parece uma ótima ideia.

Mas não dá, porque tem aula de inglês, tem o Sr. Liebowitz e aquele monte de gente cheirando a suor, a pasta de dentes mentolada e a qualquer que seja a porcaria que estejam usando para disfarçar o cheiro de suor. E depois do inglês tem biologia avançada, que sempre foi minha aula favorita. E qual é o assunto de hoje, meus queridos desajustados?

Borboletas.

Pode apostar.

Vocês sabiam que as lagartas basicamente se desintegram por inteiro enquanto estão no casulo? Elas se liquefazem. Só restam aqueles discos que se desdobram, viram-se pelo avesso e se transformam em borboleta. Segundo o Sr. Gelrip, seria como se carregássemos conosco as sementes de nossa versão adulta; como se o que quer que viéssemos a nos tornar já estivesse aqui. Fico rabiscando flores e borboletas ensanguentadas no papel à minha frente, capto trechos do vídeo que está passando.

Pego meus exercícios atrasados. Os professores não tiveram nenhuma chance de arruinar minha vida no primeiro dia em que tentei voltar, mas agora temos que encarar os fatos: se eu não der conta de um montão de matérias já ministradas, não vou conseguir me formar. Tenho até o fim do semestre. Depois, no outono, vou precisar me virar sozinha e, decididamente, não quero ficar morando no porão da casa dos meus pais. Preciso me concentrar nos estudos.

Eu devia retornar a ligação de Madame. Talvez faça isso ainda hoje, quando voltar da escola.

Eu devia fazer milhares de coisas.

É provável que eu consiga recuperar o que perdi na escola, mas o restante da minha vida parece coisa demais...

Na hora do almoço, me arrisco a enfrentar o caos da cantina onde encontro Digby sentado a uma mesa, com Parker e Reggie, e onde o barulho de toda aquela falação e o cheiro dos pãezinhos amanteigados me deixam meio enjoada.

Tenho que fazer as pazes com meu irmão, sentir que as coisas podem voltar a ser como antes, que todo mundo pode voltar a ser como antes, mas, em vez de ocupar uma mesa barulhenta e animada como costumava ser, encontro um clima pesado, desconfortável e baixo-astral, que, aliás, permeia todo o lugar. Parker me encara por uns instantes, então vira a sua cadeira para ficar de costas.

– O que foi? – pergunto. – Parker?

– Ele ainda está chateado com as coisas que você disse lá na boate na Filadélfia – responde Reggie.

– Caramba! – exclamo, dando-lhe uma cutucada. – Tem gente muito sensível por aqui...

– Tem é muita gente magoada por aqui – diz Reggie e, com um gesto de cabeça, indica a mesa mais próxima. – Como dizem, gente magoada acaba magoando também.

– Que ótimo! Todo mundo está bravo comigo. Exceto Lucille. Até agora – digo conforme meu irmão se afunda um pouco mais na cadeira. – Onde é que ela está?

Reggie pigarreia.

– Ei, menina – diz. – Cale essa boca.

E aponta.

Elaine, que tinha acabado de se tornar a ex-namorada de Digby, está sentada toda empertigada à mesa bem perto dele, com Zoe e Marin, as três com os cabelos impecavelmente penteados. Juro que tinha até me esquecido

da existência dela... *Vupt*. Eliminada. O namoro dos dois acabou e eu mal a reconheço.

– Oi, Elaine! – digo tão alto que todos se sobressaltam.

– Oi, Eden. – Ela está dando uma mordida numa maçã e espera até terminar de mastigar. – Que bom que tudo acabou dando certo depois do acidente. Deve ter sido assustador. – Cutuca um hambúrguer de frango. – Eu devia ter ido visitar você e tal, mas sabe como é... – Trata de se recompor, dando uma olhada para Digby. – De qualquer jeito, fico feliz em ver que está bem.

Dou um tapinha em seu ombro, já que é óbvio que ela não está a fim de abraços. Meu irmão a traiu com minha melhor amiga, portanto isso não é de surpreender.

– A alternativa teria sido bem desagradável – diz Digby, se intrometendo.
– Quer dizer, se Eden tivesse morrido.

Elaine o encara com uma das sobrancelhas erguidas.

– Está falando comigo? Mesmo?

– Só estou dizendo que, se Eden não tivesse saído do coma... teria sido bem difícil para todos nós – conclui ele afinal.

O golpe doloroso.

Reggie solta um assobio baixinho.

– É. Sem dúvida – diz Elaine. – Teria sido terrível. Mas nunca volte a me dirigir a palavra, Digby! Entendeu bem? – Ela se levanta, junto com as amigas que desempenham perfeitamente o papel de auxiliares de bronca. Aí se vira para mim, dando as costas para Digby. – Lamento que seu irmão ache normal usar seu acidente para fingir que não é uma pessoa absolutamente abominável. Vejo você por aí, Eden.

– É, Elaine, se cuide.

As três se afastam estalando os saltos no chão ao mesmo tempo.

– Uau! – exclamo depois que elas saem. – Ela realmente não quer saber de você. E eu o perdoo por usar meu acidente como uma inútil bandeira branca...

– É... – diz Reggie. – A coisa está feia...

Digby apoia o rosto nas mãos.

– Tenho me esforçado muito – declara com a voz abafada. – Mas não tem jeito. Eu só queria saber por que, então, ela resolve sentar justamente ao meu lado? Para me torturar?

– Claro – confirmo. – Afinal, onde você deixou Lucille?

– Na sala de artes. Pintando, acho. O Smokey deixa ela trabalhar lá quando quer. – Ele não consegue disfarçar. Está todo orgulhoso.

– Ela está lá sozinha?

– Ei, o que você quer? Lucille é dona do próprio nariz. Não fico tomando conta dela. Ela pode fazer o que bem entender. – Enfia na boca um punhado de batatas fritas já murchas. – Se ela quer pintar na hora do almoço, dou a maior força.

– Isso é que é homem!

– O que foi, agora? Resolveu atacar a minha masculinidade? O problema aqui são as garotas, ok?

– Como é estar de volta? – pergunta Reggie, pondo uma das mãos no meu braço e me defendendo da minha própria boca.

– Me lembrei por que vivo de mau humor – respondo, esforçando-me para afastar o olhar de Digby. – E também aprendi algumas coisas perturbadoras sobre borboletas. A natureza é muito filha da puta.

– Perfeito! – exclama Reggie. – É o melhor que se pode esperar deste fantástico estabelecimento de ensino. Sucesso!

Digby toma um gole de água da garrafa e faz um gesto de cabeça para a cadeira em que Elaine estava sentada.

– Eu pedi desculpas a ela umas cem vezes.

– Bom... – digo –, não há no inferno fúria comparável à de uma mulher desprezada.

Digby puxa uma cadeira para mim.

– Park – digo assim que me sento –, me desculpe pelo que eu disse lá na boate, mesmo que você precise de um tempinho para me perdoar. Eu estava meio alta.

– E é exatamente nessas horas que as pessoas falam a verdade – replica

ele. – Não precisa fingir que não é o que pensa de mim.

– Imagine! – exclamo. – Agora que não estou mais sob efeito do álcool, não tenho dúvida de que o seu cabelo está supersexy.

– Verdade?

– Verdade verdadeira. E não só o cabelo, mas a barbicha também.

Reggie baixa a cabeça e a balança numa descrença sarcástica.

Digby ri.

Parker atira o sanduíche de frango na bandeja e se levanta.

– Vá se danar, Eden. Sério. Vou comer lá fora. Prefiro morrer congelado a ficar aqui com você.

– E minha missão aqui já está cumprida – replico. – Super Gêmeos Ativar!

Digby e eu batemos o punho fechado. E, com isso, sei que tudo vai ficar bem.

ELA NÃO ESTÁ PINTANDO. ESTÁ TRABALHANDO COM CERÂMICA

O torno gira, e Lucille acrescenta mais água, vai moldando a argila, põe um pouco mais de água, vai moldando a argila. Enquanto a observo, percebo como ela mudou nesses poucos meses. Tanto quanto eu. Talvez até mais. Com toda a certeza, é uma borboleta. Depois de se derreter e virar apenas algo viscoso, saiu desse processo muito melhor. Até mesmo quando está sentada ali, é como se assumisse o comando da cadeira. Antes, ela parecia pedir desculpas por tudo. Agora está transformando coisas em outras coisas, produzindo algo a partir de nada, absolutamente concentrada em seu trabalho, suja de argila até os cotovelos. Não sei como ela cuida de Wren, já que só Deus sabe onde estão seus pais. E cuida do meu irmão também. Talvez eu esteja com ciúme. Não dela, mas dele.

O torno para a cerâmica está numa quina de um espaço bem grande. O ambiente tem cheiro de tinta e há respingos por todos os lados: nas paredes, no piso, na mesa. É o único lugar da escola inteira iluminado pela claridade que entra pelas janelas enormes. Uma delas está entreaberta, provavelmente para impedir que alguém morra intoxicado por aquele cheiro, e, de vez em quando, um ventinho faz uns papéis farfalharem. Sou atingida em cheio por

aquele frescor, aquela possibilidade. Não deveria atrapalhar Lucille. Devia deixá-la fazer suas coisas, já que está com tempo e ainda não me viu. Mas estou com saudade.

– Por que não está com o seu amante? – Minha voz ecoa pela sala.

O barulho do torno para.

– Eden! – exclama ela, inclinando um pouco a cabeça. – Você por aqui! E que nojo! – acrescenta. – Sabe como detesto essa palavra.

– Você que é nojenta. Meu irmão?!

Lucille funga. Aquilo que juramos que nunca ia acontecer entre nós está acontecendo: a vida está nos transformando em duas criaturas distintas. Ela está tomando forma, ao passo que eu me desmontei inteirinha. A ironia é que em breve ela vai ser realmente um membro da minha família. Não vai ser necessário nenhum pacto de sangue. O pacto que ela vai fazer vai ser com o meu irmão. Já posso até vê-la de noiva, os dois se olhando daquele jeito que já se olham. Vai ser lindo.

Ela não é mais minha.

Todo aquele ressentimento que vinha me acompanhando se transforma em algo diferente. Adoraria poder trazê-la de volta para a minha vida, mas é tarde demais. Ela já está muito distante. Depois de tudo o que aprendi, já não acredito em finais definitivos. As coisas simplesmente mudam. Tornam-se outras coisas. Nós nos adaptamos. E às vezes adquirimos asas.

– Está com fome? – pergunto.

Mais que depressa, vou até uma das mesas e pego o lanche que havia preparado para mim mesma de manhã: um sanduíche de peru com queijo brie, um shake e uma banana.

– Vou começar a tentar ingerir comida de verdade agora e preciso que você esteja por perto para o caso de eu morrer – digo. – Além disso, vamos dividir. Ainda não comeu nada, certo?

– Não – confessa ela. – Eu estava pensando em ir comer alguma coisa quando já não tivesse mais ninguém na cantina.

Divido o sanduíche. Lucille vai lavar as mãos na pia da bancada e se acomoda no chão.

– E por “ninguém”, você se refere a Elaine? Ela já foi embora com sua corte. Portanto, o caminho está livre – informo.

Ela baixa os olhos.

– Acho que é melhor Digby e eu não ficarmos aparecendo juntos na frente dela. – Quanta maturidade... – Se fosse eu, não ia gostar nadinha. Na verdade, a simples ideia de ele estar com outra pessoa, ou de ter que ver isso, já me deixa com o estômago embrulhado. Ainda me lembro do que sentia vendo eles dois juntos, embora a situação fosse bem diferente.

– Ah, a vida de um súcubo!

Lucille rasga uma tira de papel e a joga em mim.

– Detesto isso – diz. – É como se eu não conseguisse tomar uma decisão. Amo tanto Digby que não posso lamentar o fato de estarmos juntos, mas ao mesmo tempo fico tão envergonhada pelo que fizemos que não consigo tirar isso da cabeça.

– Sinto muito, Lu.

– Gosto de ficar aqui trabalhando sozinha – explica ela. – Não é ruim, não. Muito pelo contrário. Aqui eu consigo pensar.

– Tenho orgulho de você.

– Tem? – pergunta ela. – Por quê?

– Acho você incrível. O que fez. O que está fazendo. Você realizou alguma coisa concreta. Nem todo mundo consegue.

– Está de gozação? – pergunta ela, tirando um restinho de argila de debaixo da unha.

– Não! Estou falando sério – replico. – Juro.

– Mas você não pode me culpar por perguntar... Afinal bateu a cabeça naquela porcaria de pedra.

– É verdade, bati. As coisas mudam quando você quase encontra o Criador...

– Bom... – Aparentemente, ela está pensando se deve ou não investigar mais a fundo o que aquilo significa. – Digby e eu temos evitado todas aquelas conversas mais complicadas, tipo o que vai acontecer depois que nos formarmos, como vamos conseguir continuar juntos e, mesmo assim, ter

vidas independentes. E o que vou fazer com Wren? Deixá-la com o meu pai ou levá-la comigo se for para outro lugar qualquer? Preciso ir se eu quiser ficar com Digby. Porque não há a menor possibilidade de ele permanecer aqui. Nem que quisesse...

– E ele não deveria.

Nenhum de nós deveria. As únicas coisas que existem para se fazer nesta cidade são trabalhar num restaurante ou num salão de beleza. Cozinhar para fora, como a minha mãe, ou construir casas, como o meu pai. Todos nós devíamos sair daqui e conhecer coisas. Seja como for, Digby já sabe para qual faculdade vai: Universidade Estadual da Pensilvânia. O assunto já está decidido. E eu? O que vai acontecer comigo?

– Não vou para a faculdade. Pelo menos, não por enquanto. Preciso de mais tempo para descobrir o que quero fazer. – Lucille solta um suspiro tão profundo que a sala chega a estremecer. – A formatura está logo ali. E talvez nem vá existir um “nós” depois dela.

– Pelo amor de Deus! Não seja idiota! – exclamo. – Claro que vai.

– Mas tudo pode acontecer a qualquer momento...

– Verdade.

– Isso não assusta você?

Penso a respeito.

– E ainda por cima – prossegue Lucille –, minha mãe telefonou.

– Como é que é!?

Dou um pulo e fico quase colada nela, mas ela vira a cabeça, e acho que está tentando não chorar. É mais fácil quando a gente não admite isso...

A mãe dela foi embora um ano atrás. Saiu de casa um dia e nunca mais voltou. Por um instante, achei que tivesse desaparecido em alguma dimensão paralela. Laura era legal, mas nunca foi digna de confiança; aquele tipo de pessoa que deixa o bebê dentro do carro no verão, não por maldade, mas porque estava com a cabeça nas nuvens. Parecia não se importar com o fato de ser frágil e até usava isso como pretexto para ser uma péssima mãe, para cuidar primeiro de si em vez de pensar nas filhas. Eu a odiava por isso. E ainda odeio.

Mas poderia ser pior, acho. Como eu disse, ela é uma pessoa legal.

– Tinha umas mensagens dela quando finalmente arranjei um telefone novo – diz Lucille. – Mas levei um bom tempo para retornar.

– Não culpo você...

– E se eu tentasse e o celular dela estivesse desligado? E se aquelas mensagens não fossem para valer? Acho que eu não aguentaria passar por tudo aquilo de novo. E Wren...

– Há quanto tempo ela ligou, Lu?

Ela não responde.

– Meses? – insisto.

– É – diz ela, fazendo que sim com a cabeça. – Uns dois meses pelo menos. Uns quinze ou vinte dias depois do seu acidente, e eu só retornei esta semana.

– E, afinal, o que ela quer?

– Ver a gente. Parece que arranjou um namorado novo na Califórnia. Quer que Wren vá morar com ela. Diz que agora tem um pouco de estabilidade. Wren ainda não sabe de nada. Digby quer que a gente vá lá visitá-la, talvez nas férias de primavera. Ver direito como ela está antes de mandarmos Wren para lá.

– E então? – pergunto. – Vocês vão se mudar para a Califórnia para morar com a sua mãe?

Lucille dá de ombros.

– Só se a história com Dig não der certo, e seria só para que Wren tivesse um pouco de segurança. Não sei se confio na minha mãe depois de tudo. Tenho a sensação de que mandar Wrenny para lá seria a mesma coisa que deixá-la num barquinho no meio do oceano.

– Então você vai ficar com Wren até vocês decidirem o que fazer?

– Vou. Mamãe falou em vender a casa. Acho que ela está querendo o dinheiro. Se fizer isso mesmo, não teremos mais onde morar. Ou seja, tem mil coisas acontecendo. Coisas demais.

Aquela casa sem Lucille parece algo impossível. Ela é parte do quarteirão. O quarteirão é parte dela. Mas era a mesma coisa com nossa

casa...

– Beleza. Agora é a sua vez. – Ela se apoia num dos cotovelos.

Tento imaginar o que poderia dizer a respeito do que vem acontecendo comigo. Não tem nada a ver com faculdade. Claro que não. Não tem nada a ver com nenhuma das coisas que achei que passariam pela minha cabeça neste ano. Para tentar explicar, eu teria que começar do início; contar tudo que aconteceu comigo desde o acidente até o momento em que voltei do coma, tudinho até agora. O celular dela toca. Ela digita qualquer coisa e volta a atenção para mim.

– Você ia me falar alguma coisa...?

Por um instante, penso efetivamente na possibilidade de falar.

– Só que amo você – digo.

– Também amo você.

Ficamos comendo, sentadas ali, lado a lado, vendo as nuvens passando além das janelas. Lucille está cheirando a laranja e tem também aquele cheiro calcário, mineral da argila, e fico com vontade de lhe dizer que seus cílios são tão longos e maravilhosos que é possível vê-los se esvoaçando com minha visão periférica. Quero lhe dizer que, quando quase morri, ela foi a primeira a povoar meus sonhos, meus pensamentos. Mergulhei nas nossas lembranças, no nosso lugar. Mas não digo nada porque já faz muito tempo que não consigo ficar sentadinha assim com minha melhor amiga, num silêncio perfeito.

Eu a abraço com mais força, puxando-a para mim, e sinto seu sorriso colado no meu rosto.

Quase morte: histórias verídicas da vida além-mundo

O que aconteceu comigo?

Existem coisas que é melhor esquecer. Como acidentes de carro aos quais nem todos sobrevivem.

No entanto, vou lhes dizer duas coisas.

A primeira é que não há nada a temer.

A segunda, é que nesta terra existem muito mais indivíduos que já morreram do que se possa imaginar. Você pode ter um corpo que funciona e não estar vivo.

Agora, se vire com essa informação e me deixe em paz.

Mandy Groomer, 16 anos, aluna do ensino médio

– CORTAR LENHA,
CARREGAR ÁGUA.

– Como? – pergunto.

Hoje, Marlene Gat está de ótimo humor, cheia de bons conselhos para dar. Faz um gesto com a mão.

– Já ouviu essa expressão, Eden? Faz parte dos ensinamentos do zen budismo.

– Tipo aqueles questionamentos “qual é o som de uma mão batendo palmas”? – Balanço a cabeça. – Nunca fui muito ligada nessas coisas.

– Coisas que fazem pensar. Mas isso é mais um conselho prático.

– Estou dizendo que ando confusa sobre a natureza da existência e você me manda cortar lenha e carregar água?

Ela bate palmas.

– Exatamente! – exclama. – Brilhante!

– Ok – replico. – Agora acalme-se. Vai acabar tendo uma hérnia.

– Por favor, Eden. Ouça o que estou dizendo.

Essa mulher adora o som da própria voz mais do que qualquer outra coisa no mundo.

– Tudo bem. – Apoio o queixo nas mãos e pisco várias vezes. – Por favor. Sou toda ouvidos.

– Quando as coisas ficam complicadas e você não consegue entender o que está acontecendo, simplificar e buscar maneiras de estar no momento presente podem ajudá-la a obter clareza.

Ah, essa não!

– Quando se perguntar como o mundo funciona, vá lavar os pratos.

Ela age como se tivesse acabado de me dar a solução para todos os problemas: se recosta na poltrona com um sorriso do Gato de Cheshire estampado na cara.

– Sério? – pergunto. – É esse o melhor conselho que pode me dar?

– Bom... É, sim. Ponha isso em prática. Juro que funciona. Quando estiver se sentindo derrotada, faça algo simples, algo que exija sua atenção física.

– Não era assim que eu imaginava a terapia... – Arranco uma folha morta da planta que está na mesinha ao meu lado.

– Nem eu – diz ela, servindo-se de um pouco de chá. – Você me faz trabalhar duro para merecer minha remuneração, Eden.

Eu teria ficado ofendida com isso, mas, quando ela sorri, é um sorriso que se estende até os olhos.

EXISTEM SEGREDOS ALI

Dá para perceber pela tinta cheia de bolhas e descascando nas laterais da estufa que estão bem enferrujadas.

Já está começando a escurecer. Depois da terapia, corri até o quiosque de flores que estava vazio. Então subi ao apartamento de Joe, onde tive uma conversa esquisitíssima com Norma. Ela me disse que ia morrer por causa de uma gripe e que eu devia manter distância. Foi por isso, aliás, que ela me mandou para cá.

Bato na porta da estufa e, como ninguém responde, espio por uma das inúmeras janelas. Não consigo enxergar muito bem ali dentro.

– Norma? – Joe aparece à porta lateral. – Por que está batendo...?

Só de olhar para ele, meus nervos começam a devorar outros nervos para depois cuspi-los e voltar a devorá-los.

– Quase morri – digo. – Meu coração literalmente parou de bater. Assim você me mata.

Não é verdade. Meu coração está batendo duas vezes, três vezes, mil vezes mais depressa do que o normal. Se na outra noite eu já não tivesse me dado conta de como Joe é incrivelmente sexy, se eu tivesse fingido para mim que ele é um chato, absolutamente sem graça, se ele tivesse mantido a boca longe da minha, eu não estaria tendo esse problema agora.

A negação é superútil. É esse tipo de conselho que Marlene Gat deveria dar: passe a vida fingindo. Fique a salvo. Não encare nada.

Joe está usando uma camisa de trabalho e calça jeans, suando no frio do inverno. Numa das mãos segura um pote com alguma coisa, talvez terra. O cinto de ferramentas que traz na cintura é bem vistoso.

Tento me concentrar, sentir meus pés no chão.

– Está trabalhando com jardinagem? – pergunto como uma completa idiota.

Ele olha o pote que está segurando.

– Algas marinhas – diz. – Está na época de adubar as plantas.

Por um instante, penso que são só três quarteirões até o ponto de ônibus, que posso sair (correndo) e nunca mais voltar a ver Joe. Posso disfarçar e não comprometer meu orgulho, pois ele não parece lá muito feliz em me ver. Quem manda aparecer na estufa de alguém sem ter sido convidada, Eden?

Mas então ele sorri. Meus joelhos ficam bambos. Não vou a lugar nenhum.

– Quer entrar? – Joe põe a mão nas minhas costas e me incita a passar pela porta. Quando tira a mão, fico com saudade dela.

De repente, estou num mundo de verde e branco, tão cálido que minha camisa de mangas compridas e meu jeans parecem pesados. É como se eu estivesse entrando numa esponja molhada. Encontrei o portal que vinha procurando, porque isto aqui é um mundo inteiramente diferente.

Passo os dedos pelas folhas suculentas de uma planta repleta de pólen.

– Cuidado – diz ele. – O pólen faz uma sujeira danada. E vai manchar sua roupa.

– Foi você que plantou tudo isso?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Eu, Norma e o meu pai.

– As pessoas têm os talentos mais variados – comento. – Coisas bem estranhas. Salinger disse alguma coisa mais ou menos assim.

– Quem?

– O autor de *O apanhador no campo de centeio*. – Fico olhando para Joe, que está pegando o tal adubo de um balde e botando um pouco em cada vaso.

– Salinger disse alguma coisa sobre as pessoas tediosas assobiarem

superbem. Sempre lembro disso quando alguém parece meio tonto. E também me lembro de que todos temos um talento secreto. – A essa altura, me dou conta do que estou dizendo. – Não que você seja tonto. Não foi isso o que eu quis dizer. Nem sobre Norma. Nem sobre seu pai.

Joe balança a cabeça levemente.

– Não sei assobiar – diz. – Olhe.

E não sabe mesmo. Infla as bochechas, passa a língua pelos lábios, sopra. Nada.

– Ah, está fingindo...

– Não.

– Bom, você faz as coisas crescerem – afirmo. – Faz as coisas... florescerem.

– Só plantas.

Mas quando o vejo podar, regar e fazer o que está fazendo agora, ele se agiganta. As pessoas desabrocham quando estão desempenhando as tarefas nas quais são exímias.

– Eu consigo matar tudo o que é vivo – confesso. – Exceto o meu cachorro.

Estou circulando por ali, mas me detenho porque me deparo com algo deslumbrante, seja lá o que for.

– O que é isto? – pergunto.

Joe fica ligeiramente vermelho.

– Ah, isso é meu – diz. – Uma topiaria de orquídeas. É só uma coisinha que fiz. Que cultivei. Que ainda estou cultivando. Quer dizer, não é para vender.

Literalmente, é a coisa mais perfeita que já vi. Um guarda-chuva de orquídeas.

– Pode deixar que não vou roubar. Nem tentar comprar. Palavra de escoteira.

– Obrigado. Orquídeas não gostam de muita rega, mas gostam do solo úmido. Por isso que há várias por aqui.

– Eu nunca conseguiria fazer isso. É simplesmente perfeito.

– Aposto que conseguiria, se tentasse para valer – diz ele, com a confiança de alguém que faz determinada coisa com facilidade.

– Não é verdade – replico. – A minha mãe não deixa eu tocar nas flores dela porque é uma mulher inteligente.

– Foi porque ninguém lhe ensinou direito como fazer. Só isso.

Ou eu é que nunca demonstrei interesse.

– Você não me falou que tinha um cachorro – diz Joe. – Qual é o nome dele?

– Beaver Cleaver. Mas a gente o chama de BC. Ele é todo branco, peludo e bem bobão.

– Alguém que curte cachorros. Interessante.

– Ah, estava achando que já me conhecia? Nada disso, meu senhor. Sou uma pessoa bem surpreendente.

– Verdade?

– É, sim. Não só visitei o outro lado no meu tempo livre, como também aperto o tubo de creme dental pelo meio. Gosto de sabonete de sândalo, embora a minha mãe comece a cantar aqueles terríveis clássicos do rock sempre que sente o cheiro deles. E sou louca por massa. Sempre acho que nunca comi o bastante. Tenho uma deficiência qualquer.

– Será que devo anotar isso tudo? – pergunta Joe. – Porque é o que vou fazer se tiver uma prova mais tarde.

Vai ter um “mais tarde”? Ah, que bom!

– Achei que você estivesse no hospital. Foi vê-la hoje?

– Não. – E fica mexendo e remexendo em latas e misturas. – Estava precisando dar um tempo.

– Mas...

– Estava precisando dar um tempo, Sardenta – diz ele. – Beleza? Tipo, mesmo. De vocês duas, para falar a verdade. Eu precisava pensar.

– Porque você me beijou?

– Você também me beijou – afirma ele. – E para valer.

– Para valer – concordo.

– Não tem graça nenhuma, Eden. – Aos meus olhos de amadora, ele

parece estar podando as plantas de um jeito meio violento. – Já deu para notar que, se nós dois ficássemos juntos, você ia me deixar louco com essa mania de fazer piada com tudo.

– Se nós dois... Não acha que está, tipo, apressando um pouco as coisas?

– Estou? Tem alguma coisa em você. Porra!

Joe deixa cair as algas, que saem voando por todo lado.

– Tem alguma coisa em você que me diz para não entrar nessa história – diz ele. – Não acho que seja um joguinho. Você acha?

Fico sem saber o que dizer. Adoraria que ele me beijasse de novo, passasse a mão pela minha barriga.

– Desculpe ter vindo atrapalhar a sua paz interior – digo, tentando encontrar uma pá e uma vassoura, mas na verdade fazendo um esforço tremendo para não pular em cima dele. Hesitante, lhe entrego as duas coisas. – Não quero pôr mais lenha na fogueira, mas acho que deveríamos voltar à casa de Gigi.

Ele varre o chão sem erguer os olhos.

– Quer dizer que você veio até aqui por causa da Jasmine? – Pelo seu tom de voz, Joe parece furioso.

– Foi – respondo.

Então me lembro de que passei correndo pelo quarto dela quando estava procurando por Joe. Nem sequer cumprimentei as enfermeiras e, com toda certeza, não dei um banho com a esponja em Jasmine nem massageei seus pés ou coisa desse tipo. Apenas passei por lá a toda. Meu Deus do Céu! Estou usando uma companheira de coma por motivos fúteis e egoístas. Porque gosto mesmo desse garoto. Estou gostando de um garoto!

– Não – corrijo.

Joe joga o adubo no balde novamente. Aí tira o cinto de ferramentas e o larga no chão. Quando se aproxima, sinto cheiro de biscoito em seu suor. Juro! Eu não poderia, não teria como inventar isso.

– Vim até aqui por causa dela, sim – digo. – Mas também – dou um chute na minha mochila cheia de roupas de ginástica, que está aos meus pés – troquei de roupa depois da fisioterapia para você me ver usando roupa de

verdade e não apenas moletom. É bem perturbador, Joe, mas acho que estou gostando de você. De verdade.

– Gosto desta sua camiseta dos Beatles – declara ele e me dá uma rosa branca. – E de você também – acrescenta. Recosta-se no balcão e sorri de um jeito que faz meu coração se derreter. De repente, porém, fica sério. – Mas não posso. Tem alguma coisa errada nisso tudo. Você aparece quando Jasmine não tem como aparecer, quando eu queria que ela aparecesse. Você acordando. Você e Jaz. Sem Jaz, nada disso estaria acontecendo. – Ele balança a cabeça. – Sei lá. Não me parece certo.

– Esta camiseta era da minha avó – digo quando não consigo mais encará-lo; não suporto a ideia terrível de vê-lo preocupado com o que é certo ou errado.

– Você gosta de mim? – pergunta Joe, mais uma vez passando o dedo pela cavidade no meu pescoço e acompanhando o contorno das minhas saboneteiras.

– É... Acho que você... – começo. – Quer dar uma volta comigo ali no parquinho, de mãos dadas?

– Por favor, Eden. Pare de falar.

Ele é forte, penso. Seus braços, seu peito, tudo nele é decididamente determinado. Mas não é só isso. Sua mãe. Sua vida. Tudo que aconteceu com ele. Pelo visto, Joe se conhece bem, mas não sabe o que fazer comigo. Apoia as duas mãos na madeira atrás de mim. Eu fico ali no meio e paro de falar. Por um segundo.

– Achei que você não tivesse tempo para flertar...

Como resposta, ele começa a dar umas mordidinhas bem de leve nos meus lábios.

– Se me beijar de novo, não vai poder pedir desculpas.

Ele me beija. Já eu o ataco. E beijo, passando os braços pelo seu pescoço. Sou egoísta, e até certo ponto isso é estranho. Assumo então plena responsabilidade por aquela delícia quente, derretida, salgada, macia.

Espere.

É perfeito.

Não são os meus lábios. É o meu tudo.

Ah...

#\$%&@***^

Acho que meu cérebro está entrando em curto.

%^@(*^

...

Mas.

...

...

Por um segundo, minha mente esvaziou. Por vários segundos, aliás. Quer dizer, não havia nada ali. Nenhum pensamento. Foi tão bom... Foi um milagre. Mais beijos. Mais daquela mesma sensação.

...

...

...

Abro os olhos para ver Joe e quem sabe até para lhe dizer como ele é fantástico. No entanto, acabo me afastando, de boca aberta. Tento gritar, mas não sai som. Quando olho para além do ombro dele, todas as flores brancas da estufa estão ficando cobertas de preto, se transformando bem diante dos meus olhos, fazendo a luz virar trevas como se alguém estivesse derramando óleo em cima delas. A topiaria de Joe! Não!

– Ei! – exclama ele. – Calma, Sardenta. Você está me espetando com essa rosa.

O braço dele está pontilhado de gotinhas de sangue provocadas pelos espinhos.

– Desculpe. – Olho para a minha mão. – Eu não queria machucar você. – A rosa que ele me deu é a última coisa ainda branca dentro daquele lugar. A única.

– Está tudo bem com você? – pergunta ele, me observando. – Não. Não está. Venha cá. – E vai me levando para a porta. – Confie em mim. Estou segurando você.

JOE ME AJUDA A ATRAVESSAR A RUA RUMO À CASA DE GIGI

Ela não parece surpresa ao nos ver, então não chega a pular de alegria ou coisa que o valha. Manda a gente entrar, dá uma olhadinha em mim e começa a resmungar alguma coisa em francês. Depois, me põe sentada à mesa, e Joe se deixa cair na cadeira ao lado da minha.

– Sinto muito – diz ele, se debruçando para cochichar ao meu ouvido. – Eu... Foi o beijo? Será que eu...

– Foi, sim, Joe. – Meus dentes ainda estão batendo. – O gosto da sua boca deliciosa me transtornou, provocando uma psicose temporária.

Ele volta a se recostar na cadeira, sem tirar os olhos de mim.

– Eles me disseram que vocês iam voltar. – Gigi começa a embaralhar as cartas. – Eu já estava preparada.

– Eles quem? – pergunta Joe.

– Os espíritos. – Com um gesto, indica o ar ao nosso redor.

Não consigo evitar olhar para ver se não havia um halo pairando acima da minha cabeça.

– Ah, caramba! Que diabos está acontecendo? – Joe apoia a cabeça na mesa e bate ela ali umas duas vezes.

Bom saber que somos todos malucos aqui.

– Remédio – diz Gigi, me oferecendo uma xícara.

Cheiro o conteúdo e fico aliviada ao ver que não tem nenhum olho de salamandra ou sei lá o que ali dentro. É só café. Puro e forte.

Tomo um gole e já começo a me sentir normal de novo. Basta não pensar nas flores se esvaindo em sangue negro sobre tudo e vou ficar bem.

Gigi dispõe as cartas em formato de cruz em cima da mesa, gesticula para a frente e para trás entre elas e de vez em quando bate com um dedo em determinado ponto.

– *Bon.* – Junta as mãos, sempre olhando para as cartas. – Acho que o que quer que você esteja vendo está relacionado a Jasmine, ou seja, ao que descobrimos ontem. Na minha opinião, se quer entender o que está acontecendo com você, precisa tentar voltar, atingir o fundo de tudo isso.

Voltar. Como voltar a algum lugar que só existe na nossa mente?

– Gigi... – Estou pensando no momento que antecedeu meu acidente e em todas as perguntas que circulavam pela minha cabeça. – Se existem efetivamente espíritos e tudo o mais, por que eles não nos dizem o que está acontecendo? Por que tudo é tão misterioso?

Ela enxuga as mãos no avental.

– Não acha os enigmas e os jogos divertidos?

– Não sou muito chegada nisso, não – respondo. – E o sudoku me deixa irritada.

– Bom, acho que os espíritos adoram enigmas. Adoram deixar pistas, charadas e depois observar enquanto tentamos resolver essas coisas.

– Então a vida é uma espécie de gincana?

– Mais ou menos – diz ela, fazendo carinho numa corujinha de metal como se fosse um bicho vivo.

– Uma gincana de alto risco – completa Joe.

– Qual é a pior coisa que pode acontecer, hein? – replica Gigi. – Você morrer! E daí? – Estende os braços para cima. – Todos nós vamos morrer...

Junta as cartas, embrulha o baralho num pano vermelho e depois saca alguma coisa do avental. Umas pedras de cores diferentes e uma concha. Beberico meu café bem devagar, deixando que o calor da bebida e a presença de Joe ali ao meu lado me tranquilizem.

– Temos que dar as mãos – diz Gigi.

– Vai ser uma sessão espírita? – sussurro para Joe.

– As sessões são para os mortos – responde Gigi. – O que vamos fazer aqui é estabelecer uma conexão entre nós três e então tentar dar mais um passo e entrar em contato com Jasmine. Os espíritos estão dizendo para tentarmos.

Gigi pega a xícara da minha mão e a leva para a pia. Não pergunto por que os espíritos não podem nos fazer o favor de cuidar sozinhos desse caso. De uma gaveta que fica embaixo do sofá, Gigi tira uma toalha de mesa de algodão azul que tem um círculo bordado. O círculo é dividido em oito seções com linhas de cores diferentes. Gigi estende a tal toalha sobre a mesa. Bem no meio, ela põe uma vela branca e acende um embrulhinho verde.

– Sálvia – esclarece, e sopra a fumaça na minha direção.

– No outro dia, você disse que eu ainda estava lá – observo. – Com Jasmine. O que isso significa? Lá onde?

Gigi se detém por um instante e fica me olhando, como se me avaliasse.

– Você ainda não completou o caminho de volta. Boa parte, sim, mas não tudo. E quanto a Jasmine, ela ainda não consegue se libertar. Posso?

Levo alguns segundos para entender que ela está apontando para a rosa branca no meu colo.

– Só preciso de algumas pétalas. – Põe as pétalas num copo transparente com água. – Precisamos ter todos os elementos. – Pega uma coruja de louça branca da prateleira. – E de uma ajudinha do meu animal espiritual. Você vai conseguir fazer direitinho, *chérie* – arrulha ela quando põe a coruja ao lado da vela. Aí apaga a luz. – Ok. Fechem os olhos.

Mas eu não quero fazer isso.

– Deem-me suas mãos. Agora fechem os olhos. Andem. – Gigi está tão perto de mim que seu hálito me faz cócegas na orelha. – Vai dar tudo certo,

chérie.

Dou uma das mãos a Joe e a outra a Gigi; uma das palmas é úmida, a outra, quente e seca. Fico esperando pelas instruções de Gigi, mas ela não diz nada. Não acontece nada. Silêncio. Depois de uns minutinhos, mal posso senti-los. Vejo algumas cores: um pouco de prateado, um pouco de dourado, um azul bem clarinho. Mas é normal ver isso quando fechamos os olhos por algum tempo e quando há a luz trêmula de uma vela à nossa frente.

Não é mesmo?

Ela está aqui.

Jasmine.

Consigo vê-la, os olhos vivos e claros, sem qualquer vestígio de sangue. Ela me dá um beijo no rosto. Eu a abraço. Toda a escuridão e toda a tristeza que pesavam tanto sobre mim desaparecem. Estou livre e quero sair correndo de tudo o que está acontecendo lá naquele outro lugar com todas aquelas dificuldades, aquela dor. Ela me segura bem firme e então corremos juntas. Mas não despencamos de um penhasco. Corremos por um prado cheio de flores. Cheio de flores negras que, aqui, não assustam. Estão vivas e são enormes, quase do meu tamanho, macias como veludo, como as bochechas de um bebê, como o coração de Joe.

Joe.

Agora me lembro.

Tenho que voltar para Joe.

Preciso que Jasmine venha comigo.

Eu a puxo. Estamos num oceano. Vem uma onda de flores atrás da outra. Não vejo saída. Tudo é igual em todas as direções.

Você sabe me dizer o que é isso?, pergunto, sem soltar a mão dela. Não vou soltar. Ela precisa vir comigo. *Diga. O que significam as flores?*

A boca de Jasmine se abre.

Ela está debaixo d'água. Eu também. O prado está submerso. Como antes. Antesantesantesantesantes.

Jasmine põe a mão no meu rosto. Da sua boca saem bolhas.

Desculpa, penso. Não consigo ouvir você.

Ela me empurra.

Não quero ir. Venha comigo. Volte para Joe.

Já estou sentindo a calma, a brandura e a doçura deste lugar. O seu centro. Se eu não for embora agora, não irei nunca mais.

O rosto de Jasmine se fecha e ela me manda embora.

Recuo através do infinito. Estou enjoada e meio tonta.

– Eden! – O rosto de Gigi está bem na minha cara, mais perto do que o de Jasmine estava, e vou voltando até me sentir minúscula na cadeira. – Você está de volta!

Não posso. Não quero voltar.

– Pode, sim! Viu? – diz ela dirigindo-se a Joe. – Viu como é fácil para ela chegar até lá? – Estala os dedos. – Assim!

Fracassei. Não consegui trazer Jasmine. Ela não voltou. Não quis. Preciso tentar de novo. Mais. Com mais empenho.

– Você... – começa Joe, a mão nas minhas costas. – Encontrou ela?

Ele está tão esperançoso... Tem o rosto tão descontraído...

Mas não é a mim que ele quer. É ela.

Saio mais depressa do que jamais saí de algum lugar na vida. Joe vem atrás de mim. Agarra meu pulso. Estou do lado de fora, caminhando o mais rápido que consigo naquele frio mordaz. Sei que Joe está me dizendo alguma coisa, fazendo perguntas. Sei que não é justo ignorá-lo.

Mas não posso parar, não posso falar porque, se fizer isso, o que resta de Jasmine vai desaparecer.

ESTOU INDO ÀS PRESSAS PARA O QUARTO DE JASMINE QUANDO SPOCK ME DETÉM

Parte de mim admite que irromper loucamente num quarto de hospital não é lá uma atitude muito equilibrada, mas quero tocá-la, abraçá-la. Quero estar em algum lugar onde ela possa me encontrar, pois assim poderei ouvir o que ela está tentando me dizer. Spock olha para mim e para Joe, e então cruza os braços.

– Senhorita Jones.

Ainda não me recuperei completamente. Tudo está tão enevoadado que não consigo ver o que está na minha frente. Só enxergo Jasmine. Jasmine e as flores.

– Parece que está sem fôlego – diz Spock. – Não gostaria de se sentar um pouco?

Olho para Jasmine. Ela está na cama. Não grita nem berra. Ainda não acordou. Simplesmente está ali. Letárgica. Funcionando, os tubos fazem o ruído de costume.

Spock me afasta do quarto e indica uma cadeira.

Faço que não com a cabeça.

– Ah, entendi... Prefere ficar de pé.

Mas não pelos motivos que ele imagina. Porque não consigo me sentar. Não agora.

– Tudo bem – prossegue ele. – Vamos tentar respirar. Inspire pelo nariz, expire pela boca. Isso. Ótimo.

– Eu a vi. – De repente, estou histérica. Quero rir, mas, se começar, vou chorar. – Eu vi Jasmine como se ela estivesse bem aqui. Não foi um sonho. Foi real. E ela estava tentando falar comigo.

– Não se preocupe com ela agora – aconselha. – Você precisa se controlar. Concentre-se em mim.

Não consigo. Nãoconsigo nãoconsigo nãoconsigo.

– Não! Não olhe para ele. Olhe para mim – diz Joe, que de repente se postou atrás de mim. – Estou bem aqui.

Olho para Joe e o encaro. Ele segura meu pulso e inspira. Inspiro junto com ele, encho os pulmões com um ar fresco. Um minuto depois, tudo o mais desaparece. Ficamos só nós dois.

– Eu a vi – digo assim que consigo falar e mal me dou conta de que Spock também está ali, ouvindo tudo. – De verdade, Joe. Vi Jasmine do mesmo jeito que estou vendo você, parada na minha frente. Ela me tocou. Deu um beijo no meu rosto.

A mão de Joe toca exatamente ali, no ponto em que ela me beijou.

– Eden... – diz ele.

– Preste atenção. – Eu o seguro pelo pulso, obrigando-o a olhar para mim, mas não com aquele ar de pena. – Estou lhe dizendo, Joe. Vi Jasmine por detrás das minhas pálpebras. De verdade. Pode achar que estou louca. Não me importo. Não sei o que ela disse, mas sei que está lá. – Volto-me para Spock. – Então não tire os tubos nem desligue nada, ok?

Spock fica paralisado.

– Não venham me dizer que isso não é real. Não matem Jasmine – insisto, olhando para ambos. – Ela ainda está aqui.

Sento, ou desabo na cadeira, tanto faz. Preciso dormir, descansar. Sei

disso. Meu corpo já teve a cota de hoje.

– Espere um instantinho, senhorita Jones – diz Spock.

Rita aparece no corredor.

– O que está fazendo aqui, querida? Está se sentindo bem? – Enxuga minha testa e me entrega uma xícara com raspas de gelo.

– Estou legal – digo, afastando-a.

– Veio ver a senhorita Jaz?

– Vim.

Volto a olhar para a cama, os tubos, aquela Jasmine imóvel, quase morta. Nesse meio-tempo, Rita seguiu pelo corredor, em direção ao próximo paciente, ao próximo quase morto.

Joe e eu nos instalamos nas cadeiras perto da cama. Fico segurando a mão de Jasmine, esperando algum aperto, algum sinal de vida. Nada acontece. Ela podia acordar neste exato momento. Por que não acorda?

– Você nos abandonou – diz Joe em voz baixa, e faz questão de olhar para trás para ter a certeza de que estamos a sós ali. – Estávamos sentados àquela mesa, e, sem mais nem menos, você soltou as nossas mãos. Tentamos falar com você, mas seus olhos começaram a revirar e você estremeceu. Parecia até uma convulsão. Não conseguimos acordá-la. Eu não devia ter levado você lá. Não sabia mais o que fazer.

Ele se debruça, apoiando os cotovelos nos joelhos.

– Jasmine estava desesperada para dizer sei lá o quê. Portanto, não faça nada, ok? – Obrigo-o a me encarar. – Não desligue os aparelhos ou seja lá o que for.

– Está bem – diz Joe. E fica calado por um instante. – Acha que isso significa que...?

– Que ela vai voltar? – concluo.

Não sei. E também não sei o que quero. Se ela voltar, perco Joe. Se não voltar, perco Joe. Aonde será que tudo isso vai me levar? Não quero ficar sem Joe, principalmente agora, quando estou sentindo o cabelo dele fazer cócegas no dorso da minha mão e enviando ondas de choque que se espalham

pelo meu corpo. Acho que o amo. Acho que é bem possível. E isso é um verdadeiro desastre.

Spock está de volta.

– Jasmine teve um dia difícil – comenta, fazendo algumas anotações no prontuário. – Temo que suas funções cerebrais estejam se reduzindo rapidamente – acrescenta, dirigindo-se a Joe. – Às vezes acontecem esses declínios repentinos e não sabemos exatamente por quê.

– Acho que vou para casa – anuncio, ficando em pé.

Preciso sair dali, pensar, ficar longe de Joe.

– Vamos – diz ele.

– Não. Fique aqui – ordeno. – É melhor você ficar com ela. Estou maluca – continuo. – Fiquei completamente perturbada e preciso pensar. Posso pegar o ônibus. Você... cuida disso. – Aponto para Jasmine, para o quarto, para a vida dele.

– Senhorita Jones – diz Spock quando já estou quase na porta –, você queria saber o que aconteceu quando fiquei em coma, não é? O que eu vi.

– Claro – respondo, embora eu não tenha tanta certeza assim.

Ele verifica o relógio, respira fundo, dá uma olhada para Joe.

– Vi a minha família ao meu redor. Depois, acho que fiquei vagando um pouco. Ai, meu Deus, era tão bonito... São as melhores recordações que tenho, e eu estava quase morto. Tão relaxante... Tão livre... Mas voltei e, quando voltei, eu soube que ia aproveitar bem a minha vida. Para mim, aquela foi uma troca difícil.

– O quê? – pergunto.

– Ficar sabendo como seria bom quando eu morresse e, apesar disso, continuar aqui nesta Terra. Não me dou ao luxo de ficar fazendo perguntas sobre o que acontece.

Aparentemente, ele está esperando que eu diga alguma coisa, mas não falo nada, e, um instante depois, ele verifica de novo o relógio, se desculpa e vai embora bem de mansinho, os pés mal tocando o chão.

Assim que ele se vai, abraço Joe. Tenho a sensação de que talvez nunca mais faça isso. Que aquilo pode ser o fim para nós.

– Até – digo.

Ele olha para mim, para Jasmine e volta a me olhar.

– De jeito nenhum. Não íamos jogar boliche?

– Isso foi há milênios – respondo, embora só tenha acontecido dias atrás.

– E daí? – questiona ele. – Anda. Vamos, sim. Vamos ao boliche. É isso aí – continua gesticulando para imitar um strike. – Dou conta de jogar até não aguentar mais.

– Agora? – pergunto.

– É. Por que não? – Põe a mão na minha cintura. – Foi um dia bem difícil. Vamos jogar, Sardenta.

ESTAMOS NA PISTA DE BOLICHE

Um turbilhão de música pauleira começa a ressoar em algum ponto do meu esterno. A banda está na minha garganta. São três guitarristas e, na verdade, nenhum deles sabe tocar direito. O baterista está nas minhas têmporas e formas dançam nas pontas dos meus dedos.

Olho para Joe e, de repente, tudo fica violento, gritante novamente.

Adoraria que não fosse estranho eu pegar agora meu caderninho, porque estou precisando fazer isso. Tenho muita coisa para dizer. As listas são bem melhores quando a gente consegue visualizá-las. Na verdade, dá para se descobrir quase tudo que queremos saber sobre alguém só olhando as listas que essa pessoa faz. Listas de compras, de tarefas, e, se for como eu, você pode transformar qualquer coisa numa lista. Quando se apresenta um problema em itens, tudo parece mais fácil de encarar.

Possíveis causas de um turbilhão interno:

- Exaustão disfarçada de animação
- Algum tipo de colapso mental provocado por estresse
- Mexer com coisas ocultas
- Fome

- Alegria (?)

Eu não jogava boliche desde o aniversário de 10 anos de Lucille. Fato: aquela festa foi um horror. Fato: o máximo que já consegui sem ajuda foi jogar a bola na canaleta. Sem nos consultar, o pessoal do boliche ergueu os protetores laterais, o que estragou tudo para o grupo inteiro e também para mim. A festa foi exatamente neste mesmo boliche. Fato: este é o local da maior humilhação que já vivi. Por que fui sugerir que viéssemos logo aqui?

Adoraria ter Lucille comigo agora, porque não tenho ideia do que estou fazendo e ela é muito boa nesse jogo. O pai dela fazia parte de uma liga quando éramos pequenas. Lembro-me de vê-lo saindo de casa com a bolsa de couro marrom onde guardava a bola, o cigarro pendendo dos lábios, as chaves tilintando na mão. Foi ele quem lhe ensinou tudo sobre esse esporte que, para mim, continua a ser tão misterioso quanto Júpiter. Bom, azar... Eles não têm noção do que seja um *fouetté*... Portanto, danem-se, especialistas em boliche.

A essa hora da noite não há crianças por aqui, nem ninguém soprando velas de um bolo de aniversário: nada que possa me remeter àquelas lembranças terríveis deste lugar. Estamos cercados por copos de cerveja, muita gritaria, máquinas de pinball, mesas de sinuca e de hóquei. Tudo por aqui é barulhento, iluminado e cheira a fritura gordurosa e sapatos suados.

– Quer saber? – diz Joe depois que pegamos nossos sapatos e nos instalamos na pista para onde nos mandaram. – Existe coisa mais maluca do que o que estamos fazendo agora?

Uma loura de rosto afogueado, usando uma camiseta roxa toda brilhante, faz um *high five* com seus filhos e ergue os braços comemorando sua vitória.

– E o que mais poderia ser? – replico. – Quando a vida lhe oferece pesadelos surrealistas, você joga boliche.

E é então que ele me beija e eu viro o rosto para encarar o sol e desabrocho.

QUANDO CHEGÔ EM CASA, RESOLVO FAZER UMA FAXINA NA GARAGEM COM O MEU PAI

Mamãe está trabalhando numa festa, conforme diz o bilhete que ela deixou na bancada da cozinha. E vai chegar tarde. Digby está na casa de Lucille, sem dúvida alguma. E papai está aqui, fazendo o que sempre faz quando precisa arrumar alguma coisa. Minha mãe tem pavor de coisas entulhadas e a garagem é o único local da casa que escapa aos seus domínios. Então às vezes, quando ele precisa de um lugar qualquer que não seja o escritório, é para lá que vai, e aí começa a trocar as coisas de lugar. Na verdade, não sabemos direito o que ele faz ali dentro.

– Veio ajudar? – pergunta ele quando apareço de jeans e camiseta, com o cabelo preso, e tiro do gancho na parede uma vassoura de piaçava daquelas industriais.

Não precisa fazer esse ar assim *tão* chocado!

– Por quê?

Eu adoraria ficar indignadíssima com aquele ar de surpresa que vejo no seu rosto, mas a verdade é que nunca me ofereci para fazer qualquer coisa

relacionada às atividades domésticas.

– Terapia – digo, e ele assente, aceitando minha resposta sem maiores questionamentos.

É disso que mais gosto no meu pai. Um dia, ele me disse que o mundo é cheio de caprichos como um bebê, sendo assim ele engole os sapos e trata de sobreviver.

Seja como for, não estou exatamente mentindo sobre os motivos que me trouxeram até aqui. Tem mesmo a ver com Marlene Gat e aquelas suas teorias sobre *cortar lenha*, *carregar água*. Arranjar alguma coisa para fazer em vez de ficar pensando em coisas complicadas e esquisitas. Ou seja, uma faxina na garagem é a melhor opção depois de jogar boliche, de encontrar uns fantasmas malucos e de dar muitos, muitos beijos acompanhados por mãos que vão ficando cautelosamente mais ousadas.

Nós nos beijamos tanto que meus lábios estão meio machucados por dentro. Não dá para ver, mas sempre que sorrio ou falo, Joe está absolutamente presente.

Saio varrendo e afasto umas caixas para limpar atrás delas. Papai está arrumando umas ferramentas numa prateleira, mas para e fica me olhando, apoiado num ancinho.

– Você recuperou todos os movimentos – comenta. – Está praticamente como era.

Tiro todos os potes de vidro de uma prateleira e espano o pó debaixo deles.

– Tudo parecia tão difícil que cheguei a temer que você nunca mais voltasse a andar normalmente. Mas olhe só... E está tão diferente dos primeiros momentos depois do coma...

– Deixei de ser uma peste. É isso?

Ele fica vermelho.

– O mau humor é uma das etapas da recuperação.

– Mas exagerei um pouco, não foi?

– Talvez – diz ele. – Mas acho que as coisas correram até muito bem. Tinham nos dito que poderia levar meses, e, no entanto, aqui está você. Estou

muito orgulhoso – acrescenta. – Mesmo que eu não tenha a mínima ideia do que você anda fazendo por aí nos últimos dias.

As rugas no rosto, o cabelo. O meu pai.

– Logo, logo conto tudo. Prometo. Mas, por enquanto, será que podemos não conversar, pai? – digo. – Estou realmente precisando ficar com você sem falar.

– Claro, querida. Com certeza.

Este lugar aqui tem cheiro de óleo e de poeira. Não tem ninguém em coma, ninguém correndo atrás de mim. Posso pensar no dia de hoje, na sensação de ter alguém ao seu lado mesmo que não haja ninguém, como rastros gravados em você. A pessoa é um sabor, um tufo, *a bela metade de uma mágoa dourada*, como no poema de Gwendolyn Brooks. Eu nunca tinha percebido como as coisas podem ser assustadoras, empolgantes e possíveis... Quanto existe numa escolha.

de volta ao precipício.

De volta ao sonho.

Joe e eu estamos andando a passos vacilantes na beirada do precipício onde Jasmine estivera poucas noites atrás.

Ele vai atirando pedras na ravina, uma de cada vez. De início, são pedrinhas miúdas, mas depois são rochas tão grandes que ele mal consegue levantar. Mesmo assim, ele insiste. Mesmo assim, consegue erguê-las do chão e jogá-las lá embaixo. Eu me sento num banco tão frio que chega a queimar minha pele, como se eu fosse um bloco de gelo seco que vai se desintegrando lentamente. E fico esperando ouvir o som das pedras atingindo o chão.

Mas esse som não vem.

Cada vez que ele lança uma daquelas rochas, sua coluna se movimenta sinuosamente sob a camiseta.

Atira.

Atira.

Atira.

– Joe.

Quero que ele pare. Que fale comigo.

Quando ele se vira bruscamente para mim, flores negras perfuram seus braços e ele cai no chão.

A DOUTORA MARLENE GAT É EXTREMAMENTE PRESUNÇOSA

— Fico feliz ao ver que está indo tudo bem

— diz ela, folheando meu diário. — Isso é simplesmente maravilhoso. — Fecha o caderno e o mantém no colo. Quero pegá-lo de volta. — Eden, isso é mesmo ótimo. Não quero superestimar as coisas. Sei que ainda tem muito chão pela frente e aspectos que deseja melhorar, nos quais deseja progredir. Mas já é um passo. E dos grandes. Tem tanta coisa fantástica aqui! Estufas, flores... Também adoro essas coisas! — Faz um gesto mostrando seu consultório. — Quero lhe agradecer por compartilhar isto comigo. Você poderia ter ficado calada e nem mesmo me contar que tinha escrito isso. Mas não. Foi corajosa e acessível. Considero efetivamente uma honra ter sido merecedora de sua confiança.

Não confio em você, Marlene Gat.

Não em relação a espectros ou flores negras; não em relação a primeiros beijos ou segundos ou terceiros nem em relação a bruxas ou a garotas em coma. Não em relação a listas secretas, sonhos malucos e um desconforto desesperador. Nem no que se refere a brigas de família, problemas com

amigos e sapatilhas de balé. Mas é de enlouquecer quanto pode acontecer numa semana. Nesse aspecto, a sessão semanal de terapia serve para uma coisa: para nos lembrar do que aconteceu; para nos lembrar de que não somos mais a mesma pessoa que éramos sete dias antes. Que em sete dias, tudo mudou.

– Andei comendo – digo. – Comida de verdade.

– E?

– É tão bom! Tudo parece a melhor coisa que já comi na vida. Tenho que ir com calma, mas está dando certo.

– É bom comer devagar – comenta ela. – É até melhor. Dura mais.

Penso em Joe.

– Então – diz ela lá de sua cadeira, de onde continua com aquele ar radiante e aquele olhar de conquistei-sua-psique-dona-adolescente. – Vamos falar agora dos próximos passos. Quem sabe não possamos tratar das inscrições para faculdades? Pelo que vejo aqui, isso é algo que você adora. Fez algum progresso nesse sentido?

Desloquei os formulários de inscrição que estavam na escrivaninha do lado direito para o lado esquerdo. Será que isso conta?

– Mais ou menos – respondo.

– Bom... Já sabe para onde quer ir? Ainda tem tempo. E, é claro, você poderia escrever um trabalho fantástico sobre seu acidente e suas aspirações pós-acidente.

– Não sei mais o que quero fazer. Queria ir para Nova York. Ia participar de umas seleções para cursos de verão e depois ver no que isso ia dar.

– Por que não me fala sobre isso?

– Sobre o quê? Não tenho nada a dizer. Meu futuro na dança acabou. O show foi cancelado.

– Por quê?

– Por causa do acidente. Porque minhas pernas não funcionam mais.

– Já tentou?

– Você não deveria estar a par das minhas limitações? – pergunto, provocando.

– Examinei sua ficha médica. – Volta a remexer nas próprias anotações. – Não vejo motivo para não voltar a dançar. – Ergue os olhos para mim novamente. – Será que deixei de ler alguma coisa?

– Não sei. Não me deram essa papelada para ler. Mas foi o que me disseram. Que o balé seria impossível por causa das sequelas físicas.

Ela me olha por um bom tempo, escolhendo as palavras.

– Eden – começa –, sei que você ainda tem um longo período de recuperação e que há alguns obstáculos a serem superados, mas na sua ficha não há nada que diga que você não pode voltar a dançar. E logo. Sua mente, durante o processo de cura, pode estar tentando se proteger e talvez tenha criado esse prognóstico como forma de defesa.

– Está dizendo que inventei tudo isso?

– Estou dizendo que seu cérebro pode estar tentando mantê-la a salvo.

Por um bom tempo, reina o silêncio ali dentro.

– O que acha do livre-arbítrio? – pergunto.

Ela se recosta na cadeira.

– Sabe o que é deflexão, Eden?

– Sei, porque, conforme você já mencionou, eu não sou burra.

– Tudo bem, então você sabe o que está fazendo.

– Não é isso...

Ela faz um gesto condescendente, porém cansado.

– Acha que temos um destino ou uma sina? – pergunto.

– Não sei, Eden. Ser uma pessoa já dá bastante trabalho, não acha?

– Sempre pensei na vida como uma queda livre. Sempre achei que não havia ordem em nada, exceto, talvez, na natureza. Ciência, sabe...

– Continue.

– Agora, acho que talvez haja alguma coisa acontecendo, que talvez existam sinais...

– Tipo?

Penso nas flores e no que Jasmine estava tentando me dizer. O que seria?

– E se houver mensagens que nos indicam aonde precisamos ir? Se algo estiver acontecendo e não formos capazes de ouvir as mensagens que nos

falam do nosso destino?

– Desculpe, Eden, mas não sei se estou entendendo direito.

– E se tivermos um destino e não percebemos os sinais porque não estamos prestando atenção? E se estivermos desperdiçando nossa vida inteira por causa disso?

– Se tivermos um destino, como ele poderia nos passar despercebido?

– Não sei – respondo. – Talvez exista uma diferença entre sina e destino. A minha sina era cair. Mas e agora? Para onde vou? O que devo fazer? Tenho a impressão de que alguma coisa está me empurrando, mas não sei o que ela quer.

Marlene parece espantada e, com um olhar intenso, debruça-se e escreve algo nas suas fichas.

– Está anotando aí que sou maluca, não é? – pergunto. – É isso que está escrevendo nessas fichas?

Ela volta à posição ereta.

– Não mesmo – retruca. – Mas poderíamos nos perder em questões filosóficas, Eden. Acho que é bom refletir sobre isso, sobre fé e poderes superiores. É óbvio que são coisas sobre as quais os seres humanos estão sempre debatendo e poderíamos levar a vida inteira para conseguir lidar com elas. Mas como elas podem ajudá-la agora? Ajudar com as coisas que você vem enfrentando, as escolhas que tem pela frente? Como você tanto gosta de lembrar, só nos restam algumas sessões e eu gostaria de tirar o melhor proveito delas.

– Está bem. Então me diga o que fazer. Porque estou tentando descobrir e tudo me parece muito doido.

– Redescubra você mesma. – Ela me entrega meu diário vermelho. – Vá descobrir do que gosta, o que quer para sua vida em termos concretos. A maior parte das circunstâncias está fora do seu controle. Quer saber o que acho?

A cada minuto que passa, quero menos.

– Seu acidente provou que você não detém o controle de tudo, e agora você está com medo de tentar qualquer coisa. Você quer que alguém faça isso

por você; quer acreditar em algo que tire a responsabilidade de suas próprias mãos. Mas não faça isso. Você é especial demais para ter essa atitude. Portanto, não se preocupe com essas questões maiores agora. Dê passos. Passos efetivos.

– Cortar lenha, carregar água – digo. – É, já sei.

Ela recosta na cadeira.

– Não posso mudar o que a vida põe no seu caminho, queira você isso ou não. Então você é que precisa decidir como vai lidar com a sua vida, Eden. Você quer fazer dela um paraíso ou um inferno?

VOU TENTAR O PARAÍSO, ACHO, EMBORA A SENSAÇÃO SEJA MUITO MAIS DE INFERNO

Depois da sessão de terapia, durante a qual finalmente contei a Marlene o que tinha acontecido enquanto estive em coma e tudo o que vi (e, para minha surpresa, ela não mandou me internar), fui passar um tempinho com Joe, que tinha ido visitar Jasmine.

Busquei a mão dela e ele segurou a minha, me olhando de rabo de olho.

Depois, embora eu quisesse ficar com ele para lhe mostrar que a equação de nós dois é algo simples, que pode ser estabelecida, acabei vindo até aqui, ao Auditório Comunitário de Cherryville, onde já dancei milhares de coreografias. Meus pais são membros do Comitê de Artes da cidade, portanto comparecem a todas as estreias. Sempre dão convites para os nossos amigos. Virou uma tradição, e, graças a ela, até meus amigos mais ferrados de grana sempre puderam assistir às minhas apresentações.

Fico me perguntando qual teria sido meu papel em *Peter Pan*. Provavelmente Peter. E aí eu teria voado. Estou nas paredes desse saguão, em fotos em preto e branco, dançando *Giselle*, *O lago dos Cisnes* e, é claro, *O*

Quebra-nozes. Sinto uma vontade louca de dizer às pessoas “Esta aqui sou eu! Sou eu!”.

E agora, em vez de estar lá no palco, vou ser uma garota na plateia.

Ah, isso é uma queda e tanto!

Estou meio arrependida de não ter falado sobre isso com Marlene, mas não deu tempo. Posso imaginá-la nitidamente. Teria me mandado escrever a respeito no diário, dito alguma daquelas velhas baboseiras, tipo como transformar esse verdadeiro nó que é a minha vida num exercício de encantamento e vivacidade. *Existe uma oportunidade em cada momento, Eden!* É o que ela teria dito. Provavelmente.

Eu me arrumei toda. Engraxei meus coturnos e também me maquiei um pouco. Pus um chapéu fedora e uma echarpe vermelha no pescoço. Neste exato momento, estou olhando uma das minhas fotos, tentando não ficar deprimida.

– O que foi, Ruiva? – É Reggie. – Cuidado para não cair na sua foto e acabar se afogando.

– Nunca tinha parado para olhar estas aqui – respondo. – Eu tinha tanta flexibilidade...

– Bom... – diz ele. – Você fica linda de tutu. – Aí me olha de alto a baixo. – E gosto disto aqui.

– Esconde as cicatrizes, não é? – Ajeito a echarpe no pescoço.

Ele endireita a camisa preta. Também engraxou os sapatos.

– E você está todo elegante – comento.

– Ah! – Mamãe se aproxima de braços abertos e dá um abraço em nós dois ao mesmo tempo. – Não é maravilhoso? Deve ser um sonho poder relaxar e sentar na plateia, não é, Eden? – Ela toca a aba do meu chapéu. – Sem obrigações, sem estresse. E você está linda.

De vez em quando, minha mãe só diz besteira. Acho que faz isso quando está tensa. Como por exemplo neste momento, quando não consegue prever como vou lidar com determinada coisa.

– Lucille disse a você que o pai dela vem hoje? – pergunta.

– Você nunca me diz nada – reclamo, dirigindo-me a Digby, que

apareceu atrás dela. Na verdade, acho que não temos nos visto muito ultimamente para ele ter a oportunidade de dizer o que quer que seja. Já não fazemos mais o que fazíamos: ficar conversando.

– É – diz mamãe, procurando alguma coisa na bolsa e então enxugando o nariz com um lenço. – Vai ser maravilhoso. Mal posso esperar para conversar com ele e ouvir todas as suas aventuras.

– Aventuras no hospício? – pergunto. – Aventuras com abandono de crianças? Aventuras com o alcoolismo! Não, já sei! Aventuras com a falta de objetivo dos adultos.

– Pelo amor de Deus, Eden – diz Digby.

– A verdade liberta – replico. – Não estou querendo julgar, mas convenhamos...

Papai arqueia as sobrancelhas. Alguém bate no seu ombro e ele se vira para aceitar um aperto de mãos.

O auditório está todo aceso para as pessoas conseguirem encontrar seus lugares. Nancy Clements está distribuindo os programas e, ao me entregar um, me olha de um jeito bem expressivo, deixando claro que está ciente de como isto deve estar sendo duro para mim.

– Argh! – exclamo, um pouco alto demais.

– Lucille já deve estar chegando – informa Digby, como se eu estivesse preocupada, como se eu não estivesse pensando em outra coisa.

Não é verdade.

O que me passa pela cabeça é que está tudo errado: eu na plateia. Não em qualquer auditório. Só neste aqui. Ele é meu. Prefiro a sala de descanso, os sofás todos furados, os estoques nunca repostos das máquinas de guloseimas, o carpete cor de sopa de ervilha do qual tanto debochávamos. Todos sabem que ele foi instalado nos anos 1960, quando este auditório foi construído. Vamos parar para pensar por um segundo no verdadeiro polo de cultura de bactérias que este local se tornou. Todos os atores, os bailarinos... Quantos babacas não devem ter pisado neste carpete ao longo desses cinquenta anos... É cheio de bactérias, mas é nosso e nós o adoramos.

Sei exatamente o que está acontecendo nos bastidores. Todos vão se

reunir. Vão se dar as mãos com força para transmitir vibrações ao círculo inteiro até que ele se transforme numa única pessoa. Aí Madame vai dizer aquelas coisas tipo “o fato de sermos uma cidade pequena não significa que nossa arte não tenha valor” e “vamos mostrar àqueles filhos da puta do que somos capazes”. Depois, vai desejar uma ótima apresentação a todos e vai sair para cumprimentar o público.

Como se eu houvesse convocado sua presença, um perfume familiar se faz sentir ao meu lado. *Eau de Dictatrice*. Madame se debruça junto à minha poltrona.

– Olá, Eden querida. – E me dá um beijo no rosto. Os olhos estão delineados de um modo dramático e ela está usando um batom vermelho intenso. – Obrigada por vir. Oficialmente, eu a perdoaria por fingir estar em coma e não ter que ficar nesta sala apinhada.

Mamãe dá uma risada bem mais alta do que o necessário.

– Não dá para culpá-la – diz Madame, dirigindo-se a ela. – Todos nós nos cansamos, mesmo quando se trata de nossas paixões.

Junta os dedos das mãos, como se fosse um louva-a-deus.

– Abriu o meu presente, Eden?

– Abri, sim. – De pronto, meus olhos ficam cheios d’água. Não fui nada legal com ela. Não telefonei. Não agradei. Não me manifestei. – Obrigada.

– Pare com isso – diz ela, erguendo o corpo. – Vamos lá! Nada de lágrimas.

Madame já ia se dirigindo para o fundo da sala, onde sempre fica durante as apresentações. Segurei sua mão.

– Eden...?

– Quero voltar.

Eu a levo para um canto perto da parede. As pessoas que passam ficam olhando, mas não estou nem aí.

– Mas... – replica ela.

– Não, por favor – insisto. – Tenho treinado sozinha. Tenho praticado. Eu quero mesmo. Pode me ajudar?

Madame ajeita o casaco na cintura e fica esperando. A pausa que se segue

é interminável.

– Sinto muito. Sei que fui um fracasso lá com o Bolshoi. Sei que também estou em falta com você, e agora eu...

– *Shhh* – faz ela, me afastando. – Você não fez nada. Eles estavam fazendo uns exercícios complexos, obscuros. Na verdade, foi uma grande besteira. Você não teria como conhecer aqueles passos, a menos que eu já tivesse lhe ensinado. – Ergue o meu queixo. – E não ensinei. Por isso, como professora, a responsabilidade pela experiência daquele dia é toda minha. Aquilo não afeta em nada o seu talento ou sua competência. – Madame me fita bem nos olhos. – Nem o seu futuro. Você é uma bailarina simplesmente fantástica. E vou ajudá-la de todas as formas que puder.

O som da plateia se tornou um pouquinho mais audível, e, dentro de mim, também há certo rebuliço. Estou viva e Madame continua a acreditar em mim. Por dentro, tudo é comemoração, palmas, aplausos de pé.

eu. estou. viva.

Madame olha seu minúsculo relógio de ouro e depois o palco.

– Desculpe, mas tenho que ir. E agora, vá passar pela triste experiência de testemunhar o que acontece a *Peter Pan* sem você.

Faço que sim com a cabeça.

– E... Eden... – acrescenta. – Espero você na segunda-feira, às quinze para as seis da manhã. Vamos trabalhar nos dias de semana pelo restante do ano, até você se formar. Não vou admitir atrasos ou preguiça. Vamos deixá-la em forma novamente, pode acreditar.

Mais uma vez, faço que sim com a cabeça. Isso significa treinar duro antes da escola e fazer fisioterapia depois das aulas. Dias longos... E não estou nem levando em consideração a questão da faculdade, o que vou fazer a este respeito, como vou recuperar as matérias perdidas para poder me formar.

Cortar lenha. Carregar água. Cada coisa a seu tempo.

– Seu rímel borrou um pouco! – diz mamãe quando volto para o meu lugar. E limpa os meus olhos.

– Está tudo bem? – pergunta Reggie, que está duas poltronas adiante.

Faço que sim com a cabeça.

– Ah, olá! – cumprimenta mamãe com a voz soando uma oitava acima quando Digby, Lucille, Wren e o pai delas começam a entrar na nossa fileira.
– Diga oi para Tony, Eden!

Aceno. O pai de Lucille, Tony, está meio mal arrumado, mas bem bonito, usando um casaco de veludo cotelê marrom por cima de uma camiseta velha. Ninguém diria que algo importante está acontecendo; que esta é a primeira vez que ele sai com as filhas desde que surtou. A única coisa diferente é que dá para perceber que ele passou um tempão arrumando o cabelo, que está oleoso e penteado para trás.

– Que bom que deixaram você sair esta noite – prossegue mamãe.

– Você não disse isso! – sussurro.

– É ótimo ver você! – diz minha mãe, parecendo cair em si.

– Igualmente – diz Tony. – É ótimo ver todos vocês. Já faz tanto tempo...

– Ah! – exclama mamãe. – É mesmo. Bom... É a vida...

– Janie – chama meu pai, cochichando. – Querida, que tal pegar mais leve?

Reggie tapa a boca com a mão. Posso jurar que ele está rindo.

POUCOS DIAS DEPOIS, TENHO OUTRO SONHO

JASMINE ESTÁ SENDO TRANSPORTADA PELO AR.

Caímos juntas, rodopiando, mas não estou com medo. Suas asas de flores me envolvem de tal forma que posso sentir um leve cheiro almiscarado, seus bíceps pressionando minhas costas. Nossos narizes estão bem próximos, quase colados. Os lábios dela articulam alguma coisa. Ainda assim não consigo ouvi-la.

Quando acordo, porém, sei o que ela disse.

Venha me encontrar.

PASSO DIAS ANALISANDO O SONHO

Depois de muito quebrar a cabeça, concluo que o único jeito de encontrá-la em pleno ar, se é que era isso que ela pretendia dizer, é saltando de um avião. Então concluo também que pirei de vez.

De início, embora eu queira mesmo falar a respeito, evito tocar no assunto sempre que vejo Joe. Passeamos juntos, mexemos e remexemos nas plantas, passamos algum tempo com a família dele, vendemos flores, visitamos Jasmine, nos beijamos loucamente. O sonho persiste. Vai ficando cada vez mais forte e gritante. Há flores negras por toda parte, o tempo todo. Até que não consigo mais evitar pensar na questão.

No sábado de manhã, ligo para Joe.

A conversa se dá mais ou menos assim:

Eu: Hã... Alô!

Joe (com voz de sono): Oi.

Eu: Quer saltar de um avião?

Joe:

Eu:

Joe:

Eu: Joe?

Joe (com menos voz de sono): Ok.

Eu: Ok?

Joe: É. Ok.

Eu: Ah!

Joe: Deixe eu dar um telefonema. Venha aqui para casa daqui a uma hora.

Eu (com voz de pânico): Agora!?

Joe: É, agora. Tchau.

Eu: Ok. Tchau.

Eu (falando sozinha): O que foi que eu fiz?

Tenho quase certeza de que não era a isso que Marlene estava se referindo quando me disse para inserir ação na minha vida, mas mesmo assim pego o ônibus para Warrenton, bebo um café com Norma e Bill, que agora me tratam como um acréscimo bem-vindo à paisagem da cozinha, e então nós dois saímos.

Só quando já estamos a caminho, na caminhonete de Joe, sacolejando pela estrada, começo a pensar.

Ainda não estou em plena forma.

Meu corpo não está preparado para isso.

E se o paraquedas não abrir?

Ora, Eden, se não abrir, você vai se esborrachar como uma panqueca ensanguentada. O bom disso tudo é que a coisa toda é fantástica enquanto a gente está no ar, portanto, não es quente a cabeça.

Joe parece até animado. Pelo visto, não está com nenhuma ideia sombria, sentado ali, todo embrulhado em casaco, gorro, luvas. Dá para dizer que ele está empolgado, um salto em seu comportamento habitual um tanto contido.

– Não se preocupe – diz ele. – As condições climáticas estão perfeitas. E se estiver querendo voltar atrás... Quer dizer... Tem certeza de que dá conta de fazer isso? Verificou com Spock, não foi?

Claro que não.

– Não estou querendo voltar atrás. – Cruzo os braços e fico olhando para a frente.

Vendo Nova Jersey passar por nós, de repente me ocorre que, desde que

acordei... na verdade, desde que conheci Joe, meus dias são muito mais longos, duram uma vida. Talvez seja porque agora estejam acontecendo coisas, à diferença do que eram meu dias antes de tudo: acordar, ir para a escola, dançar, dormir. Ensaboar. Enxaguar. Repetir.

Chego mais perto dele e deito a cabeça em seu ombro. É fácil tocá-lo agora, muito embora eu o conheça há pouco tempo. A coisa em si, porém, não ficou nada mais fácil. Seja qual for esse sentimento por Joe crescendo dentro de mim, tem dentes. Desejos. Ficar mais perto, beijar, ver o mundo através dos olhos dele. Estar ao seu lado já não é o bastante e sofro por saber que isto aqui é o mais perto que vou conseguir chegar. É isso que quero dizer quando descrevo que esse sentimento tem dentes. Acho que nada vai ser o suficiente, e isto aqui agora – que é temporário e não vou conseguir segurar para sempre –, o tal monstro que vive dentro de mim e que tanto deseja Joe, ataca o tempo e o modo como ele passa.

– Você é um amor, Joe – digo.

É engraçado ver que o que sai da nossa boca mal esbarra no que é efetivamente verdade.

– Você também é – diz ele.

JASMINE E EU NOS ENCONTRAMOS NO AR

Aquilo me pega inteiramente de surpresa.

Eu estava esperançosa, mas não esperava, e ela apareceu imediatamente. Cerca de três segundos depois de saltarmos, quando eu ainda tentava manter o estômago dentro do corpo e me esforçava para não me borrar toda, meu instrutor sumiu e lá estava Jasmine. Antes mesmo de eu me dar conta do que estava fazendo, me atirei em cima dela. Uma vez sentindo seu calor, pareceu que ela nunca deixou de estar ali, que ia ficar comigo para sempre. Aí relaxei por completo e afundei nela. Jasmine é tão forte que dá para entender por que Joe sempre se apoiou nela. Mesmo em pleno ar, há substância ali.

Ela me abraça e murmura ao meu ouvido.

Consegue me ouvir?, diz, naquele tom sussurrante de uma garotinha. *Está me ouvindo, Eden?*

Pisco. Pisco de novo. Ela ainda está ali. Faço que sim com a cabeça.

Por quê?, penso. *Como é possível?*

Estamos em pleno ar, diz ela. *O ar é neutro.*

Eu a abraço com toda força. *Diga-me o que fazer, Jasmine. Por que você não volta? Basta abrir os olhos.*

Ela faz que não com a cabeça.

Cami e Amendoim, diz ela. *Diga para Joe os nomes Cami e Amendoim.*

Concordo com um aceno de cabeça, pois o ar circula à nossa volta de um jeito ensurdecedor.

Agora me solte, acrescenta Jasmine.

Fecho os olhos e me preparo para a dor. Agarro-me a ela com mais força. Se Jasmine me soltar, vou cair e virar geleia. Desta vez, não vai haver despertar. Vou para o outro lugar porque não existirá mais um corpo aqui e absolutamente nada para o qual se voltar. É isso que quero?

Não.

Joe está logo atrás de mim, caindo também. Não quero bater no chão e destruir o meu corpo por completo. É, isto aqui é uma armadilha. É, estou presa a uma gravidade da qual eu gostaria de fugir, na maior parte do tempo. É, é difícil ser uma pessoa. Às vezes, parece impossível cortar lenha e carregar água.

Mas não quero morrer.

Quero viver.

Jasmine desapareceu. O meu instrutor aponta para a alça e me lembro de que devo puxá-la. É o que faço.

E então sinto vento, frio, e estou voando. Nada me puxa para cima, nada me arrasta para baixo.

Este é o som do silêncio.

De mares se abrindo, sementes brotando, corações se partindo e se recompondo, bailarinos batendo palmas, sapateando e se alongando. Oceanos se desencadeiam uns sobre os outros e montanhas fazem vigília.

Tipo *shhhhhhhhhhhhhhhhh*.

Tipo paz.

Tipo uma exalação infinita.

Shhhhhhhhhhhhhhh.

Tudo isso está entre mim e quaisquer que sejam as forças poderosas em ação.

Abro bem os braços em direção ao céu e relaxo.

Já não estou mais com medo.

Quando aterrissamos, consigo soltar as tiras e os fechos bem depressa.

Estou rindo. Corro para Joe e me atiro em cima dele.

– Belo pouso – diz ele. – Parabéns, Sardenta.

Então eu o envolvo com as pernas, com os braços e também com todo o meu ser.

– Foi tão... – começa ele.

Mas não consegue terminar a frase porque...

Tantos beijos...

EU DEVIA CONTAR A JOE SOBRE JASMINE

Sei que preciso. Eu devia ter falado assim

que aterrissamos, ou quando saímos do aeroporto. Quem sabe mais tarde, quando estivermos jantando...? Ou em qualquer outro momento do dia. Mas tudo é tão fabuloso! E sei que não consigo descrever para Joe como Jasmine estava espetacular, como foi bom vê-la. E se tiver sido só minha imaginação?

Mas não consigo deixar para lá. Ela mandou um recado para Joe e isso está martelando na minha cabeça, rodopiando na ponta da minha língua. Andei ensaiando o que ela disse. *Cami e Amendoim. Cami e Amendoim.* Talvez eu devesse contar tudo de uma vez e ir embora para não ter que presenciar o que vai acontecer...

– Não quero ir para casa ainda – digo quando chegamos perto de onde moro.

Preciso conversar com ele num lugar em que possamos estar a sós.

– Eu já comentei que você mora num bairro bem chique, Sardenta? – Ele sorri, percorrendo os quintais com o olhar quando entramos na rua sem saída.

Desde que o conheço, nunca vi Joe tão bem-humorado como depois que saltamos de paraquedas. É como se ele tivesse deixado todas as preocupações com Jasmine lá em cima, para que as nuvens as levassem embora.

– Olhe só essas casas! – exclama, reduzindo a velocidade. – O que é mesmo que o seu pai faz?

– Ele é arquiteto. E minha mãe tem um serviço de bufê. Ela faz bolos e tudo o mais para festas. O nome da empresa é Crazy Cakes.

– As pessoas estão comprando mais bolos do que flores – diz. – E casas também.

– É... Acho que sim...

Na verdade, nunca prestei muita atenção ao meu bairro, mas agora estou notando os detalhes através dos olhos de Joe. As casas são impecáveis. Atualmente, está tudo marrom por causa do inverno, mas na primavera todos estes gramados vão estar muitíssimo bem-cuidados, todos os cachorros vão estar tosados e as calçadas, perfeitas.

O sol está se deslocando para exibir um pôr do sol épico. Lembrei-me de um lugar perfeito para conversarmos.

– Suba por ali – digo. – É só seguir por aquela rua.

– Aqui?

Aponto, indicando a direita.

– Um cemitério?

Vamos na direção do cemitério, que fica na parte mais alta de Cherryville, um lugar onde Lucille, Dig, Reggie e todo o pessoal vinha beber, e onde eu vinha fumar quando estava chateada e queria poder ver a cidade inteira. Agora, porém, não há ninguém aqui, como eu tinha imaginado. Parker está dando mais uma festa hoje à noite. Todo mundo tem alguma coisa para fazer.

– É. Sete gerações dos Jones estão enterradas aqui. Quatro gerações dos Cassidy. Tenho parentes irlandeses tanto por parte de pai quanto de mãe espalhados por todo este lugar. Eu deveria me sentir em casa aqui. De qualquer modo, é um bom local para a gente ficar tranquilo.

– Claro. Todo mundo aqui está morto.

– A maioria dos mortos é uma companhia bem melhor do que gente viva.
– Abro o portão. – Quer dar uma volta? Posso lhe mostrar minha família. Sei onde estão todas as sepulturas. – Aponto para um caminho que segue para a

esquerda. – Os anos das grandes epidemias fizeram o maior estrago. Tem um monte de bebês. Mas a vista é linda. A cidade iluminada e tudo o mais.

Joe dá a volta na caminhonete e se aproxima de mim.

– Está com frio? – pergunta.

– Um pouco.

A verdade é que nem reparo no clima quando estou com Joe. Ou é isso ou a temperatura tem estado mesmo mais amena desde que o conheci. Ele é o responsável pelo aquecimento global. Ele me abraça e me agasalha com sua jaqueta militar bem grandona.

– A gente podia dançar – diz, e requebra um pouco.

– Dançar?

Ele me faz rodopiar.

– Você dança? – pergunto.

– Isto é praticamente tudo o que sei fazer – responde. – Acho que nunca estive numa boate, se é isso que está querendo saber. Acho que não aguentaria aquelas luzes. – Sorri. – Mas vou levar você ao baile de formatura e vou sacolejar o esqueleto um pouco.

Baile de Formatura. Mais uma coisa que eu detestava antes e que agora talvez até me deixe meio animada. Ir ao baile com Joe como meu par. Até lá, quem sabe meu cabelo já tenha crescido. Pode ser que eu fique linda. Eu sei que ele vai ficar.

Joe dá um sorriso tímido.

– Posso ver? Quer dizer, você pode me mostrar?

– Mostrar o quê?

– Você dançando. – E recua um pouco. – Deixe eu ver.

– Aqui?

Tenho melhorado. Já comecei até a criar alguns calos.

– É. Aqui – diz ele. – Me mostre quem você é. A não ser que... Espere... Você já pode?

– Não como antes, mas posso, sim.

E então faço uma rápida cabriole na sua frente. É um dos meus passos favoritos.

– Uau! – exclama ele dando um sorriso bem largo. – Isso é incrível. É como se você estivesse escondendo algum superpoder.

A alegria me invade. Penetra no meu corpo como uma tempestade, como a correnteza de um rio, voltando a fazer com que eu me sinta envolvida em seda. Meus pulmões inflam e desinflam, e pulsam pulsam pulsam pulsam de alto a baixo, correm pelas pernas, penetram nos ossos dos pulsos e não consigo respirar, então respiro luz, neve, dor, balé, fracasso, saltos de aviões, mãos dadas, o enfiar de mãos por baixo da camisa dele para tocar sua pele.

Joe se enrijece e também levanta minha camisa para que a nossa pele faça contato quando ele me abraça.

– Não devia ter feito isso – digo.

E aí nos beijamos, eu morro e volto no tempo e reinvento o que significa beijar alguém, desejar o hálito de alguém bem pertinho, reduzir os dias de nossas vidas a isto.

– Eden – diz Joe num tom que parece até uma pergunta.

Meus lábios estão entorpecidos, pinicando.

Uma flor brota da garganta dele. Roço nela e o espaço do Intermediário volta para mim.

Agora o sol já se pôs completamente e está começando a esfriar de novo. Voltamos para a caminhonete.

Quero que este momento dure para sempre, ele e eu juntos, sem preocupações com Jasmine, o sorriso dele só para mim, mas isso não é a realidade. Isso é ignorar o problema.

Não dá para adiar mais. Tenho que estragar tudo. Agora mesmo.

– Preciso lhe contar uma coisa – digo.

– Você é uma astrofísica disfarçada? – Ele se inclina como se fosse me beijar, mas eu o afasto.

– Não – respondo. – Não sou uma astrofísica.

O sorriso se apaga do seu rosto.

– Ai, droga! É alguma coisa ainda mais importante. O quê? – pergunta. – O que é?

Eu lhe dou um beijo e sinto um gosto salgado, embora ninguém aqui

esteja chorando. Quero me fundir a ele até borrar os limites de nossos contornos, para que não possamos nos separar. Passo um dedo pelo seu pescoço, pelo seu braço, e então me afasto para poder encará-lo.

– Vi Jasmine outra vez – digo. – Quando saltamos. Ela disse uma coisa e finalmente consegui ouvir.

– O que foi? – A voz dele vem de tão longe...

– Ela mandou um recado para você.

As mãos dele estão nos meus ombros e ele está praticamente me sacudindo.

– Como pôde... Deixe para lá. Isso não tem a menor importância. O que foi que ela disse?

– Pode não ser nada. – Só quando pronuncio as palavras percebo a veracidade delas. – Se não for nada, acho que estou maluca. Não quero estar maluca. E se for alguma coisa, você pode ficar chateado.

Estamos nos encarando. Estou com frio agora.

– Depois disso talvez você não me queira mais.

– Diga – insiste ele.

De repente, o chão sob nossos pés ficou escorregadio.

– Pode ser muito, muito importante você me dizer isso.

– Mas não fez muito sentido – replico. – O que ela me disse...

– Por favor, Eden – pede ele.

– Ela disse Cami e Amendoim – solto num ímpeto.

Joe se encosta na janela e seus lábios estão pálidos.

– Joe? – chamo.

– Você a viu. – Ele enxuga o rosto. – Era ela mesma. Que merda!

– Isso significa alguma coisa? Para você?

– O irmão e a irmã dela. Amendoim, Cami. Os dois morreram no incêndio que a levou ao orfanato. Quando estava deprimida, Jasmine sempre dizia que queria estar com eles. Esse era até um motivo de briga entre nós. Acho que era por isso que ela sempre dirigia tão depressa. Idiota.

– Joe...

O ar tinha ficado tão denso ali dentro da caminhonete que as vidraças

chegaram a embaçar. No para-brisa, caíam flocos de neve.

– Tenho que levar você para casa – diz Joe.

– Desculpe por não ter lhe contado assim que aterrissamos. Fiquei com medo.

Ele começa a descer a colina sem olhar para mim. Está falando sozinho, não comigo.

– Eu devia ter ficado ao lado dela esse tempo todo – diz. – Devia ter passado o dia inteiro com ela lá no hospital porque assim ela saberia que precisava voltar, e não fazer isso.

Isso. Ele está se referindo a mim.

– Preciso resolver isso – prossegue. – Descobrir o que fazer com ela. Toda essa situação é tão difícil...

– Por “toda essa situação” – digo, insistindo –, você quer dizer você e eu.

Isso é bom, tenho vontade de acrescentar. Isso é viver. Não é egoísmo viver. Digby e Lucille seguiram com suas vidas. Mamãe e papai também. E tinham o direito de fazê-lo. O tempo disponível no planeta Terra é seu para você usá-lo como achar melhor. Ele continua girando, e só porque a vida de alguém termina ou fica em suspensão não significa que precisamos fazer o mesmo.

– É esta aqui – aponto para a minha rua. – Vire à esquerda.

– Eu sei – diz Joe. – Já fui na sua casa.

– Verdade. Parece que faz tanto tempo... Uma eternidade. Você me trouxe flores quando saí do hospital. E eu nunca agradeci.

– É. De nada.

Joe entra com o carro na rampa da garagem.

– Diga por que trouxe aquelas flores – peço, em parte porque não quero sair da caminhonete, já que, se sair, não sei se vou entrar ali de novo, se voltarei a ficar perto dele.

– Eu comi o bolo – responde ele. – O creme azedo que você me mandou comer por ela. Fiz o que você disse e me senti bem melhor depois. Queria agradecer.

– Ah...

– Foi o que eu disse a mim mesmo. Mas era verdade? Você me fez esquecer todas aquelas coisas ruins por um segundo. Ficar no hospital. Minha mãe. Jaz. Esqueci de tudo ao conversar com você. Fiquei querendo mais. – Há um brilho nos olhos dele. – Além do mais, você parecia estar precisando de umas flores.

Joe está desaparecendo diante dos meus olhos.

– Sina – digo, tentando mantê-lo perto de mim. – Destino.

Ele está me fazendo encolher na incerteza.

– Só uma coisa legal – completa.

Quando percebo que não está adiantando nada, que não há o que eu possa fazer para trazer Joe de volta, abro a porta.

– É isso, né? – pergunto. – É o fim?

Ele suspira como se eu fosse um fardo, como se minha pergunta fosse um absurdo, mas estremece quando solta o ar.

– Preciso pensar, Eden. Sozinho. Tem muita coisa que preciso resolver e não posso fazer isso atolado nessa loucura.

Loucura. Ele disse a palavra. E acho que estou louca mesmo.

– Eden, ela falou mais alguma coisa? – pergunta Joe quando estou saindo.

– Qualquer coisa? Agora é a hora de me dizer, ok?

– Falou – respondo, e mal consigo pronunciar as palavras. – Ela falou “agora me solte”.

DIGBY ESTÁ COM FONES DE OUVIDO

Ele está fazendo os deveres de casa ou algo assim à mesa da cozinha. Fecha o laptop e tira os fones quando me vê. Dá para ouvir o ritmo da música até ele desligar o som. Estou tremendo e não é como se eu fosse boa em esconder as coisas de Digby, mas tento assim mesmo.

– Por que está aqui? – pergunto, caprichando na voz de gêmea mal-humorada. Talvez o mau humor consiga mantê-lo longe do meu coração. – Não está negligenciando seus deveres de marido ou coisa assim?

Ele batuca na mesa. Minha tática não funcionou. Pelos parênteses que se formam ao redor de sua boca, é possível ver que meu irmão está prestes a tirar tudo que existe dentro de mim. Quero confessar tudo. Quero mesmo. E não é como se eu já não tivesse ensaiado dizer essas palavras em voz alta... É assim que sei que não tenho dúvida de que não existe outra maneira de dizer a verdade, ou, pelo menos, a minha verdade, sem parecer bem maluquinha. Mesmo para o meu irmão. Talvez sobretudo para o meu irmão. Os outros podem achar que o fato de sermos gêmeos faça alguma diferença. Mas ele é um garoto. Continua a ser um garoto que quer consertar tudo. E não pode me consertar.

– Eden – chama ele.

Pego a sopa que sobrou.

– Quer um pouco? – pergunto.

Digby fica me olhando e sorrio fazendo a maior cara de paisagem.

– Com certeza – diz ele enfim. – A sopa de feijão branco da mamãe é a melhor do mundo!

– Tudo que ela faz é o melhor – completo. – Torrada?

Tiro do armário o pão preto em fatias bem grossas, grata por poder usar as mãos para realizar uma tarefa simples como preparar algo para comer. Torradas. Mal posso acreditar que passei todos esses anos sem comer isso. A crocância, o sabor da manteiga, a maciez da massa.

– Já pode comer essas coisas? – pergunta Digby.

– Tenho treinado – respondo. – Se comer devagar, não tem problema. E ainda me obriga a sentir cada sabor do alimento. Em geral, tenho conseguido engolir, contanto que mastigue muito bem.

– Então quero, sim. Torradas com manteiga.

– Beleza. – Ponho o pão na torradeira e fico esperando. – Onde ela está?

– Mamãe? Recebeu um telefonema agora há pouco. Deu algum problema na festa dos Carson e ela foi voando para lá. Papai já está dormindo.

– E Lucille?

– No Fred's.

– Ah, é – digo.

Lucille com luvas de látex, servindo burritos, significa um bom dinheirinho, mas pouco tempo livre.

Sirvo uma tigela de sopa quente para cada um de nós enquanto Digby passa manteiga nos pães. Dou-lhe uma colher.

Não comi nada desde o café da manhã e, naquela hora, estava tão tensa que mal consegui terminar meu mingau de aveia.

Digby mergulha a torrada na sopa e me observa mastigar cada pedacinho umas vinte vezes.

– Por que não foi lá na casa do Park? – pergunto. – Ele não está dando uma festinha hoje?

– Preferi ficar por aqui – responde ele. – Queria ter certeza de que você

estava bem. Eu sabia que não iria à festa.

– Pois eu iria, sim. – É a primeira vez que a ideia de uma festa, um bando de quase adultos tomando cerveja e jogando sinuca, não me dá vontade de me socar até desmaiar. Na verdade, parece até divertido. – Quer que eu vá? – Meu lábio começa a estremecer e minha garganta começa a doer lá no fundo. Droga!

– O quê? É claro que quero! – Ele baixa os olhos. – Queria que Lucille e eu fôssemos um acréscimo, não uma substituição. Somos gêmeos. Compartilhamos um útero, Edes. E você sabe, não quero fazer nada exceto garantir que Lucille compreenda que não vou para lugar nenhum.

– À diferença de todas as outras pessoas que fizeram parte da vida dela – digo. – Inclusive eu.

– Tudo bem – replica ele. – Sei que o que aconteceu com você não foi brincadeira. Mas é a primeira vez que não consigo me aproximar de você, que não consigo saber o que está acontecendo, quem você é, o que quer, do que é capaz, o que anda fazendo. Estou tentando me acostumar a essa ideia...

– Eu vi vocês dois – começo. – Quando estava lá no Intermediário.

Digby para de comer.

– O quê? Tipo quando você estava em outro mundo?

Faço que sim com a cabeça.

– Mentira – diz ele.

– Você diz que não sabe o que está acontecendo comigo, e então, quando tento lhe contar, vem dizer que é mentira! É por isso que fico de boca fechada. É melhor assim.

– Tudo bem. Pode me contar. Prometo que vou prestar atenção.

E agora que a porta que existe entre nós se abriu, não sei por que estava sendo tão difícil contar tudo a ele. Digby vai me aceitar, aconteça o que acontecer. Ele é minha metade.

– Vocês estavam na minha cama.

Concluo a declaração com uma colherada de sopa.

Levo alguns segundos para erguer os olhos e é como se algo que eu estivesse mantendo preso dentro de mim durante muito tempo se soltasse de

repente. Digby sabe exatamente a que estou me referindo.

– Vocês estavam na minha cama – repito, agora mais confiante. – Você e Lucille. Seu braço estava em volta da cintura dela e a visão que durou mais tempo foi o seu cabelo desenhando um pôr do sol no travesseiro. – Tomo um gole d’água. – Vocês dois estavam muito lindos...

O rosto do meu irmão demonstra cautela enquanto me observa à procura de indícios de loucura concreta.

– Tinha analgésico perto da cama. Você estava usando uma camiseta vermelha. Lucille estava com um dos meus moletons. Seu braço estava em cima da barriga dela.

– Está bem, está bem! – exclama ele. – Acredito em você.

– Também vi mamãe – prossigo. – Ela estava no quarto, chorando. Foi como se eu piscasse e aparecesse ali. Tive a sensação de que ela sabia que eu estava com ela.

– Isso também aconteceu com Lucille – revela meu irmão. – Ela me contou. Era por isso que eu tinha certeza de que você ia acordar. Disse que você estava sorrindo.

– Não me lembro de sorrir.

Digby se recosta na cadeira e cruza os braços.

– Isso é legal pra caramba!

– O que é legal?

– Agora não precisamos mais ficar imaginando coisas. Sobre o que acontece quando a gente morre. É bem legal.

Exatamente o que Spock disse. Acho que é mesmo legal.

– Mas ainda tem muito para se imaginar. Não fui muito longe.

– Pouco importa – replica ele. – Existe alguma coisa. Não é só ficar encerrado numa caixa como nossos pais sempre disseram.

– Existe, sim, alguma coisa – concordo. – Mas as regras são diferentes do que as pessoas imaginam. Portanto não sei... Ainda sinto como se não houvesse tempo a perder.

– Você vai ficar, não vai?

– Ficar?

– É – diz ele. – Não vai me deixar aqui neste planeta solitário. Sou seu gêmeo. E quero continuar assim.

– Eu também – digo, mas quando estico o braço para tocá-lo, ele retira as tigelas da mesa.

Passa um tempão lavando tudo na pia.

Lá fora, está escuro.

– Quer correr? – pergunto. – Podíamos ir correndo até a casa de Parker.

Isso era algo que fazíamos o tempo todo. Ele, por causa do basquete; eu, para aumentar minha resistência para o balé e ter pernas longas e esbeltas.

– Ou podíamos ir de carro – sugere ele.

– Eu dou conta – replico, mostrando-lhe meus míseros bíceps. – Sou forte. – Penso em Joe, em Jasmine, no hospital. – Vamos! São pouco mais de três quilômetros.

– Está bem – diz ele, alongando as pernas. – Acho que podemos correr até lá. – Dá um sorrisinho. – Mas não vou reduzir meu ritmo por sua causa.

Também sorrio.

– Claro que vai – digo.

A CASA DE PARKER ESTÁ UMA ZONA

Todos os alunos do último ano da South

High estão na festa, e fico contente ao ver alguém vomitando nos arbustos da mãe de Parker, assim já tenho essa parte da experiência. A música está alta, mas não a ponto de alguém chamar a polícia, e a casa está cheirando a maconha e tem copos de plástico vermelho vazios espalhados por todo lado. Num canto, Parker está no controle do barril de chope e parece nervoso.

A vida voltou a ser o que era.

– Venha se sentar aqui com seu velho amigo, Ruiva! – grita Reggie de lá do sofá.

– Vou pegar uma bebida – diz Digby. – Quer também?

– Não – respondo. – Tenho que acordar cedo.

– Você está toda suada e fedendo – diz Reggie quando me instalo junto dele.

– Ora, obrigada – replico. – Do jeitinho que eu gosto...

Ele fica me observando.

– Por que está tão animada? – pergunta.

Olho ao redor. Gosto dessa galera. Já não os odeio mais e não estou com medo. São coisas que me deixam animada.

– Não sei – respondo. – Estou me sentindo melhor.

– Ai, ai, ai... Não minta para o Reggie.

– Verdade! Voltei a dançar.

Maggie Blathorn cai no nosso colo. Nós a empurramos e ela desaba no chão, rindo.

– Ela vai acabar fazendo xixi na calça – diz Reggie. E então dá uma fungada em mim.

– O que foi? – pergunto. – Você já disse que estou fedendo.

– É – diz ele. – Cheiro de tesão. – Volta a me cheirar. – Cheiro de *amor*!

– E cai na gargalhada. – Ai, meu Deus! Você está apaixonada. Está apaixonada. – Repete, cantarolando. – Esta boquinha aí vem sendo beijada por alguém que gosta dela para valer. Onde ele está? Ou ela? Onde? Onde?

– O que deu em você? Cale essa boca!

– Hum... – E se recosta, todo satisfeito. – Exatamente o que pensei.

Digby surge ao nosso lado com um copo de cerveja na mão.

– Do que estão falando?

– De nada – respondo. – De Maggie fazendo xixi.

Porque não estou apaixonada. Não posso estar. Por alguém que não me quer? É complicado demais. É muita confusão. Muito tudo...

Quase morte: histórias verídicas da vida além-mundo

Foi aquele velho clichê, o ataque cardíaco nada original. Excesso de sorvete e coisas do gênero. Excesso de estresse, principalmente. Aconteceu em plena sala de aula, poucos dias antes da minha aposentadoria. Como sabem, a menos que você deixe um documento declarando o contrário, os socorristas vão tratar de ressuscitá-lo. Mesmo que levem 37 minutos para fazê-lo, como aconteceu comigo. Mesmo que você corra o risco de levar uma vida vegetativa, o que, graças a Deus, não foi o meu caso.

Se me lembro de alguma coisa? Claro que sim.

Enquanto tentavam me ressuscitar, eu via meu corpo, as crianças todas ao meu redor, e então senti esse... Bom, foi algo que só posso descrever como amor. Aceitação também. Eu tinha certeza de que podia abraçar todo o sofrimento do mundo e cessá-lo com aquele amor, esse era o nível do que eu sentia, quão grandioso aquilo parecia. Não consigo recuperar aquilo. Aquele sentimento.

Também vi uma mulher. Não era uma conhecida. Nem do meu passado nem da minha família ou nada assim. Era toda feita de luz, e, quando me abraçou, foi a melhor sensação que já experimentei. Talvez ela fosse um anjo. Não sei.

Descobri que 37 minutos é muito tempo. Mas aí eu voltei. E aqui estou.

Vera Geldoff, 70 anos, professora aposentada

TER INSÔNIA É UM SACO!

Não consegui pregar os olhos, imaginando o que Joe deve estar sentindo ou pensando a meu respeito, a respeito de Jasmine. Às três da manhã, parecia perfeitamente claro que Joe não era alguém que eu queria que saísse da minha vida e desaparecesse; que entre nós dois existia muito mais do que comas e Jasmine; que independentemente do que acontecesse a ela, ele e eu estávamos no começo, não no fim; e eu precisava descobrir o que vinha pela frente. Cheguei até a fazer uma promessa, parada diante da janela, divagando e meio bêbada. E rabisquei minhas ideias num pedaço de papel.

Devoto a você minha espada, minha palavra, minha lealdade. Vou parar na frente dos trens e pular para receber uma bala, combater as sombras e os demônios por você. Quando precisar de mim, estarei por perto, como um oceano que vai afastar de você todo sofrimento. Lamento pela sua amiga. Lamento pelas condições em que nos conhecemos. Prometo que vamos conseguir superar tudo isso. Prometo lhe dar o melhor de mim.

À luz de uma espécie de dia de ressaca, não tenho nenhuma certeza, a não ser que o texto produzido durante a insônia é superdramático, mas resolvo manter o planejado: ir ao hospital, encontrar Joe, me declarar e ficar ao lado dele, aconteça o que acontecer. Porque a vida é assim. Precisamos escolher alguma coisa.

Estou com dor de cabeça por causa das poucas cervejas aguadas que bebi ontem à noite, por isso tomo uma chuva para espantar o entorpecimento e em seguida começo a insistir com Digby para ele me dar uma carona. Os ônibus não circulam aos domingos e preciso ir a Warrenton. Não tenho análise ou fisioterapia hoje, mas acaba sendo bem fácil convencer Lucille e ele a me levarem até lá. Não tenho propriamente um plano. Só pretendo encontrar Joe, e, juntos, nós vamos descobrir o que fazer.

Claro que *nós* tem sido uma questão bem complicada para ele. Ninguém imaginou que isso fosse acontecer.

Seguimos então para Warrenton: Digby, Lucille, Wren e eu. Sinto a boca seca e uns dragões malvados estão me roendo por dentro. Afora isso, porém, fazemos um trajeto bem normal por uma estrada bonita num dia lindo.

– Já volto – digo quando paramos no estacionamento.

Minha expectativa é encontrar Joe e irmos a algum lugar para conversar. Aí meus três companheiros poderão ir embora para casa.

– Manda ver, garota – diz Wren quando fecho a porta do Animal.

Não me dou o trabalho de esperar pelo elevador. Já estou me imaginando nos braços de Joe, pensando na sensação da pele dele contra a minha, lembrando a mim mesma de que não devo abraçá-lo com muita força quando o vir.

E de repente estou parada diante da janelinha do quarto de Jasmine e ele está vazio. Nada de Joe. Nada de Jasmine. Retiraram toda a roupa de cama, abriram as cortinas e apoiaram as pontas numa cadeira. As flores desapareceram. A mesinha de cabeceira está vazia. Não tem mais nenhum daqueles aparelhos. Nada fazendo barulho, nada apitando. Nada.

– Ela saiu do coma? – grito ali mesmo no corredor. – Jasmine saiu do coma?

Já sei a resposta. A gente não sai do coma, pula da cama e recebe alta em algumas horas. Não é assim que funciona. Sei também que está tudo terminado entre mim e Joe. Ele nunca vai conseguir me olhar sem se lembrar da morte da melhor amiga, sem se lembrar de que, de certa forma, foi por minha culpa.

Apoio a cabeça no vidro.

– Não! – exclamo.

– Oi. – É Sally, que põe a mão nas minhas costas.

– Oi. Ela se foi?

– Lamento muito – diz Sally. – Ela faleceu ontem.

Escorrego até o chão e fico ali, as pernas esticadas. Junto de mim, Sally ajeita o uniforme e os sapatos. Foi por minha causa. Será que Joe veio até aqui, enlouquecido depois do que lhe contei, e mandou desligarem os aparelhos?

– Os órgãos dela começaram a entrar em falência ontem à tarde. Um por um. Ela ainda aguentou até a noite, quando Joseph chegou, e morreu cerca de dez minutos depois. Rita disse que tudo correu tranquilamente. Foi uma bênção ter sido assim, pois não acredito que aquele rapaz fosse ter coragem de autorizar o desligamento dos aparelhos. Ele nunca deixaria ela morrer.

Fico toda arrepiada, como se Jasmine estivesse ao meu lado, respirando junto ao meu pescoço.

– Não consigo acreditar que eu não estava aqui na hora que aconteceu – eu me queixo.

Por Joe. Ele tinha que estar aqui sozinho.

– Ah, querida, ela já não estava mais aqui. E se a essa altura tivesse saído do coma, teria uma vida limitadíssima. Por tudo que ouvi a respeito dela, ela não ia querer isso.

– Mesmo assim...

– Sei que é duro ver alguém morrer. – Ela dá uns tapinhas no meu braço.

– O que havia entre vocês? – pergunta. – Você não a conhecia, não é mesmo?

– Não – respondo. – E sim.

Como poderia lhe explicar a conexão que se estabeleceu entre nós? Não posso e não vou.

– Não estou me sentindo bem – digo.

– Imagino. Ninguém gostaria que as coisas tivessem terminado assim. – Faz um carinho nas minhas costas. – Está tudo certo. Está tudo certo.

Fico me perguntando onde Jasmine estará agora. O que será que vem

depois do Intermediário?

O ponto entre a vida e a morte. Entre a vigília e o sono. Entre gostar e amar. Entre flores negras e brancas. E depois?

– Ela não ia voltar – explica Sally. – Soube disso desde que ela chegou aqui. Alguns pacientes já estão com a situação decidida e dá para sentir isso.

– Mesmo quando estão em coma?

– Mesmo em coma. Alguns fazem movimentos. Se remexem. Abrem os olhos. Dão alguns sinais que nos dizem que não devemos desligá-los. Claro que não se pode basear tudo nesses sinais. Não podemos escolher se a pessoa deve respirar ou não com base apenas na intuição. Mas que a temos, isso é verdade – diz ela. – E, como já disse, eu sabia que ela não ia sair do coma desde o instante em que a trouxeram para cá. – Ela ergue meu queixo com um gesto carinhoso. – Exatamente como eu sabia que você voltaria.

– É? – pergunto. – E isso não deixa você triste?

– Não – responde Sally. – Por que deveria? Todos nós temos um caminho a percorrer. E você trazia uma chama consigo.

– O fogo do inferno.

– O fogo da vida. – Apoiando-se no meu joelho, ela se levanta e fica me olhando lá de cima como uma rainha. – Agora você não vai ter mais motivo para voltar aqui – comenta.

– Vou, sim – replico. – Eu não aguentaria muito tempo sem ver vocês. Como eu ficaria sem notícias de Jake?

– Rhonda está grávida – conta ela. – Foi só o que ele escreveu. Não tenho mais nenhuma notícia.

– Mas vou ficar com saudade.

– Pois não deveria. Com todo o trabalho que tenho por aqui, não posso ficar de conversa com você. Sei que Spock pensa como eu. E Rita também. – Sua voz sai tremida. – Todos nós gostaríamos que você ficasse longe daqui.

– Isso não é nada gentil.

Sally empina o nariz.

– As pessoas superestimam a gentileza.

– Então tchau – digo.

– Tchau.

Eu lhe dou um abraço.

– Sei que você me ama – afirmo, com o rosto enfiado em sua blusa.

– Isso não tem importância. Você atrapalha bastante.

– É – replico. – Você também. Melhor mesmo manter distância.

– Muito melhor – diz ela. – É isso aí.

No saguão, Norma me dá um cravo. Vejo o Animal parado no estacionamento e sinto meu celular vibrar.

– Eu ia lhe contar quando você chegou – diz Norma. – Sobre Jaz. Mas não deu. Você estava correndo...

– Obrigada. – Estou tentando não desabar no chão e chorar. Não é minha vez de chorar. – Pela flor. É muito linda.

– O funeral vai ser no sábado – anuncia Norma. – Para um grupo pequeno, lá no restaurante. Ela já está sendo cremada. – Suspira. – Não sei por que Joe não lhe contou...

– Pois é...

Cremada assim tão rápido? Puff. Desse jeito. Não existe mais corpo.

– Vamos nos reunir à uma hora – acrescenta Norma. – Você podia vir.

Imagino Joe do jeito que ele estava ontem à noite. Sei como deve estar sofrendo agora. Ele disse que precisava tentar entender as coisas sem mim. E se ele não me quisesse lá? E se me mandasse embora? Eu não aguentaria uma coisa dessas. Iria ficar arrasada.

– Não vou poder. Mas agradeço pelo convite.

– Depois ele vai desmanchar o quarto dela na casa de Gigi. Se puder, passe por lá. Por Joe – diz ela.

– Não acho que ele esteja querendo me ver, Norma – confesso.

Minha garganta está tão irritada que mal consigo falar.

Ela arruma um lírio, sem tirar os olhos de mim.

– Sabia que conheci Joe quando ele tinha 5 anos? Quando a mãe dele ficou doente, ele e o pai vinham sempre à minha loja para comprar flores. Minha mãe e eu o achávamos uma gracinha. Gigi também. Todas nós nos apaixonamos por aquele menino.

Joe. O meu Joe, penso. Fico com inveja de todos que conseguiram se aproximar dele.

– Ele era um lobo solitário, nas palavras de Gigi. Ela dizia que conseguia ver seu animal espiritual acompanhando-o.

Qual será o meu? Pelo visto, algum bicho que é devorado pelos lobos...

– Apresentamos Joe a Jasmine depois que a mãe dele morreu. Os dois tão sozinhos... Ela sofrendo tanto por causa do incêndio... – Norma me dá uma olhadela. – Sabe dessa história do incêndio?

– Sei, sim.

– Os dois viraram unha e carne desde então – prossegue. – E aí você apareceu. A única amiga que ele levou lá em casa. E havia algo em você que conseguia arranhar a casca que o protegia. Não desista dele. Vocês formam um casal perfeito.

– É... – digo.

Se existia uma vidraça entre mim e Madame, o que eu tenho aqui agora é uma parede de tijolos. A Grande Muralha da China.

– Até breve – diz ela.

Assim que me aproximo, Lucille salta do carro.

– Você está bem? – pergunta. – Conseguiu resolver tudo?

– Consegui. Podemos voltar para casa.

É HORA DE ENCARAR O SANTUÁRIO

Lá fora, o céu está claro, assim como tudo que preciso fazer para que minha vida volte a ter sentido.

O dia começa ainda no escuro, com Madame, suor, músculos que chegam a arder. Na barra, me alongando até meus ligamentos gritarem; fazendo os exercícios de aquecimento até meus olhos se encherem de lágrimas.

Mesmo assim, fico satisfeita. Não durante, mas depois. É a única coisa que me impede de pensar em Joe. Mais dor.

E agora vou para o colégio.

Desde que voltei, nem passei perto do meu armário depois que, no primeiro dia, percebi que ele estava coberto de fotos. Aquilo me fez me sentir como um espectro, como se eu estivesse morta, percorrendo os corredores da escola sem ter noção disso. Portanto passei todo esse tempo carregando meus livros para lá e para cá, fazendo o possível para evitar me ver colada e pendurada no metal.

Agora, porém, meus sentimentos para com o santuário são completamente diferentes. É como se as fotos me mantivessem encerrada num Antes quando já chegou a hora de ter um Depois.

D.C. Depois do Coma. Gosto da ideia.

Retomando os começos e os fins. A lista:

- Não tive notícias de Joe ontem, embora tenha ficado esperando e esperando. Fim.
- *Peter Pan* também foi um fim. O fim daquele período em que eu só fazia sentir pena de mim mesma.
- Saltar de paraquedas, dançar num cemitério, ir a uma festa. Começo. Começo. Começo.
- Voltar ao trabalho mais elementar com Madame. Começo. Mas também fim. O fim daquela Eden letárgica, daquela Eden maluca, daquela Eden que não estava efetivamente viva.

A essa altura, ninguém além de mim vai pôr as mãos neste armário. Ninguém vai ousar fazer isso. Entendo perfeitamente que todos estão tentando ser gentis, demonstrar respeito ou algo assim. Decidida, me dirijo até ele. Tem umas fotos em que apareço dançando, outras do ano passado, nas quais estou usando franja, além de artigos de jornal sobre o acidente, fotos minhas com Digby e com Lucille. Todas coladas no armário. Já com as bordas meio rasgadas, descascando, revelando a própria fragilidade e o tempo que se passou.

– Feliz segunda-feira, irmã – diz Reggie, que se aproxima cercado pela nossa turma. Recosta-se no armário de Lucille e fica vendo os outros passarem. – Acho que não vou sentir falta deste lugar quando isso acabar.

– Estamos começando a parecer um grupo de adultos suspeitos rondando o parquinho infantil – comento quando alguns calouros passam por nós.

– Com certeza... Não vejo a hora de chegar um verão sem que ninguém venha me dizer o que fazer, aonde ir. Formatura! – exclama. – E falta pouco.

– Mas é meio triste, não é? – pergunta Parker. – Cada um de nós vai para um lado.

– Ah, não! – censuro. – Não vamos fazer isso agora. Ainda temos uns meses pela frente. Tem tempo. Guarde esta conversa para junho.

Mesmo assim, estou sentindo exatamente isso agora.

– Por que está olhando para o seu armário desse jeito? – pergunta Parker.

– Sei lá – respondo. – Acho que estou tentando descobrir como me sinto com relação a tudo isso.

– No começo, tinha muito mais – conta Lucille. – Teve até gente acendendo velas, o que poderia ter causado um incêndio. Foi uma loucura.

Ela dá uma mordida numa maçã e recosta a cabeça no ombro de Digby.

– A escola retirou algumas coisas quando você saiu do coma – diz ela. – Mas deixaram isto aí para você não pensar que todo mundo tinha se esquecido de você ou coisa assim, acho.

Reggie, grandalhão, dominando a cena; Parker sendo o Parker de sempre; Lucille e Digby estando mais para Lugby ou Ducille, como preferirem. Para o bem ou para o mal, é minha galera.

Enfio a unha debaixo de uma das fotos e arranco tudo de um só puxão. Viro-me para os meus amigos.

Reggie passa o braço pelos meus ombros.

– É isso aí – comemora. – A sua cara. Já disse como estou feliz por você ter conseguido? – prossegue. – Sério, Ruiva. Eu tinha calafrios quando achava que você estava morta, como se fosse se sentar, sair da cama rastejando e sugar minha alma pela boca. – Faz um ruído semelhante a um assobio baixinho, aí abre bem a boca e ergue os braços imitando um zumbi.

– Vá sonhando... – digo quando a sineta toca.

– Vejo você na hora do almoço – avisa Digby dirigindo-se a Lucille.

– Beleza – confirma ela. – A única maneira de escapar do fogo é atravessando-o. Não vou ficar com medo de Elaine. Nos vemos no almoço.

Digby lhe dá um beijo que dura bem uns dez segundos, mais do que seria adequado. Tenho que virar o rosto, pois afinal... Joe, né?

– Edes. – Lucille me dá o braço no momento em que jogo as velhas fotos na lixeira mais próxima. – Está tudo bem com você?

Morde o lábio. De tanto fazer isso, ela tem ali uma fenda avermelhada permanente.

Tenho vontade de dizer: *quase morri, depois me envolvi com uma garota morta e me apaixonei por um garoto vivo, mas agora o mundo parece muito estranho.*

– Tudo beleza – respondo.

Nome da paciente: Eden Jones

A paciente fez progressos significativos. Está recuperando o interesse pelas matérias escolares e pela dança, e parece ter uma perspectiva mais positiva quanto à vida. Já se abriu de forma considerável. Dar prosseguimento à terapia não é mais uma exigência, mas é recomendável.

MINHA MÃE ESTÁ DEITADA

Foi tirar uma soneca porque ficou trabalhando até tarde fazendo um bolo de mousse de café e morangos cobertos com chocolate, biscoitos em formato de coração e trufas com sal marinho, e inventando cardápios supercaprichados para o Dia dos Namorados que está se aproximando.

Está exatamente na mesma posição em que a vi lá do espaço Intermediário, deitada por cima das cobertas, usando jeans e suéter, o rosto enfiado nos travesseiros. Mas não está chorando, e eu não sou um espectro.

Resolvo me deitar ao seu lado, tomando todo o cuidado para não acordá-la, e aproveito o calorzinho que vem do seu corpo, do seu suéter de lã.

– Oi, querida. – Ainda meio dormindo, ela faz um carinho no meu braço e se vira para mim.

Olho as ruguinhas finas e a pele meio flácida do seu rosto.

– Oi, mamãe.

– Está precisando de alguma coisa, amor? – pergunta ela. – Um shake?

– Não – respondo. – Já não estou mais tomando essas coisas.

– Verdade – diz ela com aquele ar de quem ainda não acordou de todo. – É mesmo.

– Só queria ficar perto de você.

– Hummm – diz ela –, adoro isso.

– Mãe? – chamo.

– Hã?

– Acho que estou de coração partido.

Ela abre os braços e me aninho entre eles.

– Me conte tudo, querida.

Faço que não com a cabeça. Não consigo. Joe é uma ferida profunda que não levou pontos, que ainda não cicatrizou, que continua chegando até os ossos.

Então mamãe me abraça com mais força.

– Estou aqui. Pode contar comigo para o que precisar.

– É um privilégio ter uma mãe como você – sussurro num tom praticamente inaudível. – *A melhor mãe do mundo.*

Ela me aperta um pouco, mas não diz nada.

Pego no sono abraçada a ela, como costumava fazer quando era pequena.

Quando acordo, mamãe já não está ao meu lado e tem um cobertor branco e fofo sobre mim, bem preso dos dois lados do meu corpo, o que me deixa protegida e confortável.

um grande dia PARA O FUNERAL DE UMA JAQUETA DE COURO

Para ser mais exata, da jaqueta que eu **estava** usando no dia em que sofri o acidente. Lucille concluiu que seria saudável eu me despedir oficialmente do meu eu de antes e, assim que lhe passou pela cabeça que a tal jaqueta que eu tanto usava tinha tudo a ver com aquilo, Wren a agarrou de um salto e tive que concordar porque essa despedida já era mais um projeto coletivo do que algo ligado exclusivamente a mim.

Há previsão de tempestade de neve, mas hoje parece mais um dia de primavera do que de inverno.

Não muito longe, está acontecendo um funeral de verdade para uma garota de verdade.

E nós aqui brincando de faz de conta. Eu tento me convencer de que essa é a única e melhor atitude a tomar e que Joe não ia mesmo querer que eu fosse. Esta está sendo uma semana difícil. Não consigo me convencer de que ele vá ser mais feliz sem mim, mas, sem sombra de dúvida, vai se sentir menos tolhido. Fico o tempo todo pensando que há certas pessoas de quem a

gente não consegue se livrar, por mais que se esforce, enquanto, no caso de outras, existe uma conexão tão tênue que basta fazer um pequeno corte para que nossas vidas se desvinculem. Nunca mais voltamos a vê-las. A vida continua como se essa pessoa jamais houvesse existido. Mas, então, precisamos seguir vivendo com um cordão pendendo do peito. E o que acontece com esse cordão arrebentado? O que acontece com aquela parte de nós?

Talvez as coisas não sejam tão simples quanto um mero corte.

Depois desse dia, Joe pode voltar a ser o cara que vai viajar mundo afora levando apenas uma mochila; que nem sequer pensa em estar com outra pessoa numa relação séria. Ele pode ser livre.

Já eu não sei quanto tempo vou levar para superar isso e o modo como minha vida floresceu com ele. Desse momento em diante, vou ter que conviver com isso para sempre.

Mas a vida continua, não é mesmo? *O tempo não para*, etc. e tal.

Então cá estamos nós, nos preparando no quintal. Todo mundo vai estar aqui. Meus pais, Digby, Parker e Reggie. Madame e Benita. Até Marlene vem. Ela está empolgadíssima.

Faça isso por eles.

– Não consigo entender as roupas que você escolhe – diz Lucille dirigindo-se a Wren. – Devia demonstrar um pouco mais de consideração por essa ocasião. Parece até que não está levando nada a sério.

Wren, que esta usando sua calça jeans favorita cheia de brilho e uma camiseta de mangas compridas verde-neon, replica:

– Não é um funeral de verdade. Estamos enterrando uma jaqueta de couro – fala bem devagar, articulando as palavras com cuidado. – Ninguém morreu.

– Ninguém morreu – repete Lucille, e então olha para mim. – De certa forma...

Ela está toda suja de terra porque está abrindo uma cova num dos cantos do quintal, usando uma roupa respingada de tinta.

– Tem toda razão, Wrenny – digo. – Besteira a minha. Será que não seria melhor fazermos simplesmente um churrasco? Fingir que já estamos na

primavera? E não pegue no pé dela – acrescento, dirigindo-me a Lucille. – Dê uma olhada no que você está usando. Não é exatamente uma roupa elegante...

– Hummm, está se esquecendo do meu chapéu da realeza britânica, que é absolutamente impressionante! – Dá uns tapinhas no chapéu cloche preto que está usando e que tem um veuzinho florido na frente. – Fico chateada por estar sendo acusada de não estar levando isso a sério...

– Para dizer a verdade, sou a única aqui que está vestida de forma adequada – digo.

– Isso não é justo. – Lucille se apoia na pá. – Você tem umas tendências góticas e nem precisa trocar de roupa.

Na véspera, Wren tinha pintado minhas unhas de preto e prateado, me preparando para o evento. E estou participando para valer.

Sabe-se lá por quê, Lucille cavou um buraco grande o bastante para enterrar um cavalo. Está absolutamente determinada e, depois de lavar bem as mãos, trocou a tarefa anterior pela de pôr a mesa de piquenique para o banquete que vai se seguir ao enterro.

– Quer uma caixa para pôr a jaqueta? – pergunta Digby, aparecendo numa quina da casa. – Ou prefere assim mesmo?

– Vamos botá-la direto no buraco – respondo. – Fazer com que ela volte à terra.

– Bote numa caixa – diz Wren. – Vai ser como um caixão.

– Quanto mais mórbido melhor? – alfineta Lucille.

– Bom, antes de mais nada, se não quer que seja mórbido, por que fazer um funeral? De qualquer forma, posso pintar a caixa para você – prossegue Wren. – Colar umas lantejoulas ou algo assim.

– E eu achando que você estivesse amadurecendo... – brinco.

– E estou – diz ela. – Mas nunca vou deixar de gostar de lantejoulas e de brilho.

– Adoraria deixar você pintar a caixa e colocar nela todo o brilho que quisesse, mas acho que não vai dar tempo.

– Por que não?

– Porque logo, logo todo mundo vai chegar – respondo. – Mas vá buscar

umas canetinhas. Ouvi dizer que colorir deixa todo mundo mais tranquilo.

– Pronto. – Digby nos entrega as canetinhas. – Lucille quer fazer uma faixa, por isso toda esta tralha de colorir já está aqui fora. – Solta um suspiro. – Minha dama adora faixas.

Wren pega a caixa vazia e começamos a desenhar.

– Aqui está ela. – Mamãe chega trazendo o que sobrou da minha jaqueta de couro.

Aquilo parece até uma uva passa...

Mamãe ligou para a escola no nosso aniversário de 13 anos. Mentiu para Barb, a secretária que mandava em tudo que se relacionava ao ensino fundamental. Disse que Digby e eu tínhamos acordado doentes, mas que não devia ser nada além de um desses resfriados leves. Ficamos espantadíssimos ao vê-la desobedecer a uma regra. E mentir para Barb. Ela poderia nos criar o maior problema se quisesse. Nunca tínhamos visto mamãe fazer alguma coisa assim...

Então tomamos um trem e ela nos levou para passar o dia em Nova York. Papai tinha um lançamento importante e, como as coisas ficaram difíceis para ele durante a recessão, era uma ocasião e tanto. Não ficamos chateados por ele não ter ido conosco, afinal, nos acostumamos a ser só nós três, e acho que estávamos todos nos sentindo do mesmo jeito: livres.

Fomos almoçar num restaurante italiano. Comi frango e Digby comeu fígado grelhado. Depois, nos sentamos num banco e ficamos vendo as pessoas passarem, fazendo hora para o show da Broadway ao qual íamos assistir naquela tarde.

Foi quando eu a vi, na vitrine de um brechó na Christopher Street, no bairro do Village. Parecia até uma pessoa acenando para me chamar até lá. Quando a vesti, me senti eu mesma pela primeira vez na vida.

Foi nesse dia que decidi que Nova York seria meu namorado e que nada me desviaria dessa decisão. Eu seria fiel e receberia a recompensa pela minha fidelidade. Algum dia, iria morar ali. Era ali que eu ia ficar famosa, ter um

apartamento e viver o meu sonho. Muita gente tem sonhos. Não há nada de novo ou de original nisso, mas aquele era meu e se tornou possível no momento em que vesti aquela jaqueta e fechei o zíper.

Naquela ocasião, a ideia de um futuro melhor não parecia tão assustadora.

– Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum porque Tu estás comigo; tua vara e teu cajado me consolam – diz Lucille e, depois de uma pausa, sussurra: – Bom, vamos lá.

– Onde aprendeu isso? – pergunto.

– No Google – responde ela, sempre sussurrando.

Não consigo evitar um certo desconforto. Madame e Benita, Parker, Reggie, Lucille, Digby, Wren, meus pais, Marlene, todos estão ali parados em torno daquele montinho de terra. Para quê?

– Edes – Digby me chama e, muito embora eu saiba que isso tudo é incrivelmente idiota, meu irmão precisa me segurar pelo pulso e dar uma sacudida.

Com isso, a caixa toda desenhada cai no chão, dentro da cova, no lugar para onde vão as jaquetas afogadas quando morrem.

Lucille me passa uma caneca de vidro com um pouco de terra dentro.

– Jogue – diz.

Mas não consigo e não sei por quê. Começo a rir. Mas não é uma risada delicada. É uma gargalhada demorada, bem alta e bem feia. Quero Joe. Quero me apoiar nele, sentir o tecido de sua jaqueta militar arranhando meu rosto.

Não é porque estou solitária. Não me importo com isso. Juro que não. É porque ele é como minha jaqueta morta, com uma diferença: ele está vivo, esplendoroso e tão real que dói muito saber que ele é isso tudo longe de mim. À sombra dele, eu me sinto mais eu.

– Tudo bem – diz Lucille.

Sento-me no chão. O acesso de riso histérico se transformou em choro. Quanto mais tento me controlar, menos consigo. Ergo a mão espalmada para contê-los quando todos se aproximam como se fossem formar uma parede à

minha volta. E ficam me chamando pelo nome. *Eden, Edes, Ruiva*. Ninguém me chama de Sardenta e isto é tudo o que quero ouvir.

Quero fugir para dentro de casa. Preciso de um quarto do pânico, um lugar para me esconder até que as coisas comecem a fazer sentido. Justamente quando achei que minha vida estivesse voltando a entrar nos eixos descobri que não quero mais que ela seja assim.

Justiça seja feita: todo mundo permanece praticamente calado enquanto estou sentada aqui descontrolada. Depois, quando minha respiração se normaliza, Lucille põe as mãos nos meus ombros como sempre faz, e, então, somos eu e ela, a sós no jardim da minha mãe, no meu jardim, e ela me olha do jeito mais carinhoso do mundo.

– Isso não é um enterro de mentirinha – declara. – Aquela jaqueta *era* você.

– Tudo bem – digo, me desvencilhando. Respiro fundo. – Estou legal.

Então me levanto e falo com a terra.

– Querida jaqueta de couro – digo do jeito mais circunspecto que consigo –, você foi muito útil para mim e vou ficar com saudade. Desejo que possa trazer sorrisos e proteção a essa terra e à sua incrível vida após a morte, tal como um dia trouxe para mim.

Derramo o conteúdo da caneca em cima da caixa.

– Perfeito – elogia Digby, e pega mais um pouco de terra do montinho próximo à cova. – Agora é a minha vez.

SEI QUE É GROSSERIA IR EMBORA DO PRÓPRIO FUNERAL

Mas tenho que fazer isso. Preciso ficar sozinha. Preciso ir para a beira do rio.

Enquanto estão todos lá comendo hambúrgueres e salada de batatas, saio de fininho e começo a descer a colina. Estou voltando para o meu lugar, o local onde me acidentei e onde não botei os pés desde que acordei do coma.

Pego a Union Street, afastando-me das pessoas que estão passeando com seus cães. Mulheres conversam enquanto bebericam xícaras de café. Que coisa mais fora de moda! Quero ficar longe disso. Neste momento quero a água.

Em Bellamy, respiro fundo, inalando mais ar do que meus pulmões conseguem conter. Entro então na pequena trilha, pisando na neve suja nos pontos em que o sol nunca chega a bater, e deixo a cidade para trás. No verão, sempre há famílias andando de bicicleta, mães com carrinhos de bebê, cachorros por todo lado; agora, porém, não há ninguém. Tudo está silencioso como num planeta deserto; não se ouve nem o vento ou o canto de um pássaro.

A pedra me detém. Foi o lugar onde caí.

Se ficar parada aqui por tempo suficiente, o pedaço de mim que nunca saiu deste lugar, a parte que não posso recuperar vai sair do meio dos arbustos como um holograma, sem pensar no que vem pela frente. Quando Lucille chegar aqui e reclamar do meu irmão, essa parte de mim vai consolá-la mais do que eu mesma sou capaz de fazer. E eu ficarei tentando não temer a vida que vai se desenrolar para nós duas agora. Vou tentar convencê-la a se controlar, a usar a cabeça. Vamos beber um pouco de tequila. Vou ficar de pé, me alongar bastante, tentar expulsar de mim a melancolia e então...

Medo.

Tropeço. Minha cabeça bate na pedra. Percebo meu erro, inalo, desmaio, saio boiando de costas em meio a blocos de gelo. Lucille corre para a água, quase se afoga, mas consegue me tirar de lá. Eu a vejo gritando, com o cabelo louro grudado no rosto. Ela massageia o meu peito. Corre.

Sobrevivo.

Sobrevivi.

Este não é apenas o lugar onde me acidentei. É mais do que isso. Eu o descobri junto a mamãe e Digby, quando tínhamos 6 anos e mamãe andava culpada porque estava abrindo a empresa e não passava tempo suficiente conosco.

Isso significava que vivia passeando com a gente. Afinal, o que mais se pode fazer com dois filhos que nunca querem sair de casa? Digby ficou com medo do vagão de trem abandonado e segurou minha mão como sempre fazia quando estava aflito: apertando meus dedos com os dele. Deste modo, eu também sinto o mesmo desconforto. Ele não quis entrar na água, embora estivesse um calor danado, porque o rio o deixava assustado com aquela barulheira de correnteza.

Eu não. Eu estava empolgada.

Esses salgueiros. Todos meus. A água escorrendo pelas pedras, e eu hipnotizada. Tudo despenca, desaparece sob meus pés e vou para o fundo do rio como sedimento. Fico em cima da minha pedra, fecho os olhos, ergo as mãos e me ofereço ao ar. Desta vez, não caio. Raízes brotam dos meus pés e se agarram à rocha.

Uma coruja pia em plena luz do dia.

E de repente, ali está ela. Jasmine. Continua usando a camiseta branca suja e o short jeans. Fico imóvel.

– Está com medo de quê? – pergunta ela.

– De você – respondo. – Você é real?

Ela chuta umas folhas.

– Tão real quanto os mortos podem ser.

– Vai sentir falta disso? – pergunto.

– Eu devia lhe fazer a mesma pergunta – diz ela, e balança a cabeça. – Amo o meu garoto, sabe.

– Joe. – Pronunciar o nome dele dói, uma dor que vai da cabeça aos pés.

– Você precisa decidir. – Jasmine passa a mão pela cabeça raspada. – Decidir o que quer. Como naquele poema sobre os dois caminhos divergentes, a escolha e coisas assim.

– Robert Frost?

– Esse aí! – Ela se anima e aplaude. Parece mais viva do que os seres humanos. – Decidir e decidir. Mas se optar por ficar com Joe, tem que permanecer. Ele não precisa de migalhas.

Aquilo me atinge em cheio. Joe poderia ficar comigo. É isso que ela está dizendo.

– E se aprontar alguma com ele, vou vir assombrá-la de um jeito que você nunca vai conseguir se recuperar – prossegue ela. – Estou falando daquelas coisas loucas de poltergeist, não de lençóis com buracos no lugar dos olhos. Vou deixá-la apavorada.

Passo as mãos nos seus ombros. Ela é macia como pétalas.

– Ainda está tentando saber se sou real? – pergunta.

– Jasmine, por que consegue falar comigo aqui e não naqueles outros lugares?

– Você sabe por quê – responde ela. – Aqui, nós entramos em contato.

Assim.

Ficamos de mãos dadas.

Íris: verdes, marrons e azuis.

Pupilas: se contraindo e se expandindo loucamente.

Cílios: translúcidos, inexistentes.

Pálpebras: finíssimas

Respire, dizemos, e brotam flores dos nossos lábios.

E então ela desaparece.

O QUARTO DE JASMINE

Joe está de joelhos no meio de um monte de caixas. Aqueles poucos dias de sofrimento o deixaram mais magro, com aspecto de inanição.

Há quadros por todo lado. Quadros de flores negras. Nunca imaginei que joelhos pudessem efetivamente falhar, mas é o que acontece aos meus agora e caio no chão.

– Ai, meu Deus! – exclamo.

– Você não veio ao funeral – diz ele. Está dobrando uma coberta. – Achei que fosse aparecer. Só tinha umas poucas pessoas. Até Gigi veio. Mas você não.

– Você não me ligou nem mandou nenhuma mensagem. Depois do que disse, achei que não me quisesse por aqui.

– Não tive energia para entrar em contato. – Esfrega os olhos. – Foi uma semana bem longa...

– Foi mesmo. – Olho ao redor. – Quer ouvir uma história maluca?

– Por que não? – replica ele.

– Tenho visto essas flores desde que saí do coma. Lembra que não consegui lhe dizer o que estava vendo? Era isso. E elas existem mesmo. Pelo menos aqui. Você também consegue enxergá-las, não consegue?

Joe põe a mão nos quadros.

– Estas aqui?

Aproxima-se e se senta ao meu lado.

– Eram as favoritas de Jasmine. Só florescem no inverno. Ela as achava românticas. Dizia que significavam amor, força e coragem. Eu devia cultivá-las. Especialmente agora.

– Sinto muito, Joe – digo. – Lamento não ter estado ao seu lado.

Ele passa o braço pela minha cintura e me beija daquele jeito espontâneo e doce do qual tanto senti saudade. Cada toque dele é como uma ferramenta, me reconstruindo.

– Tem muita coisa ruim – digo quando nos afastamos e me vejo encarando os olhos inchados de Joe.

– Tem mesmo – concorda ele.

– E a vida é perigosa. O mundo é perigoso.

– É mesmo – diz ele ainda com as mãos na minha cintura.

– Mas também tem muita coisa boa.

Ele roça meus lábios nos dele como se estivesse lidando com algo novo e precioso.

– Joe, sei que você falou que Jasmine era a coisa mais importante...

– Eu não quis dizer que...

– Não, eu sei. Eu... Mas você é. Você é a coisa mais importante para mim. A melhor coisa que tenho, ok?

Tanto minha respiração quanto a dele estão aceleradas. Sinto meu coração latejando nos ouvidos, na garganta.

– É – diz ele. – Ok.

Então eu o puxo para cima de mim e ficamos nos amassando por umas nove horas.

Não despencamos de um precipício.

Estamos cercados por um mar de flores negras e acetinadas.

Elas dançam por trás dele.

QUANDO EU MORRER, NÃO É
DA TERRA QUE VOU SENTIR
FALTA, DE SUA FLORA E
FAUNA, DE SUAS BELEZAS,
DE SUAS ESTAÇÕES

Também não é dos coturnos, das jaquetas
de couro ou dos prédios perfeitos. Nem de
vestidosTVfronhasriosmontanhascomputadorescelularesmodalouçasnemseque
Nem mesmo do sol ou das estrelas ou daquela superlua guerreira. Vai ser das
pessoas, dos bichos, das coisas vivas que nos tocam. Não dos seus corpos,
mas do que existe lá dentro, do brilho delas.

Não estou nem aí para o que possam dizer.

Que não existe alma, que tudo isso é invenção.

Talvez vocês tenham razão.

Mas, não. Não têm não. Estão errados. Sei disso.

O que estou querendo dizer é que não somos nossas histórias. Não sou
uma garota privilegiada nem uma bailarina prodígio ou fracassada. Não sou

uma garota inteligente ou idiota, nem uma garota que gosta de usar couro e renda. E Joe não é uma vítima, não é um garoto triste que perdeu a mãe e a melhor amiga. Ele não é nem mesmo um florista e, sem sombra de dúvida, não é um príncipe ou um cavaleiro montado num cavalo branco. No final, precisamos efetivamente nos resgatar, por mais que tenhamos aprendido a nos apoiar nos outros. Não estamos aqui para nos salvar. Nunca deixaremos de ser algo imperfeito e sujeito a mudanças. Não somos uma coisa. Nem mesmo duas. Somos milhares. Somos milhões. Somos facetas. Brilho de estrelas.

O que está por trás das histórias, ou debaixo delas, é disso que vou sentir falta.

Apesar de tudo, estou aqui sentada num quarto cheio de flores negras, junto a Joe, e nós dois somos reais, estamos vivos e isso é alguma coisa.

E isso não significa que exista ou não uma vida após a morte, uma alma, uma alma gêmea ou um deus benevolente ou irado; que exista ou não magia, bruxaria ou nada além de pura dor; que exista ou não reencarnação ou sabe-se lá quantas virgens à espera lá no céu... Isso não significa que tenho que viver?

Rilke disse que é preciso *ter paciência em relação a tudo que ainda não estiver resolvido em nosso coração*; que é preciso *viver as perguntas*. Sou capaz de fazer isso. Acho que posso fazer isso agora.

– Joe? – Ele está deitado ao meu lado e nossas mãos se tocam.

– O quê?

– Nada. Só estava querendo ter certeza de que você é real. Você é real, não é?

– Tão real quanto alguém que está vivo pode ser – diz ele.

Existem várias maneiras de morrer. Por enquanto, porém, escolho viver.

Nome da paciente: Eden Jones

Escala de Coma de Glasgow

Abertura ocular: Espontânea (4)

Melhor resposta verbal: Coerente com tempo, lugar e pessoa (5)

Melhor resposta motora: Responde a comandos (6)

Resultado: 15

Prognóstico: Ótimo (melhor resultado)

DEPOIS

Texto manuscrito encontrado no final de *Quase morte: histórias verídicas da vida além-mundo*

Bati a cabeça. Estava com minha melhor amiga e havia gelo no chão. Eu estava chateada com umas coisas que não tinham a menor importância e, por isso, não estava muito atenta. Então me afoguei, e foi como se minha vida estivesse passando diante dos meus olhos em flashes. Não, não exatamente. Foi mais como se eu tivesse viajado ao meu passado. Vi umas coisas estranhas e então, quando acordei, já tinha se passado um mês. Demorei muito para sentir que estava efetivamente de volta. Por algum tempo, fiquei com a sensação de não estar em lugar nenhum.

Para dizer a verdade, a parte mais assustadora de tudo não é o que aconteceu; é o que teria acontecido se não tivesse sido daquele jeito.

Se eu não tivesse sofrido aquele acidente, não teria a vida que tenho; também não saberia as coisas que sei. Tudo teria sido diferente. Eu não teria consciência. Portanto acho que acredito mesmo em destino e acredito que o meu era esse, ou, pelo menos, o princípio dele. Às vezes, gosto de colar citações no meu teto, coisas que me fazem lembrar quem sou ou quem quero ser. Espero continuar fazendo isso porque é um jeito legal de eu me lembrar das coisas importantes. Agora, por exemplo, tem esta, tirada do poema “O coração risonho”, de Charles Bukowski. Acho que ela expressa o que estou tentando dizer muito melhor do que eu poderia fazê-lo. Assim espero, pelo

menos. Espero que ela ajude você a entender exatamente o que pretendo expressar. Porque a vida é muito difícil, as pessoas são malucas, ferem-se mutuamente e, na maior parte do tempo, são um saco. A vida é misteriosa, assustadora, frustrante. Mas também é linda, brilhante e mágica. E é sua. Portanto, trate de se apossar dela. Quer dizer, por que não?

*sua vida é sua vida.
conheça-a enquanto ela ainda é sua.
você é maravilhoso
os deuses esperam para se deliciar
em você.*

Eden Austen Jones, 18 anos, bailarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito à minha família da HMH: Mary Wilcox e Betsy Groban, com quem tive o privilégio de trabalhar; Lisa DeSarro, Amanda Acevedo, Ann Dye, Rachel Wasdyke e todos os que me deram apoio, palavras de incentivo e tanto colaboraram com o meu trabalho; minha editora, Ana Deboo; e os talentosos designers. Agradeço especialmente à fabulosa editora Elizabeth Bewley. Posso estar com você em qualquer dia, por qualquer motivo que seja. Adoro seu cérebro. Você é o máximo!

Agradeço também à brilhante Martine Leavitt. Mais uma vez, sem o seu apoio, este romance não existiria. Não mesmo. Portanto obrigada pelas suas palavras, tanto as gentis quanto as severas e, acima de tudo, por dizer “Você é capaz.”

E, é claro, à minha agente Emily van Beek. Sou abençoadíssima por tê-la ao meu lado. Você é incrivelmente empenhada, generosa e criativa. Amo você.

Agradeço à Molly Jaffa, da Folio, que comanda todos os assuntos estrangeiros, e a todo o pessoal da Folio Literary Management. Adoro ter a Liga da Justiça encarregada da minha carreira.

A todos os editores estrangeiros que foram tão maravilhosos, e também a todos os leitores, bibliotecários e livreiros que tive a sorte de conhecer ou com quem tive a sorte de entrar em contato: vocês são os melhores. Sei que todo mundo diz que vocês são o motivo pelo qual alguém escreve, e é verdade. Vocês são mesmo.

Tenho uma grande dívida de gratidão para com a brilhante bailarina Camille Cooper, que por várias vezes interrompeu os preparativos para algum espetáculo só para atender aos meus pedidos de socorro; agradeço à Dra. Mary Seiler, que me pôs a par das questões do coma; e à minha querida Sunny Moore pelo seu dedo verde. E também sou grata a todos aqueles que me mandaram e-mails, que me encontraram para um café e me contaram como é a experiência de quase morte: sei que não foi fácil e agradeço por terem confiado em mim.

Obrigada a Laine Overley e ao meu irmão, Chris Eagleton, que nem sequer hesitaram em ficar com meus filhos nas vezes em que precisei sair: eu não poderia ter feito nada do que fiz sem vocês e sou muito grata por isso.

Às mães Tao (que sabem a que estou me referindo): vocês são um verdadeiro enxame de borboletas amorosas porém inquietas que me dão o maior apoio. Muito obrigada.

A Stuart, meu querido amigo: você é forte e vai superar.

Agradeço ao meu filho, Bodhi, que gosta de escrever suas histórias ao meu lado e sempre me pergunta como estão indo os livros; e à minha filha Lilu, cujas risadas, canto e agitação iluminam cada dia.

A Chris. Você é um verdadeiro milagre! Mal posso acreditar em todo o seu apoio, além de sua mão amiga. A cada dia me surpreendo com a sorte que tenho. Tipo, como?

Por fim, este livro foi escrito no rastro de algumas perdas. Em primeiro lugar, Cinnamon Martinez, que adorava botas de camurça, carros velozes e tinha um sorriso matador; Javon Orion que, como Jasmine, nunca parava quieta, até que parou de vez. E, finalmente, à minha amiga de 25 anos que foi um dos grandes amores da minha vida e uma das lições mais difíceis que tive de aprender, Tanya Feher: você não acordou. Todos os dias me assusto com sua ausência. Espero que esteja bem, livre e em algum lugar, pairando sobre flores.

conheça mais livros da editora arqueiro



O sol também é uma estrela
Nicola Yoon

Natasha: Sou uma garota que acredita na ciência e nos fatos. Não acredito na sorte. Nem no destino. Muito menos em sonhos que nunca se tornarão realidade. Não sou o tipo de garota que se apaixona perdidamente por um garoto bonito que encontra numa rua movimentada de Nova York. Não quando minha família está a 12 horas de ser deportada para a Jamaica. Apaixonar-me por ele não pode ser a minha história.

Daniel: Sou um bom filho e um bom aluno. Sempre estive à altura das grandes expectativas dos meus pais. Nunca me permiti ser o poeta. Nem o sonhador. Mas, quando a vi, esqueci de tudo isso. Há alguma coisa em Natasha que me faz pensar que o destino tem algo extraordinário reservado para nós dois.

O Universo: Cada momento de nossas vidas nos trouxe a este instante único. Há um milhão de futuros diante de nós. Qual deles se tornará realidade?



Tudo e todas as coisas

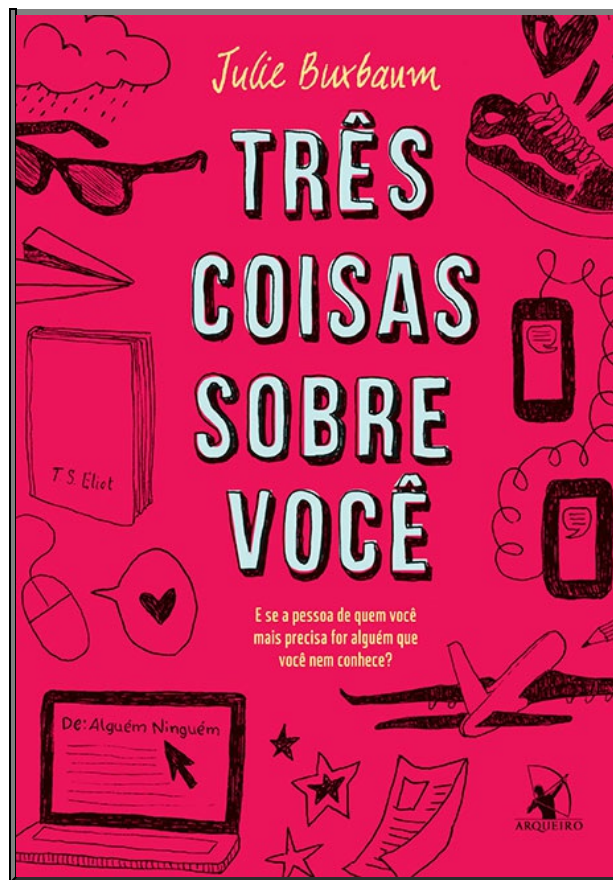
Nicola Yoon

Madeline Whittier tem uma condição rara chamada imunodeficiência combinada grave, que a impede de ter contato com qualquer bactéria e vírus. Aos 18 anos, não pode sair de casa e só tem contato físico com a mãe e a enfermeira. Mesmo vivendo nessa bolha, leva uma vida feliz e tranquila.

Tudo muda no dia em que um caminhão de mudança estaciona na casa ao lado. Pela janela, Madeline vê seu novo vizinho, um garoto de olhos azuis da cor do mar. Os dois se encaram, e ele sorri para ela. Alguma coisa acontece neste momento, mas Maddy nunca adivinharia que sua vida está prestes a mudar para sempre.

Os dois começam a conversar pela janela do quarto e Maddy passa a enxergar cor no mundo lá fora. Agora quer viver de verdade, porém vai ter que lutar contra sua enorme limitação e quebrar muitas regras.

Tudo e todas as coisas mostra a emoção e a angústia de oferecer o coração a outra pessoa, a sensação única de se apaixonar e as loucuras que qualquer um é capaz de cometer por amor.



Três coisas sobre você

Julie Buxbaum

A história gira em torno de Jessie Holmes, que, depois de exatos 733 dias do falecimento de sua mãe, é obrigada a se mudar para Los Angeles depois que o pai se casa com outra mulher. Ela não conhece ninguém na cidade e ainda tem que dividir o teto com a madrasta e o meio-irmão, com quem tem dificuldades de relacionamento. Na nova escola, também enfrenta problemas: acha que não se encaixa e que não vai conseguir fazer novas amizades.

Mas seu processo de adaptação se torna mais fácil quando passa a receber e-mails anônimos de um remetente que se autointitula “Alguém Ninguém”, ou apenas “AN”. Apresentando-se como um conselheiro virtual, ele promete ajudá-la a conhecer melhor a escola, dizendo quem são as pessoas mais legais

e de quais deve manter distância, o que fazer para se sair bem nas matérias e como lidar com os eventos escolares.

A troca de mensagens logo se transforma em amizade, e a insegurança de Jessie é substituída por novas sensações enquanto ela se apaixona por alguém que nunca viu, ouviu ou tocou.



Uma história incomum sobre livros e magia
Lisa Papademetriou

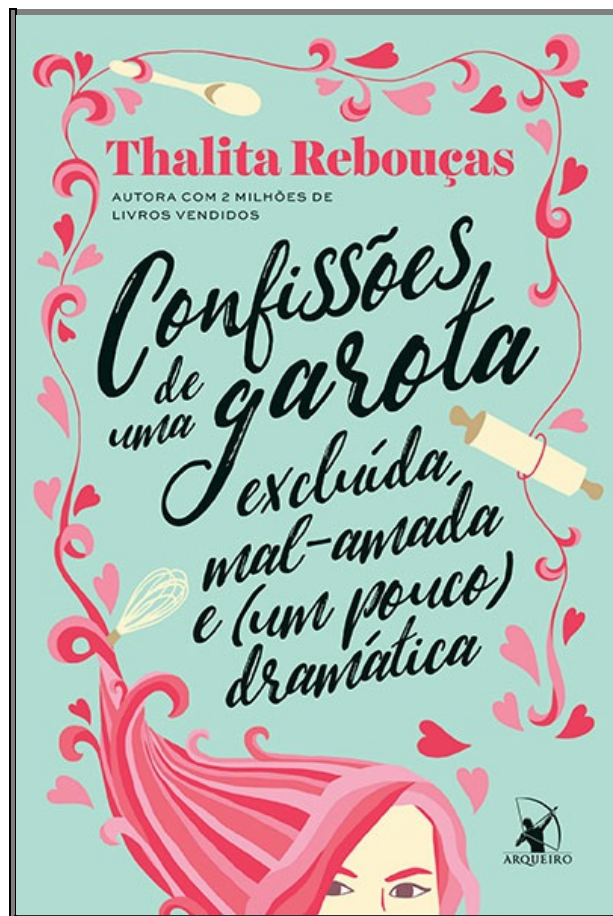
Duas meninas encontram um livro mágico e cada uma se vê envolvida numa história que parece ser contada sozinha.

Kai chega ao Texas para visitar sua tia-avó Lavinia – uma senhora extravagante, durona e fã de hip-hop. Do outro lado do mundo, no Paquistão, Leila deseja ser tratada como uma princesa pela família de seu pai e viver fortes emoções.

Elas só não fazem ideia de que seus mundos completamente diferentes estão prestes a se chocar graças a um enigmático livro em branco.

Quando Kai escreve no livro, suas palavras magicamente aparecem no exemplar de Leila. As meninas então percebem que *O cadáver excêntrico* reage a cada frase acrescentada – não importa se foi inspirada pelo ataque de um chihuahua ou por um mal-entendido com uma cabra – com um trecho da história de amor vivida por Ralph Flabbergast e Edwina Pickle mais de cinquenta anos antes.

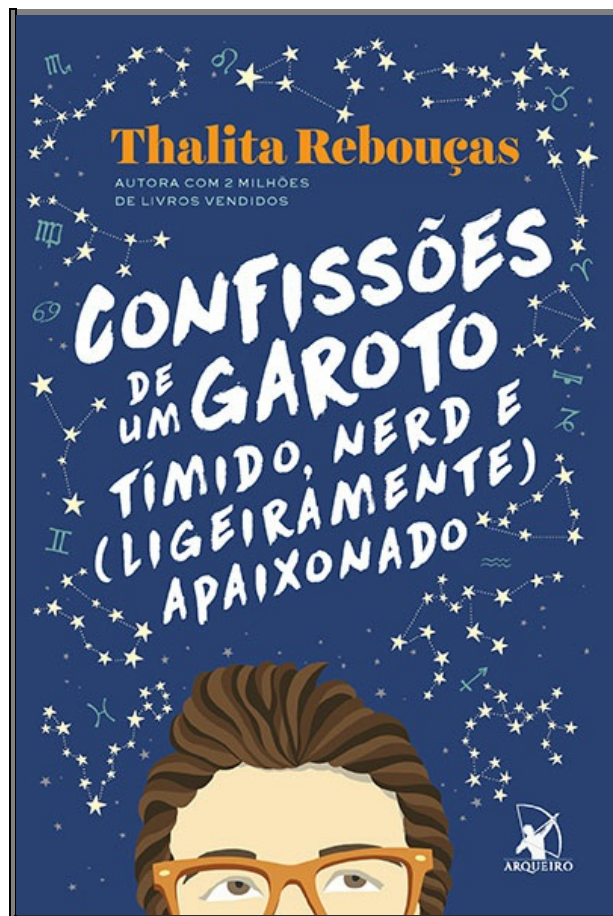
Uma história incomum sobre livros e magia entrelaça essas três perspectivas – de Kai, Leila e Ralph – de uma forma divertida e emocionante. Uma narrativa mágica sobre o destino e os laços invisíveis que nos ligam uns aos outros.



Confissões de uma garota excluída, mal-amada e (um pouco)
dramática
Thalita Rebouças

Tetê acaba de se mudar com a família toda para a casa dos avós em Copacabana, no Rio de Janeiro. O lindo e espaçoso apartamento da Barra da Tijuca em que morava teve que ser vendido, pois, com a crise, o pai foi demitido, e o resultado é que a vida dela virou de cabeça para baixo. Além de perder a privacidade, tendo que dividir o espaço com cinco parentes malucos que brigam o tempo todo, ela perdeu todas as suas referências. A única coisa que a deixa feliz é cozinhar. E, claro, comer as delícias que faz.

O lado bom foi se livrar do antigo colégio, no qual sofria bullying por causa de seu jeito peculiar. Sem contar sua desilusão amorosa... O problema é que ela está apavorada, porque agora tudo será novo e estranho, com o ensino médio, com a nova escola, e sem conhecer ninguém. E ela morre de medo de ser excluída ou de sofrer bullying novamente. Tetê está bem mal, para dizer a verdade. Ou talvez seja um pouco de drama, porque já no primeiro dia as coisas parecem ser um pouco diferentes... Pelo jeito, tudo vai mudar, e para melhor.



Confissões de um garoto tímido, nerd e (ligeiramente) apaixonado
Thalita Rebouças

Davi está no segundo ano do ensino médio e finalmente tomou coragem para iniciar o curso de astrologia que sempre quis fazer mas nunca teve coragem de admitir, por medo de sofrer preconceito.

Entre signos e mapas astrais, conhece Milena, uma menina incrível, que o deixa encantado com seu jeito apaixonante. Tetê, melhor amiga de Davi, o incentiva a investir no relacionamento, mas vencer a timidez é um desafio para ele. Ajudar Zeca, seu amigo que passa por problemas amorosos, também é uma dificuldade, pois Davi é inexperiente no assunto.

No final do primeiro semestre, entretanto, uma novidade causa um rebuliço na turma: Samantha, colega de classe do trio, apresenta Gonçalo, que mora em Portugal e veio passar as férias de verão europeu na casa dela, no Rio de Janeiro.

A chegada do estrangeiro tem efeitos inesperados, e Davi e seus amigos passam a lidar com questões que nunca imaginaram ter que enfrentar.



Mar da Tranquilidade
Katja Millay

Nastya Kashnikov foi privada daquilo que mais amava e perdeu sua voz e a própria identidade. Agora, dois anos e meio depois, ela se muda para outra cidade, determinada a manter seu passado em segredo e a não deixar ninguém se aproximar.

Mas seus planos vão por água abaixo quando encontra um garoto que parece tão antissocial quanto ela. É como se Josh Bennett tivesse um campo de força ao seu redor. Ninguém se aproxima dele, e isso faz com que Nastya fique intrigada, inexplicavelmente atraída por ele.

A história de Josh não é segredo para ninguém. Todas as pessoas que ele amou foram arrancadas prematuramente de sua vida. Agora, aos 17 anos, não

restou ninguém. Quando o seu nome é sinônimo de morte, é natural que todos o deixem em paz. Todos menos seu melhor amigo e Nastya, que aos poucos vai se introduzindo em todos os aspectos de sua vida.

À medida que a inegável atração entre os dois fica mais forte, Josh começa a questionar se algum dia descobrirá os segredos que Nastya esconde – ou se é isso mesmo que ele quer.

Eleito um dos melhores livros de 2013 pelo *School Library Journal*, *Mar da Tranquilidade* é uma história rica e intensa, construída de forma magistral. Seus personagens parecem saltar do papel e, assim como na vida, ninguém é o que aparenta à primeira vista. Um livro bonito e poético sobre companheirismo, amizade e o milagre das segundas chances.

SOBRE A AUTORA



ESTELLE LAURE é fã do escritor Kurt Vonnegut e acredita no amor, na magia e no poder de encarar verdades difíceis. Possui bacharelado em artes cênicas e mestrado em literatura para crianças e jovens adultos na Faculdade Vermont de Belas-Artes. Mora em Tao, no Novo México, com os dois filhos.

Sonhos em flor é a continuação de *Essa luz tão brilhante*, seu livro de estreia que já foi publicado em 15 países.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

Créditos

Antes

A culpa é toda da internet

Lucille e eu ficamos de calcinha e sutiã

E acordo

A garota que afundou no rio está no quarto bem ao lado do meu

Tiro sangue

Uma semana depois disso, no dia 19 de dezembro, é nosso aniversário

Eu sabia que ele estaria aqui e isso é muito esquisito

Meu aniversário foi três dias atrás. E estou indo embora

Durante

Eu devia fazer nas paredes do meu quarto aqueles risquinhos que os prisioneiros dos filmes fazem nas celas

Reggie está esperando à entrada da minha casa

Então é assim que é ser jovem e estar viva

Às vezes fica difícil respirar

Perdi mais seis dias da minha vida

Essa terapeuta bem que poderia fazer terapia agorinha mesmo

A relação que estabeleci foi com uma cadeira

Mas existe Jasmine

A casa de Joe não é nada do que eu esperava

Gigi não trabalha com casos de coma

Eu devia estar surtando agorinha mesmo

– Você roubou meu carro!

Fico segurando a caixa de Madame no colo como se fosse me morder, me espetar

No domingo à noite, sonhei com Jasmine

Depois desse sonho, a escola é tipo “o que é que estou fazendo aqui?”

Ela não está pintando. Está trabalhando com cerâmica

– Cortar lenha, carregar água.

Existem segredos ali

Joe me ajuda a atravessar a rua rumo à casa de Gigi

Estou indo às pressas para o quarto de Jasmine quando Spock me detém

[Estamos na pista de boliche](#)

[Quando chego em casa, resolvo fazer uma faxina na garagem com o meu pai](#)

[A doutora Marlene Gat é extremamente presunçosa](#)

[Vou tentar o paraíso, acho, embora a sensação seja muito mais de inferno](#)

[Poucos dias depois, tenho outro sonho](#)

[Passo dias analisando o sonho](#)

[Jasmine e eu nos encontramos no ar](#)

[Eu devia contar a Joe sobre Jasmine](#)

[Digby está com fones de ouvido](#)

[A casa de Parker está uma zona](#)

[Ter insônia é um saco!](#)

[É hora de encarar o santuário](#)

[Minha mãe está deitada](#)

[Um grande dia para o funeral de uma jaqueta de couro](#)

[Sei que é grosseria ir embora do próprio funeral](#)

[O quarto de Jasmine](#)

[Quando eu morrer, não é da Terra que vou sentir falta, de sua flora e fauna, de suas belezas, de suas estações](#)

[Depois](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça mais livros da Editora Arqueiro](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

ESTELLE LAURE

· ESSA ·
- LUZ -
- ♥ TÃO ·
BRILHANTE

SERÁ QUE A MELHOR COISA PODE
ACONTECER NO PIOR MOMENTO?



Essa luz tão brilhante

Laure, Estelle

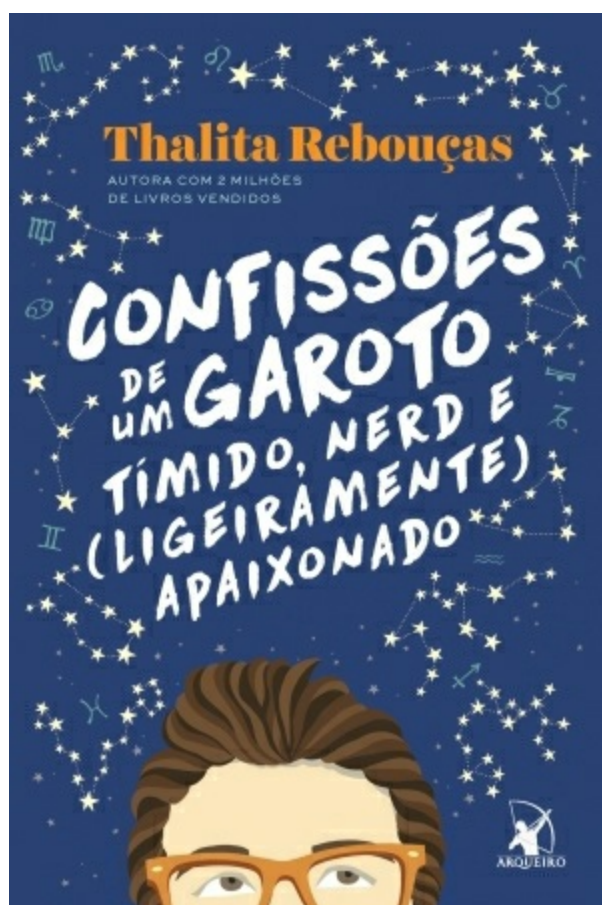
9788580416022

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

O pai dela surtou e foi internado. A mãe disse que ia viajar por uns dias e nunca mais voltou. Wren, sua irmãzinha, parece bem, mas já está tendo problemas na escola. Lucille tem só 17 anos, e todos os problemas do mundo. Se não conseguir arrumar um emprego para pagar as contas e fingir para os vizinhos que está tudo em ordem, pode perder a guarda da irmã. Sorte a dela ter Eden, uma amiga tão incrível que se dispõe a matar aulas para ajudá-la. Azar o dela se apaixonar perdidamente justo agora, e justo por Digby, o irmão gêmeo de Eden, que é lindo, ruivo... mas comprometido. Essa luz tão brilhante é a história de uma garota que descobre uma grande força dentro de si enquanto aprende que a vida e o amor podem ser imprevisíveis, assustadores e maravilhosos – tudo junto e misturado.

[Compre agora e leia](#)



Confissões de um garoto tímido, nerd e (ligeiramente) apaixonado

Rebouças, Thalita

9788580416961

304 páginas

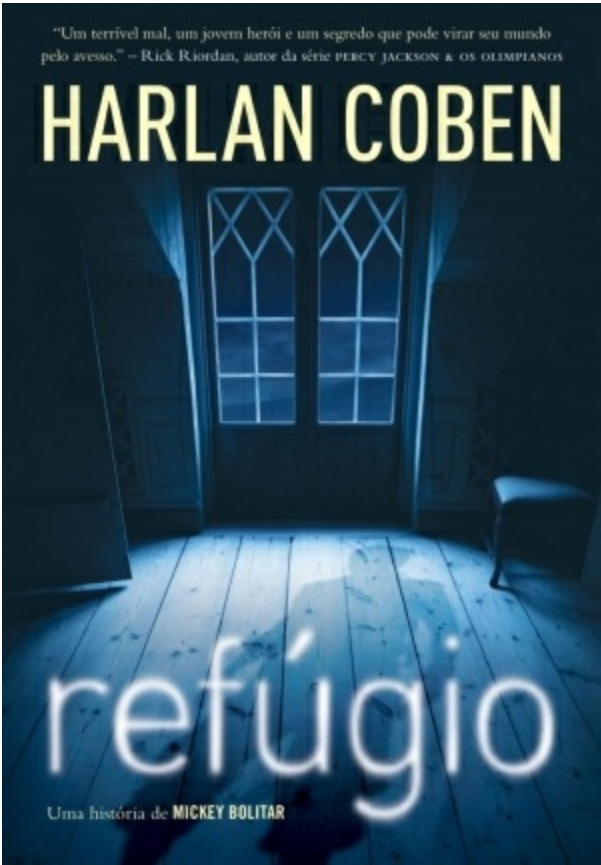
[Compre agora e leia](#)

Davi está no segundo ano do ensino médio e finalmente tomou coragem para iniciar o curso de astrologia que sempre quis fazer mas nunca teve coragem de admitir, por medo de sofrer preconceitos. Entre signos e mapas astrais, conhece Milena, uma menina incrível, que o deixa encantado com seu jeito apaixonante. Tetê, melhor amiga de Davi, o incentiva a investir no relacionamento, mas vencer a timidez é um desafio para ele. Ajudar Zeca, seu amigo que passa por problemas amorosos, também é uma dificuldade, pois Davi é inexperiente no assunto. No final do primeiro semestre, entretanto, uma novidade causa um rebuliço na turma: Samantha, colega de classe do trio, apresenta Gonçalo, que mora em Portugal e veio passar as férias de verão europeu na casa dela, no Rio de Janeiro. A chegada do estrangeiro tem efeitos inesperados, e Davi e seus amigos passam a lidar com questões que nunca imaginaram ter que enfrentar.

[Compre agora e leia](#)

"Um terrível mal, um jovem herói e um segredo que pode virar seu mundo pelo avesso." – Rick Riordan, autor da série PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

HARLAN COBEN



refúgio

Uma história de **MICKEY BOLITAR**

Refúgio

Coben, Harlan

9788580411027

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mickey Bolitar nunca levou uma vida muito comum. Passou toda a infância se mudando para diferentes partes do mundo por conta do trabalho humanitário de seus pais, Kitty e Brad Bolitar. Tudo parecia perfeito – o casal era muito apaixonado e se sentia realizado com seu trabalho. No entanto, seu filho estava entrando na adolescência e não parecia justo que ele não pudesse estabelecer raízes e fazer amigos, como qualquer jovem de 15 anos.

Decididos a viver de um modo um pouco mais convencional, Brad e Kitty retornam aos Estados Unidos, onde pretendem se estabelecer até que Mickey vá para a faculdade. Mas a família é atingida por um doloroso golpe do destino: Mickey presencia a morte do pai num grave acidente de carro e Kitty, incapaz de lidar com a dor da perda, se entrega às drogas. O rapaz então se depara com o desafio de sobreviver a essa grande reviravolta em sua vida. Em meio a um turbilhão de acontecimentos, Mickey tem que se esforçar para se adaptar à nova realidade. Ele só não imagina que seus problemas estão apenas começando...

[Compre agora e leia](#)

O BEST-SELLER MUNDIAL AGORA PARA JOVENS

DAN BROWN



A MAIOR CONSPIRAÇÃO DOS ÚLTIMOS 2 MIL ANOS
ESTÁ PRESTES A SER REVELADA



O Código Da Vinci – Edição especial para Jovens

Brown, Dan

9788580416268

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Código Da Vinci, livro que consagrou Dan Brown como um dos autores mais brilhantes da atualidade, ganha uma nova versão, especialmente preparada para o público jovem, com fotos coloridas que enriquecem ainda mais o livro. A MAIOR CONSPIRAÇÃO DOS ÚLTIMOS 2 MIL ANOS ESTÁ PRESTES A SER REVELADA Um assassinato dentro do Museu do Louvre traz à tona uma sinistra conspiração para revelar um segredo protegido por uma sociedade secreta desde os tempos de Jesus Cristo. Com a ajuda da criptógrafa Sophie Neveu, o professor de Simbologia Robert Langdon segue pistas ocultas nas obras de Leonardo Da Vinci e se debruça sobre alguns dos maiores mistérios da cultura ocidental – do sorriso da Mona Lisa ao significado do Santo Graal. Mesclando os ingredientes de um envolvente suspense com informações sobre obras de arte, documentos e rituais secretos, O Código Da Vinci consagrou Dan Brown como um dos autores mais brilhantes da atualidade e agora chega em nova versão, especialmente preparada para o público jovem, com fotos coloridas que enriquecem ainda mais o livro.

[Compre agora e leia](#)

Stanley Gordon West

ONDE MORA A CORAGEM

A história da fé e da garra de um time
que não se rende à derrota



Onde mora a coragem

Gordon West, Stanley

9788580412062

496 páginas

[Compre agora e leia](#)

Cada morador da pequena cidade de Willow Creek parece guardar um passado de perdas, alguma história que os fez buscar esse lugarejo esquecido pelo mundo e nele se estabelecer. Apesar de tudo, eles seguem adiante com determinação. Durante o rigoroso inverno, quando o trabalho nas fazendas diminui, os jogos de basquete são a força vital da cidade. Se o time perde, o desânimo se instala e o frio se torna insuportável. E já se vão cinco anos sem que a equipe de Willow Creek obtenha uma vitória sequer. Contudo, o destino ainda reserva algumas surpresas. Quando um excelente jogador vindo de Milwaukee e um norueguês de mais de 2 metros de altura chegam à cidade, o técnico Sam Pickett vê neles a possível salvação do time. Sam assume a difícil missão de ensinar basquete ao gigante e consegue reunir um grupo improvável de seis garotos. Com o novo desafio e a ajuda inesperada de Diana Murphy, a professora de biologia, Sam vai combater seus fantasmas e tentar reconstruir a própria vida. Onde mora a coragem é uma comovente história que mostra que o verdadeiro heroísmo está em recusar-se a desistir, mesmo quando parece não haver nenhuma chance de vitória.

[Compre agora e leia](#)